

## **ANEXOS**

## **Anexo A. Portefólio de Jardim de Infância**



**ESCOLA SUPERIOR  
DE EDUCAÇÃO  
DE LISBOA**



**INSTITUTO  
POLITÉCNICO  
DE LISBOA**

### **PORTEFÓLIO DE JARDIM DE INFÂNCIA**

**Maria Cunha de Sá**

(2016135)

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho realizada no âmbito da Unidade Curricular de Prática Profissional  
Supervisionada II

Supervisora: Professora Rita Brito

**2017-2018**

## ÍNDICE

1. REFLEXÕES .....	56
a. REFLEXÕES DIÁRIAS .....	56
i. 1º dia- 25/09/2017 .....	56
ii. 2º dia- 26/09/2017 .....	58
iv. 4º dia- 28/09/2017 .....	61
i. 4ª semana: 16-20 de outubro – importância dos registos escritos .....	63
ii. 5º dia- 29/09/2017 .....	65
b. Reflexões Semanais .....	68
i. 2ª semana: 2-6 de outubro .....	68
ii. 3ª semana: 9-13 de outubro .....	70
iii. 5ª semana: 23-27 de outubro .....	72
iv. 6ª semana: 30 de outubro a 3 de novembro .....	74
v. 7ª semana: 6-10 de novembro .....	76
vi. 8ª semana: 13-17 de novembro .....	78
vii. 9ª semana: 20 – 24 de novembro .....	80
viii. 10ª semana: 27 a 30 de novembro .....	81
ix. 11ª semana: 4 a 7 de dezembro .....	83
x. 13ª semana: 8 a 12 de janeiro .....	84
xi. 14ª semana: 15 a 19 dezembro .....	85
2. PLANIFICAÇÕES .....	87
a. Atividade “Frascos Pequenos, Médios Ou Grandes?” Planificação Emergente .	87
b. “As Nossas Alturas” – Planificação Emergente .....	90
c. Quantas pertencem ao grupo do jogo dramático .....	92

d.	Bandeira De Portugal– Planificação Emergente .....	98
e.	Pesquisa E Registo Da Receita De Panquecas De Aveia .....	100
f.	Fita Métrica .....	105
g.	Teatro “A Cigarra E A Formiga” .....	110
h.	Lenda De São Martinho.....	114
i.	Cartaz para pedir castanhas às famílias .....	123
j.	Projeto das Raias- O Que Queremos Saber? Como Vamos Fazer? – Planificação Do Projeto .....	127
k.	Onde podemos ver raias em Lisboa?.....	133
l.	Exploração De Uma Raia .....	138
m.	Quais as dimensões da maior raia existente.....	144
n.	Cartaz para a comunicação .....	151
o.	Construção do Jogo das raias.....	152
p.	Hora Do Conto – <i>O Cuquedo E Um Amor Que Mete Medo</i> .....	157
q.	Jogo Da Mímica .....	158
3.	REFERÊNCIAS .....	160

## **1. REFLEXÕES**

### **a. REFLEXÕES DIÁRIAS**

#### **i. 1º dia- 25/09/2017**

Apresentei-me na instituição escolar pelas 11h da manhã- hora que me tinha sido indicada pela educadora aquando o telefonema de apresentação, realizado na semana anterior- e dirigi-me à receção. A senhora que estava presente neste local pediu-me que preenchesse um papel com algumas informações pessoais. Quando acabado este processo apareceu a educadora com quem vou realizar a minha PPS- Educadora Ema- e a coordenadora e diretora pedagógica do JI em questão – Educadora Cristina.

Durante esta conversa as duas educadoras explicaram-me como o JI funciona e qual a metodologia que usam. Explicaram-me que a instituição funciona de uma forma diferente do habitual, existindo 4 salas de JI- a sala de transição, a sala do jogo dramático, a sala das expressões e a sala intelectual.

A sala de transição tem um grupo fixo que permanece sempre na mesma sala. Existe, também, a sala do Jogo Dramático, constituída por 37 crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos de idade e a Sala Intelectual, também com 37 crianças com idades entre os 4 e os 5 anos. Todos os dias de manhã, após a reunião de acolhimento, as crianças têm a possibilidade de escolher para qual das três salas – Expressões, jogo dramático, intelectual - querem ir, ficando assim 25 crianças em cada uma destas três salas. Desta forma existe, o que é chamado de grupo de referência da sala do jogo dramático e da intelectual, mas as crianças têm a possibilidade de escolher outras salas durante o dia.

Foi-me explicado, genericamente, o horário das crianças, dizendo que existem dois momentos de escolha da sala para onde querem ir – de manhã, por volta das 9h30/10h e de tarde, depois do almoço, às 14h15.

Depois de me terem dado estas informações sobre o funcionamento do JI afirmaram que utilizam a metodologia de trabalho projeto. De seguida, encaminharam-me para o andar no qual se encontram as salas e mostraram-me cada uma delas, apresentando-me a equipa e as crianças. Quando cheguei à sala do jogo dramático fui

apresentada ao grupo e à auxiliar Susana. O grupo estava a comer a fruta e a fazer a avaliação do Plano do dia. Quando acabaram esta avaliação algumas crianças questionaram-me sobre o porquê de eu estar ali ao qual eu respondi que estava a aprender a ser educadora como a Ema e que estava naquela sala para que todos me pudessem ajudar a aprender mais.

Algumas crianças perguntaram-me “Porque é que estás na nossa sala?” e eu respondi “Porque estou a aprender a ser educadora como a Ema e preciso que vocês todos me ajudem. Pode ser?” (Nota de Campo nº1, 25/09/2017).

De seguida a Susana pediu para que todas as crianças se apresentassem dizendo o seu nome. Ouvi o grupo que estava na sala (não são os 37 porque alguns tinham escolhido outras salas para ir durante a manhã) e fui repetindo cada um dos nomes de maneira a confirmar que dizia corretamente os nomes de cada uma das crianças.

Já no período da tarde, enquanto o grupo estava a fazer a escolha da sala para onde querem ir, o Luís, quando foi a sua vez disse

“Eu quero ir para as Expressões porque de manhã fiquei no Jogo Dramático.” (Nota de Campo nº2, 25/09/2017).

Esta atitude e justificação da escolha por parte da criança surpreendeu-me devido ao facto de mostrar não só o seu poder de escolha, mas também o de saber o porquê desta, ou seja, não foi uma escolha feita sem razão aparente, a criança fê-la intencionalmente e soube justifica-la, mesmo sem ninguém lhe pedir qualquer tipo de justificação.

Durante o período da tarde fiquei na área da casinha com algumas crianças e fui interagindo com elas, mas por vezes enganava-me no nome destas e elas corrigiam-me. A certa altura,

Quis chamar a Matilde, mas enganei-me no nome e esta disse logo “Eu não sou a Matilde, sou a Madalena.” Eu pedi desculpa e disse “Desculpa Madalena, eu sou um pouco esquecida, mas eu prometo que vou fazer um esforço para saber o nome de todos meninos e meninas da sala, mas às vezes posso precisar de um pouco de ajuda, podes me ajudar quando precisar?” e a criança retorquiu imediatamente “Claro que sim, quando precisares de ajuda chama-me” (Nota de Campo nº 3, 25/09/2017).

Esta atitude para mim foi um indicador bastante positivo que a criança me deu. Dizendo que me queria ajudar disse também, na minha opinião, que estava à vontade com a minha presença na sala e que podia contar com ela para me ajudar nas minhas dificuldades.

O balanço do primeiro dia foi bastante positivo, embora me esteja a adaptar à rotina do JI e a tentar conhecer cada uma das crianças e dos membros da equipa o melhor possível.

## **ii. 2º dia- 26/09/2017**

Terça-feira cheguei à instituição pelas 9 da manhã e dirigi-me para a sala do Jogo Dramático. Algumas crianças estavam já na sala com a Ema e outras estavam a chegar com os pais. A educadora explica-me que ainda existem algumas crianças que choram quando os pais ou as mães os deixam na escola, mas esta afirma que já há uma grande melhoria desde o principio do ano letivo.

Assim que uma criança chega à sala entra e deve colocar a sua presença no mapa, pintando uma bola verde na linha do seu nome e na coluna correspondente ao dia da semana e do mês em que estão. A maioria das crianças é, ainda, ajudada pelo adulto que os deixa na escola - pais e mães. Quando a presença está marcada despedem-se e vão se sentar no chão ao pé do resto do grupo que já está na sala. Apesar de ser ainda o principio do ano existem já algumas crianças que fazem a marcação das presenças autonomamente, conseguindo fazer a leitura de uma tabela de dupla entrada.

O momento da reunião da manhã parece-me um pouco difícil devido ao facto de a educadora e do grupo serem constantemente interrompidos por crianças e famílias que chegam mais tarde à escola,

A Educadora está a tentar iniciar o momento da reunião matinal e começa a cantar canções que o grupo vai pedindo, mas é interrompida por uma mãe que chega e entra dentro da sala com o seu filho e começa a falar com ele num tom elevado, pedindo-lhe que lhe desse um beijinho e um abraço de despedida o que causou alguma ansiedade na criança, começando a chorar. A Educadora levantou-se e foi ajudar neste

momento de separação. Esta situação repetiu-se várias vezes (Nota de Campo nº4, 26/09/2017).

Esta situação acaba por fazer com que o grupo se disperse e que existam vários momentos que quebram a conversa entre as crianças e a educadora. Na minha opinião, existem duas possíveis soluções para a resolução desta situação. A primeira seria feita pela parte das famílias, no sentido de fazerem um esforço para chegarem por volta das 9h/9h15, no máximo, à sala para que depois esta reunião pudesse começar sem interrupções e com o grupo completo. A segunda solução poderia ser a reunião da manhã começar às 9h30, hora pela qual a maior parte do grupo já está em sala. Porém, esta segunda solução tem o problema de ser já um pouco tarde, tirando tempo de discussão em grupo e de atividades nas salas escolhidas.

Já na hora de almoço quando todas as crianças estão sentadas à mesa a Auxiliar Susana diz que quer ver qual vai ser o primeiro a acabar a sopa, o grupo fica bastante entusiasmado e começam todos a comer a sopa para ver quem é que acaba primeiro.

A auxiliar chega ao refeitório e incentiva o grupo a começar a comer a sopa dizendo “Quero ver quem vai ser o 1º a acabar a sopa! Quem vai ficar em 1º lugar?”. As crianças começam todas a comer dizendo que vão ganhar. (Nota de Campo nº 5, 26/09/2017).

À medida que cada criança acaba a sopa a Susana vai dizendo em alto em que lugar ficaram. Algumas crianças reagem de forma muito positiva, ficando contentes com a posição que conseguiram a comer a sopa, mas outras ficam frustradas por na terem ficado na que queriam, tal como foi o caso do Pedro.

O Pedro começa a chorar porque quando acaba a sopa a Susana (auxiliar) diz-lhe que este ficou em 3º e este queria ficar em 2º. (Nota de Campo nº 6, 26/09/2017).

A seguir ao intervalo do almoço as crianças vão à casa de banho e vão entrando na sala. Neste processo,

A Carolina mordeu a Sara à porta da sala do jogo dramático. A Sara começa a chorar e a Ema pergunta o que se passou, quando lhe foi explicada a situação pediu a Sara para ir pôr gelo e disse que na reunião

da tarde resolviam este assunto. A Sara aceitou e foi buscar o gelo. (Nota de Campo nº 7, 26/09/2017).

Quando já estavam todos sentados na roda para começarem a reunião do almoço a Educadora aborda o assunto dizendo,

. . . calmamente “Agora temos um assunto muito sério para tratar, Sara e Carolina querem explicar o que se passou?”. A Sara não disse nada e a Carolina respondeu “Eu mordi a Sara.” e a Ema pergunta à Carolina “Diz-me uma coisa, tu estiveste cá quando fizemos as regras?” e a criança acena que sim. A educadora pede à Leonor para relembrar aquilo que esta tinha dito quando criaram as regras – as regras servem para nós sermos todos felizes dentro da escola. A Carolina respondeu que sim, que estava e que por isso queria pedir desculpa à Sara. De seguida a Ema deu a palavra à Sara perguntando-lhe se ela achava que o assunto já estava resolvido ou se esta queria escrever no diário semanal na parte do “não gostámos”. A Sara disse que queria escrever para sexta feira falarem disto no conselho semanal. A Ema registou o que a criança disse e a reunião avançou. (Nota de Campo nº 8, 26/09/2017).

Esta situação foi bastante rica para todo o grupo porque a educadora manteve a calma durante todo este processo e deixou que fossem as crianças a resolverem a situação, deixando-as decidir aquilo que queriam fazer em relação a esta situação. É importante referir, também, que as regras foram construídas pelas crianças, estas é que ditaram as regras de acordo com aquilo que consideraram necessário. Desta forma, a educadora não considera que as regras estão fechadas, ou seja, estas podem ser alteradas ou acrescentadas de acordo com a necessidade do grupo.

### **iii. 3º dia- 27/06/2017**

A escolha da manhã foi feita e o grupo que escolheu ficar na sala do jogo dramático falava do plano do dia decidindo quem ia para que área e o que é que ia fazer nessa mesma área. Quando uma criança escolheu a área dos jogos de chão a Ema sugeriu que o grupo que ficasse neste espaço fizesse uma construção que remetesse para o outono, pedindo-me que os apoiasse.

Já na área dos jogos de chão, as 5 crianças estavam um pouco perdidas sem saber muito bem o que era para fazer. Tentei explicar, falando um pouco sobre o outono e perguntando aquilo que eles sabiam sobre esta estação do ano. A Madalena perguntava-me algumas vezes “E agora o que é que podemos fazer?”. (Nota de Campo nº 11, 27/09/2017)

Na minha opinião o grupo estava um pouco perdido e sem muito interesse na atividade porque não tinha sido proposta por eles e desta forma, não me pareceu, que estes estivessem interessados na mesma. O João – da sala Intelectual – era o mais envolvido e aquele que estava a conseguir traduzir aquilo que sabia sobre o outono em algumas pequenas construções.

O João começou a construir um carro. Quando perguntei o que era e para que servia a criança respondeu-me de imediato “é um carro de outono, serve para apanhar as folhas que caem, para não ficarem no chão.” (Nota de Campo nº 12, 27/09/2017).

Já na divulgação do projeto notou-se algum nervosismo e timidez por parte das crianças da sala do jogo dramático. Penso que esta atitude deve-se ao facto de ainda estarmos no início do ano letivo e por algumas crianças não estarem habituadas a este tipo de metodologia que envolve a partilha de resultados.

Na apresentação ao resto do grupo as crianças ficaram um pouco mais inibidas, não explicando a construção da forma que explicaram quando estávamos apenas em pequeno grupo. (Nota de Campo nº 13, 27/09/2017).

#### **iv. 4º dia- 28/09/2017**

Quando cheguei à sala pelas 9h da manhã, as crianças estavam a brincar. Por volta das 9h10 a Leonor chega à sala com o pai e

entra e deita-se no tapete da área da biblioteca com os seus pares. O pai fica a olhar para ela e vai chamá-la e pergunta-lhe “Então não te despedes do pai?”. A criança agarra-se ao pai e dá-lhe um beijinho. O pai volta a agarrá-la e diz para ela ir ter com os seus amigos e a Leonor

começa a chorar, dizendo que já não quer ficar na escola. (Nota de Campo nº 14, 28/09/2017).

Esta situação fez-me refletir sobre os momentos de separação das crianças, pensando que, por vezes, são os pais que dificultam este momento. Neste caso, a Leonor entrou na sala calma e foi ter com os seus amigos para começar o seu dia a brincar, o pai ao ficar a olhar para ela e chamá-la tornou o momento da separação bastante mais marcado e duradouro o que incomodou a Leonor. Esta situação devia ser retificada por parte dos pais e das famílias, pensando também que esta atitude torna a separação difícil para os seus filhos / educandos e que destabilizam, também o resto do grupo.

Durante este dia foram várias as situações nas quais a educadora valoriza o papel da criança, fazendo que sejam elas próprias a ter a responsabilidade de gestão do grupo.

O Rafael hoje trouxe folhas de ouriços para o projeto sobre os mesmos e por isso a Ema pergunta-lhe se ele quer participar neste projeto. A criança diz que sim e por isso perguntam ao responsável deste projeto (a criança que sugeriu este mesmo projeto) – o Salvador – se o Rafael pode participar e este disse que sim. (Nota de Campo nº 18, 28/09/2017) Algumas crianças estão com o dedo no ar e a Ema diz “Senhor responsável do dia estão meninos com o dedo no ar. Será que algum pode falar?”. O Guilherme – responsável do dia – diz que sim e aponta para as crianças que ele dá a palavra. (Nota de Campo nº19, 28/09/2017).

Esta valorização do papel das crianças, na minha opinião, é um ponto fundamental para o processo de crescimento e aprendizagem da criança. É notório que o grupo sente a responsabilidade e, conseqüentemente, sente-se valorizado com estas atitudes da equipa educativa.

Porém, nota-se que esta atitude de valorização e respeito pela criança não é tida por todos os membros da equipa educativa,

A Ema (criança) está a tentar partilhar algo com o grupo e começa a gaguejar enquanto diz “É que... é que...”. A educadora Rosa - que, entretanto, chegou à sala para levar o grupo que escolheu a sala das expressões – apressa a criança dizendo “Vá rapariga, é que o quê?”. A

Educadora Ema intervém dizendo calmamente “Calma Ema, tu consegues, o que é que nos queres contar?” (Nota de Campo nº22, 28/09/2017).

A atitude da educadora Rosa perturbou ainda mais a criança e esta ficou calada até a educadora Ema intervir e encorajar a criança a continuar o seu discurso de forma a partilhar o que pretendia.

#### **i. 4ª semana: 16-20 de outubro – importância dos registos escritos**

Como mote para a presente reflexão, referente à 4ª semana de PPS II, irei refletir sobre um tipo de instrumento de pilotagem que é utilizado em sala - registos escritos. Este instrumento chamou-me à atenção desde o primeiro dia da PPS II visto que as paredes da sala estão com muitos destes registos que vão sendo produzidos. Desta forma, e visto que já os utilizo na minha prática, considero importante refletir e pesquisar para que possa aprofundar o meu conhecimento sobre os mesmos e expor, também, a minha opinião sobre eles. Para tal, irei utilizar diversos autores para sustentar o meu ponto de vista sobre o tema.

Numa primeira fase considero essencial explicitar como é feita a utilização destes registos - quem os faz, como se faz, de quem parte a iniciativa de os fazer e com que intuito são feitos.

Os registos são realizados pelo adulto e pela criança num trabalho conjunto, na medida em que a criança diz ao adulto aquilo que ela quer que esteja escrito na folha e o adulto escreve a frase ou as frases que a criança diz. De seguida, a criança ilustra o registo que pediu para ser feito da forma que entender, sendo que na maioria das vezes o desenho é uma ilustração da frase que foi escrita pelo adulto.

Na minha opinião, é importante realçar que existem vários tipos de registo, aqueles que surgem sem ser planeados, ou seja, quando a criança consegue fazer algo novo ou diferente e pede ao adulto para escrever aquilo que conseguiu,

O Thiago está a escrever o seu nome numa folha e quando me aproximo da mesa ele pergunta “Quais são as letras do teu nome?”. Eu respondi

dizendo todas as letras de “Maria” de seguida ele afirma “Eu não sei quais são essas letras.” Retorqui dizendo “Queres que escreva o meu nome para tu veres as minhas letras?” A criança abana a cabeça dizendo que sim. Depois de escrever o meu nome e dizer o nome de cada uma das letras, o Thiago começa a escrever o meu nome no seu desenho. Quando acaba, dou-lhe os parabéns e ele diz “Eu quero registar que gostei muito de aprender letras de outros nomes.” Fui buscar uma folha e escrevi aquilo que a criança me disse e de seguida o Thiago ilustrou o registo. (Nota de campo nº 87, 16/10/2017)

Por outro lado, existem os registos que são utilizados como forma de resolução de problemas ou conflitos, tal como os acordos que são produzidos na reunião do conselho semanal. Estes, pelo que observei até agora, são propostos pelo adulto (no conselho) mas depois são explorados pelas crianças, ou seja, as crianças é que arranjam forma de criar esse mesmo acordo. Neste caso, a função/ o papel do adulto é propô-los e depois mediar e escrever aquilo que as crianças do grupo dizem.

“Como o Pedro, Martim e Afonso B não conseguem resolver os problemas e não respeitam as regras da sala eu sugiro que se faça um acordo para cada um deles. O que acham? Acham que vale a pena e que vos vai ajudar a cumprir as regras?” diz a Ema. O Afonso e o Martim dizem que sim, mas o Pedro diz que não quer. Ao ser confrontada com esta resposta do Pedro a Educadora diz “Olha Pedro, eu não sei o que é que nós podemos fazer mais para te ajudar. Já criamos as regras da sala e eu já te propus o acordo, os outros meninos também não têm mais soluções por isso, não sei o que te diga. Vais ficar a pensar enquanto nós fazemos o acordo com o Martim e com o Afonso B.” (Nota de Campo nº 83, 13/10/2017)

Depois de criado e registado este acordo a criança ilustra o mesmo e este fica pendurado numa parede da sala para que possa ser consultado pela criança sempre que for necessário.

Na minha opinião, este tipo de registo é fundamental visto que a criança que faz o registo sente o seu trabalho valorizado e quase como se estivesse eternizado. Para além

disto, o facto de estar exposto nas paredes da sala permite que as outras crianças do grupo, as famílias e a equipa da sala e da instituição consigam ver as evoluções e conquistas de cada uma das crianças. Estes registos acabam por ser uma forma de comunicação ao grupo daquilo que conseguem realizar ou das aprendizagens efetivadas. Segundo Folque (1999) “Ouvir o que a criança tem a dizer e ajudá-la a comunicar com o grupo ajuda a criança a descentrar-se e a estar mais receptiva a diferentes perspectivas.” (p.9).

Para além deste aspeto, estes registos são uma forma de a criança ter contacto com o código escrito “A partir do texto individual, as crianças envolvem-se na descoberta do código escrito, reproduzindo-o e imprimindo-o na imprensa ou no computador. (Folque, 1999, p.10).

Por fim, o aspeto que considero, também, fundamental para que estes registos se assumam fundamentais na minha pratica é o facto da criança que está a fazer ou que pede para os fazer se sinta valorizada. No primeiro caso que aponte a iniciativa surge da criança, este sente a necessidade de partilhar aquilo que aprendeu ou que conseguiu fazer e o adulto não só respeita a sua vontade como ouve aquilo que a criança realizou e aquilo que sentiu ao conseguir fazer algo de novo. Já no segundo tipo de acordo apresentado, mesmo não sendo iniciativa da criança, esta sente que está envolvida no processo de resolução de problemas. No caso do acordo, que foi apresentado acima a crianças foram envolvidas e ouvidas numa possibilidade de resolução do problema posto e quando conseguiram apresentar uma solução para a situação a educadora escreve aquilo que foi dito pelas crianças. Desta forma, a aprendizagem e a evolução das crianças torna-se significativa.

## **ii. 5º dia- 29/09/2017**

Sexta feira é dia de conselho e para que o máximo das crianças do grupo esteja presente este começou, apenas, pelas 9h40 da manhã. Na minha opinião, esta atitude de começar mais tarde valoriza de imediato o conselho, sendo intenção da equipa que todo o grupo esteja presente nesta reunião semanal.

Por volta das 9h35 a educadora pediu que cada criança do grupo agarrasse numa cadeira e que formassem um círculo na sala. Quando já toda a gente tinha uma cadeira a Ema perguntou ao responsável do dia – Henrique – se se podiam sentar,

O grupo está todo em pé a frente das cadeiras e o Henrique que é o responsável do dia diz que o grupo já se pode sentar. (Nota de Campo nº23, 29/09/2017).

Como já é hábito o responsável do dia conduz aquilo que o grupo vai fazer e por isso, a Educadora Ema pergunta-lhe

“Henrique, vamos começar pelo gostámos ou pelo que não gostámos?” e a criança afirma que quer começar pelo “não gostámos.” (Nota de Campo nº24, 29/09/2017).

Sendo assim, a Ema pediu para que todas as crianças que tivessem o nome escrito no “não gostámos” se levantassem para poderem falar sobre isso e verificar se a situação estava ou não resolvida. A maioria dos “não gostámos” estavam já resolvidas e isso percebia-se pela reação das crianças que quando se levantavam, faziam-no calmamente e assim que se perguntava o que se tinha passado elas contavam e diziam que a situação já tinha sido resolvida e encerrada. Porém o Pedro não aceitou as críticas que lhe eram feitas negando tudo aquilo que as outras crianças diziam que ele tinha feito, e por isso foi necessário que a Ema e a Susana interviessem para que a criança se acalmasse e percebesse que aquele momento não era de julgamento, mas sim de tentativa de resolução de problemas existentes na sala.

O Pedro começa a chorar com a confrontação de ter feito coisas que algumas crianças do grupo não gostaram e diz que não fez nada daquilo. A Ema pede ao Pedro para ouvir o que as crianças estão a dizer e que no fim ele pode falar e explicar o que aconteceu. O Pedro para de chorar e diz que as situações já estão resolvidas. O Vicente, que escreveu na folha que o Pedro lhe destruiu uma construção diz “O Pedro já pediu desculpa, por isso já somos amigos e está resolvido.” (Nota de Campo nº25, 29/09/2017).

A Educadora Ema usou, também o plano semanal para dizer que não gostava que fossem sempre as mesmas crianças a arrumar a sala e, como percebeu que isto acontecia

pensou que seria necessário criar uma regra para este momento. Contudo, como as regras são criadas pelo grupo segundo as necessidades que têm, a educadora decidiu reportar esta situação e perguntar ao grupo se pensava ser necessário a criação de regras para o momento de arrumação da sala.

A Educadora Ema diz que escreveu uma coisa no não gostámos - “Não gostámos quando ninguém ajuda a arrumar a sala” - e pergunta se acha necessário criar regras para a arrumação da mesma. As crianças dizem que sim e começam a criar as regras. A auxiliar Susana pergunta qual é a primeira coisa que temos de fazer quando é hora de arrumar e a Leonor diz “Temos de parar aquilo que estamos a fazer e começar a arrumar a área em que estamos.” O grupo concorda e a Susana escreve a regra. (Nota de Campo nº 26, 29/09/2017).

Para além de tudo o que foi mencionada acima, sinto necessidade de salientar a atenção que a educadora tem com o grupo. Passado já mais de uma hora de conselho a educadora percebeu que o grupo estava a ficar bastante irrequieto e por isso pediu ao grupo que se levantasse e fez alguns exercícios de alongamentos com eles para que pudessem descontraír um pouco,

O grupo começa a ficar irrequieto porque já está a ficar cansado de estrasentado então a educadora Ema diz “Vamos lá levantar e fazer uns alongamentos para acordar o corpo” (Nota de Campo nº 28, 29/09/2017).

Esta atenção ao grupo é permanente por parte das duas adultas responsáveis em sala, à tarde no momento da escolha.

. . . a Madalena percebe que já não tem lugar na sala do jogo dramático e que por isso vai ter de ir para a sala das expressões e começa a chorar discretamente. A auxiliar Susana percebe e diz -sem chamar à atenção do resto do grupo - para ela ir para o seu colo e explica-lhe que é só um bocadinho e que na sala das expressões também fazem coisas muito giras. A criança acalma-se e vai para a sala das expressões. (Nota de Campo nº 29, 29/09/2017).

Para mim, esta atenção é fundamental e embora, por vezes, seja complicado devido ao elevado número de crianças em sala – 37 crianças quando está o grupo de referencia completo – esta é sempre tida em conta e nota-se que é feito um esforço

bastante grande para que todas as crianças sejam ouvidas e respeitadas nas suas vontades e sentimentos.

## **b. Reflexões Semanais**

### **i. 2ª semana: 2-6 de outubro**

Durante esta segunda semana estive ainda a adaptar-me às rotinas da instituição, ao grupo e à equipa educativa e por isso em alguns momentos continuei a assumir um papel de observadora, tirando várias notas durante a minha presença em sala. Considero relevante salientar que esta adaptação é feita pelas três partes envolvidas em sala – grupo de crianças, equipa de sala e eu, estagiária. Contudo, e apesar de desempenhar o papel de observadora, tentei inserir-me nas rotinas do grupo e também tentei criar relação com todos, para que me possam começar a ver, também, como uma pessoa em que possam confiar. A parte relacional assume-se, para mim, uma prioridade na minha ação visto acreditar que “na educação de infância, o relacionamento entre educador/a e criança é a base para o sucesso nas aprendizagens realizadas. Esta relação vai sendo construída, tendo como base inúmeros alicerces, os quais são diversificados e os quais vão edificando e caracterizando esse mesmo relacionamento” (Prazeres Lopes, 2014, p. v).

Não posso também deixar de referir a tentativa de apresentação e de envolvimento com os pais para que eles me conheçam e que consigam confiar em mim para estar todo o dia com os seus filhos. Assim sendo, todas as manhãs – período do dia que me cruzo com as famílias – fiz um esforço para me apresentar àqueles que ainda não tinham tido. Algumas crianças tomaram essa iniciativa, dizendo eles aos pais quem eu era, tal como foi o caso da Maria,

Quando estou a entrar na instituição cruzo-me com a Maria e com a sua mãe, cumprimento-as dizendo “Bom dia”. Ambas me respondem e a Maria dirige-se para a mãe e diz “É a Maria, é a minha nova educadora” (Nota de Campo nº 30, 2/10/2017).

Na minha opinião, uma das maiores dificuldades ao longo da PPS II é estabelecer uma relação com as famílias, devido ao curto tempo em que temos contacto com as mesmas. Porém, este não pode ser um aspeto descurado durante a minha prática visto

que, segundo Rebelo (1996), “chamar o pai, a mãe, ou os avós à vida da sala é uma forma de os integrar e responsabilizar na própria escola, o que é o mesmo que dizer responsabilizá-los e com eles cooperar na educação das crianças” (p. 83).

Ao longo desta semana houve outro aspeto que salientou a minha atenção e curiosidade e que o registei nas notas de campo. Um deles foi a capacidade de algumas crianças conseguirem, por vezes, resolver os seus problemas sem a interferência do adulto, tal como foi o caso relatado na seguinte nota de campo,

A Maria e o Bernardo estão a brincar os dois com peças *lego*. A Margarida aproxima-se deles e pergunta “Meninos posso brincar com vocês?” e o Bernardo responde rapidamente “Não.” A Margarida, *triste*, responde “Oh, mas eu queria muito”. O Bernardo olha para a Maria e depois para a Margarida e diz “Está bem, já sei! Tu dás-me as peças, eu dou à Maria e a Maria monta” (Nota de Campo nº 50, 6/10/2017).

Esta situação despertou-me alguma curiosidade e colocou-me a refletir sobre ela e questionei-me se esta capacidade terá alguma coisa a ver com o modelo que é utilizado na instituição, devido à grande liberdade de escolha e de participação que as crianças têm. Foram muitas as situações que a educadora incentivou a resolução de problemas entre as crianças através do diálogo entre os envolvidos.

Vivenciei, ainda outra situação na qual as crianças envolvidas arranjaram estratégias para que fosse possível brincarem todas juntas, mais uma vez sem envolvimento do adulto,

O Duarte e a Margarida aproximam-se do Gonçalo, que está a fazer um jogo de encaixe de peças com cores diferentes, e perguntam “Podemos brincar contigo?” O Gonçalo olha para o seu jogo e diz “Sim, já sei. Eu ponho os azuis, tu [Margarida] os verdes e tu [Duarte] os azuis” (Nota de Campo nº 51, 6/10/2017).

Na situação acima relatada é notório, mais uma vez, a consciência de uma das crianças sobre o facto de mais duas crianças quererem brincar com o mesmo brinquedo e, por isso este refletiu e ponderou sobre a melhor estratégia que poderia adotar para que

os três pudessem brincar, acabando por encontrar uma solução que satisfizes os três intervenientes.

Assisti, ainda, a uma situação do mesmo género, mas que a criança não conseguiu criar estratégias para ela e que foi alvo de atenção da educadora durante o conselho de sexta-feira,

A educadora diz que viu uma coisa de manhã que quer escrever no “gostámos” e explica “De manhã o Pedro, o Afonso B. e o Martim estavam a brincar os três e desentenderam-se e disseram que o Martim já não podia brincar mais. O Martim ao invés de começar a chorar e a gritar, como fazia antes, veio chamar-me e pediu-me que os ajudasse a conversar e por isso, quero dar-lhe os meus parabéns porque mostra que ele está um crescido e já consegue resolver os seus problemas.” Por fim, a educadora pede uma salva de palmas para o Martim (Nota de Campo nº 46, 6/10/2017).

Esta é outra situação que revela a maturidade e a capacidade de resolução de problemas, mas de outra forma. Neste caso, a criança percebeu que não iria conseguir resolver esta briga entre ele e os seus pares sozinhos e por isso, e para não ter atitudes que tinha anteriormente – bater, morder, gritar – foi pedir ajuda à educadora para os ajudar a dialogar de forma a resolverem a divergência.

Desta forma, proponho-me a ficar atenta a estas situações de modo a perceber se vão aumentando estas ocorrências, nas quais as crianças conseguem resolver os seus problemas sem a intervenção de adulto e, para depois perceber e investigar se esta capacidade de resolução de problemas e de crianças de estratégias poderá estar ligado com o modelo utilizado na sala e na instituição – MEM.

## **ii. 3ª semana: 9-13 de outubro**

Durante a presente semana deparei-me com uma situação na qual, sem me aperceber, fui contra uma crença da instituição na qual estou a realizar a PPS II e, também da educadora. Só me apercebi desta situação aquando uma conversa com a educadora, na qual expus a minha dúvida.

Ao longo da semana estive com algumas crianças na área da escrita, na qual estas tentavam escrever o seu nome depois de realizarem um desenho ou algum registo. É suposto que as crianças recorram ao cartão com o seu nome que está colocado num painel de tecido ao lado da área da escrita. Porém ao longo da semana apercebi-me que o desenho de algumas letras era, ainda complicado. Observei que os nomes das crianças estavam escritos em letra de imprensa e questionei-me sobre isto, pensando que este modelo de escrita se tornava mais complicado para as crianças que estavam, agora, a iniciar a abordagem à escrita. Desta forma, quando algumas crianças me pediam ajuda decidi escrever os seus nomes com todas as letras em maiúsculas para observar se seria ou não menos complexo para as crianças.

“Maria podes-me ajudar, eu não consigo escrever o meu nome” diz o Pedro e eu respondo “Claro que sim, vai lá buscar o teu cartão que eu ajudo-te”. Quando reparei no cartão vi que as letras eram minúsculas e em letra de imprensa e por isso escrevi numa folha o nome da criança todo em maiúsculas por pensar ser mais fácil para iniciar a escrita. O Pedro conseguiu reproduzir o P, o E e o O do seu nome. (Nota de Campo nº 73, 11/10/2017)

O Martim ao ver que o Pedro estava a conseguir pediu-me ajuda e eu fiz a mesma coisa, pedi para ele ir buscar o cartão com o seu nome de forma a conseguir copiar, mas este revelou algumas dificuldades por isso decidi escrever o nome dele todo em maiúsculas e a criança conseguiu reproduzir o M dizendo “Olha Maria, tenho esta letra!” (Nota de Campo nº 74, 11/10/2017).

Apercebi-me também que a letra de imprensa por ser mais desenhada envolvia mais motricidade fina por parte das crianças e que as tentativas falhadas por parte das mesmas, ou seja, quando não conseguiam escrever os seus nomes começavam a frustrá-las. Desta forma, experimentei este modo de escrita com outra criança que começava a mostrar sinais de frustração,

A Lia parecia estar a começa a ficar *frustrada* – começou a bater com o lápis na mesa e a suspirar algumas vezes - por não estar a conseguir fazer o nome e por isso aproximei-me dela e disse “Queres que eu te ajude?” e a criança disse que sim. Escrevi umas vezes à frente dela com várias estratégias como dizer “Agora fazes uma perna para baixo e depois para o lado”, etc. mas a criança não estava a conseguir e olhava para o Martim e o Pedro que estavam a desenhar algumas letras. Então decidi fazer uma outra abordagem “Já sei Lia,

eu vou fazer aqui uns pontinhos e tu tens de passar por cima, tens de começar de cima para baixo, e no fim vais ter o teu nome escrito, boa?” e assim o fizemos. Quando a criança acabou eu disse “Sabes o que está aqui escrito Lia? É o teu nome” e ela sorriu e foi a correr mostrar à educadora e à auxiliar. (Nota de Campo nº 75, 11/10/2017).

Devido ao aparente sucesso das crianças ao escrevem os seus nomes com as letras maiúsculas e por o conseguirem fazer com mais facilidade do que com a letra de imprensa comecei a questionar-me sobre o porquê dos cartões terem este tipo de letra e por isso, assim que consegui questionei a educadora acerca deste assunto.

Esta respondeu-me que aquilo que eu fiz, aquela forma de escrever não era, de nenhuma forma errado, mas que existem várias linhas de pensamento sobre a maneira e o tipo de letra utilizado aquando a iniciação das crianças na escrita. Explicou-me que esta instituição e ela própria – educadora - seguem a linha de pensamento que defende a abordagem à escrita com letras de imprensa por ser aquilo que as crianças encontram em seu redor, “no mundo real”.

Para além disto, explicou-me que eram apologistas da letra de imprensa desde a abordagem à escrita porque assim não teria de existir a passagem para outro tipo de letra aquando a entrada do 1º CEB. Partilhou, também, comigo que não via qualquer problema nas crianças escreverem os seus nomes em letras maiúsculas ou terem contacto com este tipo de letra, afirmando que era uma maneira das crianças começarem a apropriar-se da ideia que a letra «A», por exemplo, pode ser escrita em maiúscula ou em minúscula e que continua a ser a mesma letra. Revelou-me, até, que houve um ano que os cartões tinham os nomes das crianças escritos com letras maiúsculas e em baixo apenas com a primeira letra maiúscula e as restantes em minúsculas (letra de imprensa), para que as crianças se fossem apercebendo de que, apesar de serem desenhadas de formas diferentes, são a mesma letra.

Desta forma, penso que apesar do desenho das letras maiúsculas serem mais simples é mais positivo fazer a abordagem à escrita utilizando o tipo de letras que irão rodear as crianças na rua, na escola, em casa porque, desta forma, a escrita torna-se mais real e funcional para a criança. Porém, considero que a criança deve ter acesso às letras maiúsculas para que possa fazer a relação entre elas e perceber que cada letra tem diferentes possibilidades de escrita e para que consiga identifica-la de qualquer maneira.

### **iii. 5ª semana: 23-27 de outubro**

Esta semana deparei-me com uma situação no decorrer da sessão de Educação física que me fez pensar na importância da afetividade entre o adulto e a criança estarem construídas, de forma a que exista uma confiança entre elas.

Na sessão de educação física estava montado um circuito no qual um dos exercícios era a execução do rolamento à frente, o qual estava a ser apoiado por mim. Era minha função apoiar o corpo da criança, nomeadamente o pescoço para que não houvesse lesões. O grupo estava a executar este exercício sem receio ou problema até que chega a Margarida que fica parada a olhar para mim e depois acaba por baixar a cabeça dizendo,

“Eu não consigo fazer a cambalhota” diz a Margarida enquanto se senta no boque. “Vais ver que consegues e eu estou aqui para te ajudar” respondo eu. A criança começa a retrair-se e pergunto “Tens medo Margarida, não queres fazer?”. A criança responde-me que sim. (Nota de Campo nº 104, 23/10/17).

Ao deparar-me com esta situação hesitei em responder de imediato e refleti rapidamente interiormente, será que devia insistir com a criança para que fizesse o exercício ou deveria simplesmente deixar a criança passar sem realizar o mesmo? Numa primeira vez, disse à criança que não precisava de ter receio que eu não deixava que ela caísse ou que se magoasse, mas a Margarida não quis executar o rolamento. Desta forma, sugeri que ela observasse outra criança a fazer e a Margarida disse-me que ficava a ver, mas que não queria fazer porque tinha medo.

A certa altura a Emma, uma das crianças com a quais a Margarida tem uma relação mais próxima diz-lhe,

“Não tenhas medo, olha eu consigo fazer. Queres que te ajude?” diz a Emma. A Margarida fica a olhar para mim e para a Emma e diz “pode ser” e segura-se a mim com força. Coloco-a de barriga para baixo no pelintro e a Margarida diz “Não, eu não quero. Eu não sei!” Tento explicar-lhe que estou ali para ajudá-la e que não a deixo cair, demonstrando-lhe como faço com as outras crianças, mas a Margarida demonstrou demasiado receio e por isso disse-lhe “Está bem, não queres fazer a cambalhota podes saltar do pelintro para o colchão e para a próxima tentas fazer, boa?” a criança concordou sorrindo. (Nota de Campo nº 105, 23/10/17).

Através desta situação verifiquei a boa relação existente, neste caso entre estas duas crianças. A Emma percebeu que a Margarida estava com dificuldades e quis dar-lhe apoio e tentar auxiliá-la. que se assume neste caso como uma base de apoio e de segurança para a Margarida. Ainda assim é necessário ter em atenção que as diferenças individuais, na medida em que algumas crianças são mais sociáveis e estão dispostas a interagir com o outro, enquanto outras ficam inibidas na presença do outro, encontrando alguma dificuldade no controlo das suas emoções e no envolvimento com os mesmos (Brownell & Hazen, 1999; Williams et al., 2007). Ainda que considere que neste caso a presença inicial da Emma possa ter encorajado a Margarida a tentar executar o rolamento à frente, não posso deixar de ponderar que a Margarida, depois se tenha sentido pressionada ao ser observada pelo grupo de crianças que estava ali perto.

Por outro lado, é notório que ainda não existe uma relação de confiança da parte da criança para comigo, e por isso também não consegui confiar em mim para que a auxiliasse na execução deste exercício. Considerando que estas relações entre educador/a e criança são facilitadoras da inserção da criança no grupo e favorecem o seu relacionamento com as outras crianças. As aprendizagens das crianças começam com o carinho (Brazelton & Greenspan, 2009) e, quando os/as educadores/as revelam ser calorosos e empáticos, funcionam como modelos para as crianças, promovendo comportamentos de ajuda e de cuidados para com os outros (Eisenberg, 1992 citado em Papalia, Olds & Feldman, 2001).

Desta forma, considero que a minha relação com esta criança ainda não está criada sendo que esta ainda não é capaz de olhar para mim como um indivíduo no qual a criança pode colocar toda a sua confiança e ter a certeza que não lhe vai acontecer nada de mal.

#### **iv. 6ª semana: 30 de outubro a 3 de novembro**

Esta semana fui desafiada pela auxiliar de sala a apoiar um teatro e por isso penso ser importante refletir sobre este assunto.

No plano do dia a auxiliar propõe ser eu a apoiar o teatro que a Emma tinha sugerido fazer no conselho e pergunta se eu aceito o desafio, respondo que sim e a Emma diz “Boa, a Maria apoia!” (Nota de Campo nº 119, 31/10/17).

Em primeiro lugar há que ter em consideração que fui apanhada de surpresa e que por isso não tive qualquer preparação para este momento. Ainda assim e depois de realizada esta atividade penso que este poderia ser um momento bastante mais rico. Nestas peças de teatro que as crianças fazem existe muito pouco desenvolvimento das competências do jogo dramático. As crianças limitam-se a tentar decorar falas e quando não as conseguem dizer olham imediatamente para ao adulto para que este as ajude. Nestas atividades de experimentação do jogo dramático não existe a presença do jogo simbólico, as crianças não conseguem fazer de conta, não conseguem pôr-se no papel do outro, da sua personagem. É de salientar que este é um processo bastante complicado e que deve ser explorado ao longo dos tempos, mas com a estruturação da área do teatro não é possível que as crianças desenvolvam esta competência.

Silva, Marques, Mata e Rosa (2016) salientam a importância do jogo dramático, afirmando que

Partindo da capacidade de representação simbólica, própria do ser humano e espontânea na criança, este subdomínio da educação artística incide no desenvolvimento da expressão dramática das crianças, de forma a permitir-lhes, com o apoio do educador, envolver-se em situações intencionais de representação dramática, apropriando-se progressivamente dos elementos da linguagem teatral e tendo a oportunidade de fruir de manifestações desta modalidade artística. (p. 51).

Ainda assim importa salientar que esta atividade tem um papel muito importante na construção da tomada de decisões em grupo e de respeito à vez do outro. É notório que o grupo é capaz de se coordenar e de se respeitar, vejamos as seguintes situações a título de exemplo da capacidade de coordenação das crianças:

Depois da leitura da história pergunto “Então quais são as personagens que temo?” E eles dizem-nas sem qualquer dificuldade, por isso pergunto “Quem vai ser a cigarra?” e a Carolina P responde imediatamente “EU!” e todos concordam, de seguida a Emma diz “E eu quero ser a formiga”, o Thiago afirma “Eu sou o rato” e o Tomás diz que então faz de aranha. (Nota de Campo nº 121, 31/10/17)

“Thiago tu então vais ser o rato, o que é que achas que precisas de roupa, de pinturas e de acessórios para seres mesmo um rato?” pergunto eu à criança. “Tenho de ser cinzento e de ter bigodes.” Diz-me o Thiago enquanto olhava para o livro. Pintei-lhe a cara de cinzento e de seguida perguntei-lhe aonde queria que lhe fizesse os bigodes. O Thiago ficou a pensar e a olhar para a imagem do rato no livro e disse “Não, eu não tenho bigodes, tenho um nariz preto e preciso de uma almofada!” (Nota de Campo nº 122, 31/10/17).

Após esta atividade e por considerar que o jogo dramático deve assumir uma grande importância na vida das crianças desta idade e por considerar também que o papel do adulto na brincadeira é o de

não alterar completamente o brincar da criança, ele deve ser um parceiro que atua de forma participativa na atividade desenvolvida pela criança, apresentando à criança o valor e o prazer do brincar por brincar, sem compromissos ou responsabilidades. Sobre este mesmo assunto, OLIVEIRA (2000) afirma que o desafio do adulto está em construir uma relação que permita à criança ser agente da sua própria brincadeira, tendo na figura dele um parceiro de jogo que a respeita e a estimula cada vez mais a ampliar seus horizontes. (Bueno, 2008, p.1)

considero relevante introduzir outras possibilidades de jogo dramático nesta sala, para que as crianças possam ter contacto com outras dimensões do teatro, para que possam representar de acordo com as suas vontades e as suas criações mentais.

#### **v. 7ª semana: 6-10 de novembro**

Há varias semanas que tenho debruçado o meu interesse sobre o momento do conselho e na forma como este é conduzido pela equipa educativa em colaboração com o grupo de crianças. Este é sempre um momento muito rico e que nunca – do que tenho visto – assume um caracter julgador. Niza (1991) afirma que o conselho é o “ritual de regulação essencial do sistema ou da organização” (p. 28) do grupo. Neste sentido o conselho da sala do jogo dramático é realizado todas as semanas à sexta feira de manhã. É guiado através do diário semanal que tem 4 colunas – gostámos, não gostámos, queremos fazer e fizemos – nas quais as crianças são livres de escrever durante toda a

semana, podendo fazê-lo autonomamente ou pedindo a um adulto que as auxilie a escrever algo que pretendam. “O diário de turma é, em síntese, o motor do Conselho de Turma e como seu instrumento fundamental torna o conselho o centro de tomada de decisões democraticamente negociadas” (Niza, 1991, p. 28)

Para o ritual do conselho começar é necessário que o responsável do dia considere que todo o grupo está preparado para este momento e é seguido por uma rotina. Inicialmente a equipa educativa coloca-se de pé e todo o grupo imita, seguidamente é perguntado ao responsável do dia se considera que o grupo está pronto para iniciar o conselho, se considerar que sim dá indicações para que todos se sentem, caso considere que o grupo ainda não está pronto deve explicar o porquê e apresentar uma solução. Muitas vezes o responsável do dia sugere que antes de se iniciar o conselho se vá a casa de banho para que depois, este momento, não seja interrompido.

O responsável do dia tem o papel de encaminhar todo o conselho, dando indicações à equipa educativa do que quer falar inicialmente.

“Quero começar o conselho pelo que não gostámos” diz a Emma que é a responsável do dia. A educadora segue as indicações da criança e confronta as duas crianças que têm o nome escrito na coluna do “não gostámos” (Excerto da nota de campo nº 137, 10/11/17).

Como foi dito anteriormente o conselho nunca assume um carácter julgador e tanto é que a resolução é feita pelas crianças que escreveram no diário semanal

“Emma e Rita vocês têm aqui o vosso nome escrito, o que é que se passou, o que é que querem resolver no conselho?”. As duas crianças olham uma para a outra e a Rita diz “Eu não sei, não me lembro” e a Emma diz que o mesmo se passa com ela. A Educadora diz “Então acham que é porque já está resolvido?2 as crianças acenam com a cabeça positivamente. A educadora conclui dizendo “Queridas, olhem, tentei resolver as coisas com os vossos amigos antes e só depois, se for grave e se não conseguirem resolver, é que vêm aqui escrever o vosso nome, combinado?” (Excerto da Nota de Campo nº 137, 10/11/17)

A meu ver este momento é sempre muito rico e as crianças têm, de facto, um poder democrático e têm a capacidade de resolver as situações que surgem durante a semana, desenvolvendo assim uma capacidade de resolução de conflitos, tomada de decisões e até de se colocarem no papel do outro. Desta forma, penso que com o Conselho estamos a preparar crianças para uma vida em sociedade que todas estas competências acima referidas são necessárias.

#### **vi. 8ª semana: 13-17 de novembro**

Esta semana foi muito evidente o interesse das crianças pelo projeto que começámos a desenvolver e por isso parece-me pertinente refletir um pouco sobre a Metodologia de Trabalho Projeto e sobre as suas vantagens.

É importante afirmar que tinha bastante curiosidade em ver como seria esta metodologia em prática, até porque, quando li sobre esta por vezes parecia-me um pouco utópica e não sabia se seria mesmo possível a vontade da criança estra em primeiro lugar e tudo ser orientado desta forma. Devo confessar que tinha algumas questões que me inquietavam e por isso estava ansiosa por começar este projeto. Para isto li e informei-me sobre esta metodologia e observei muito a prática da equipa educativa na sala do jogo dramático – visto que utilizavam a MTP.

Vasconcelos (2009), propõe uma metodologia que parte dos interesses, fragilidades ou dúvidas das crianças, procurando assim um sentido para o mundo que as rodeia enquanto desenvolve as suas capacidades de continuar a aprender. Neste sentido, os principais procedimentos éticos estão no respeito pelos interesses das crianças, visto que a Metodologia de Trabalho de Projeto afirma-se como “uma abordagem pedagógica centrada em problemas” (p. 10) e assim foi, surgiu um problema, uma questão e começámos a explorá-la. A primeira fase do projeto – a pesquisa – ainda tinha algumas dúvidas. Primeiro que tudo se seria capaz de desenvolver este projeto, seguindo os pressupostos da MTP e se as crianças iriam manter o interesse no mesmo. Questionei-me bastantes vezes quando agarrei este projeto se não seria um interesse/ questão pontual, mas rapidamente esta minha questão se dissipou porque assim que a semana começou o Afonso interpelou-me assim que entrei nada sala:

“Maria, Maria! É hoje que vamos começar o projeto das raias?” pergunta-me o Afonso B *entusiasmado*. Coloco-me de cócoras para estar ao nível da criança e digo “Bom dia Afonso, não, hoje não conseguimos começar porque é dia de ginástica, mas amanhã começamos. Começa a pensar em coisas que querias saber sobre as raias.” A criança de início fez um ar um pouco *desanimado*, mas depois disse “Ok. Já pensei em muitas coisas!” (Nota de Campo nº 139, 13/11/17)

Este foi um aspeto que me fez refletir, as crianças tinham de facto interesse neste projeto porque partiu duma questão deles, o ponto de partida era algo sobre o qual tinham interesses. Assim e comparando à minha vida apercebi-me que, de facto, temos mais interesse naquilo que gostamos ou que nos inquieta do que sobre aquilo que alguém decide por nós e que não tem uma forma já pensada de execução. Isso significa que Rangel e Gonçalves (2010) afirma que “se parte, então, de questões e/ou problemas reais, sentidos como verdadeiros problemas para aqueles que os vão tratar (ou seja, como situações para as quais não há, à partida, uma resposta, total e única, para a sua resolução e/ou esclarecimento” (p. 23).

Desta forma, identifico-me com a MTP na medida em que esta “Rompe com a tradição, com as convicções profundas e os cânones interiorizados sobre o ensino e a aprendizagem (o ensino direto, expositivo e fundamentalmente num sentido só)” (Rangel e Gonçalves, 2010, p.22). Com o avançar do projeto durante esta semana apercebi-me também que esta metodologia exige uma constante avaliação da ação (Katz, 2006) para que este siga sempre o interesse das crianças.

Durante esta semana apercebi-me também que é crucial que o grupo sinta que faz parte da tomada de decisões e do planeamento, assim nas minhas planificações deixem alguns aspetos em aberto para que pudessem ser as crianças a decidir.

“Querem ir para que área começar o projeto?” pergunto aos elementos do projeto. O Pedro responde-me imediatamente “Para a área da biblioteca, lá há muito espaço.” Pergunto aos restantes elementos se concordam e todos afirmam que sim. O Afonso B completa dizendo “É uma ótima ideia” (Nota de Campo nº 142, 14/11/17).

No entanto, os momentos de planificação foram difíceis para mim na medida em que não pretendia fechar demasiado aquilo que planificava para que as crianças tivessem pudessem decidir como e onde queriam fazer cada uma das atividades. Penso que esta dificuldade advém dos trabalhos que são realizadas ao longo da Licenciatura e do Mestrado, visto sere realizadas para um grupo fictício – que não tem características e vontades reais.

#### **vii. 9ª semana: 20 – 24 de novembro**

Durante esta semana o grupo da sala do jogo dramático foi fazer uma visita de estudo ao Museu da Paula Rego em Cascais e houve várias situações que me fizeram refletir sobre a importância destas saídas. Importa referir que acredito que estes são momentos bastante ricos e promotores de aprendizagens, nos quais as crianças desenvolvem o seu conhecimento do mundo e daquilo que as rodeia. Importa salientar que esta visita surgiu no seguimento de uma hora do conto na qual a educadora leu uma história da Paula Rego – *OIC*. Para quem conhece o livro sabe que esta não se deverá ler tal e qual como ela é, desta forma, a educadora adaptou todo o livro tendo em conta as ilustrações.

Em primeiro lugar existe a viagem até ao local da visita no qual a criança se familiariza com o caminho e reconhece alguns locais que lhe são familiares, expondo o seu conhecimento e noção espacial. Nestas saídas e durante as viagens, “As crianças vão compreendendo o mundo que as rodeia quando brincam, interagem e exploram os espaços, objetos e materiais.” (Silva, Marques, Mata e Rosa, 2016, p. 85).

“Maria olha ali é a minha casa e a do Duarte” diz o Guilherme. “A sério? Então são vizinhos vocês.” Respondo eu. A criança fica a olhar para mim fixamente e diz “Não, somos amigos!”. Sorri e expliquei-lhe o que queria dizer ser vizinhos. (Nota de Campo nº 163, 22/11/17).

Sendo assim, a riqueza das visitas de estudo começa assim que as crianças saem da escola e partilham conhecimentos sobre aquilo que as rodeia e partilham as suas vivências do seu dia a dia. Porém, na minha opinião, é importante que exista uma partilha de vivências

tanto das crianças para o adulto como do adulto para as crianças, de forma a que a criança sinta que o adulto também partilha as suas vivências e as suas realidades. Assim, a relação entre estes dois intervenientes da educação é fortalecida. Por isso, fiz questão de partilhar algumas coisas com o grupo sobre a minha vida.

Quando estamos em cascais digo “Olhem, a minha casa é aquela, e ali era a minha escola de quando era mais pequenina.” As crianças observam e o Guilherme “É perto da tua escola como eu”, comparando a proximidade que a casa dele tem da escola assim como a minha casa tinha da minha escola. (Nota de Campo nº 164, 22/11/17)

Foi interessante verificar o interesse de uma criança sobre a minha firmação e a tentativa me questionar acerca da mesma, tentando aproximar a sua realidade da minha.

No que diz respeito à visita de estudo em si, achei muito interessante o que fizeram no museu, deram a conhecer ao grupo as diferentes artes que existem, sendo que as questionaram primeiro sobre quais pensavam existir. Ou seja, não foram dadas as respostas às crianças, fizeram-nas refletir sobre aquilo que já sabiam e conciliaram conhecimentos de todo o grupo. Assim, toda a visita de estudo foi uma continuação daquilo que se tinha falado em sala e manteve-se a forma como as crianças trabalham no II, na medida em que “a procura das respostas e/ou soluções exige uma planificação e distribuição de tarefas, para a recolha de dados e de informação, em conjunto, ou seja, de grupo/coletiva” (Rangel e Gonçalves, 2010, p. 23).

#### **viii. 10ª semana: 27 a 30 de novembro**

Esta semana houve um dia da família, ou seja, estas podiam inscrever-se em momentos do dia para estar na sala com os filhos a fazerem as atividades e a vivenciar as rotinas do grupo. Na teoria este era um momento que teria tudo para ser bastante positivo, na medida em que os pais estavam integrados na sala dos filhos a viver aquilo que estes vivem diariamente. E sendo que, a participação assume como uma parte intrínseca da abordagem pedagógica, “no sentido de promover o seu envolvimento ativo, e muito particularmente o dos pais, nas aprendizagens das crianças” (Formosinho & Oliveira –

Formosinho, 2008), seria um momento bastante rico. Há que salientar que a equipa educativa tem exatamente o mesmo comportamento quando as famílias dentro da sala do que quando estas não estão em sala, sendo que as crianças não sentem uma mudança de comportamento por parte da equipa.

No entanto, este dia que tinha tudo para ser bastante positivo, a meu ver, não o foi para as crianças. Em primeiro lugar a maioria ficou bastante alterada com a presença dos mesmos em sala. Crianças que estão completamente ambientadas à logística da sala e as suas rotinas ficaram bastante perturbadas com o momento de separação dos pais. A Leonor T, uma criança que está nesta sala há 2 anos, que de manhã entra na sala sem a ajuda do adulto familiar – pai ou mãe – neste dia sofreu bastante.

A Leonor T está ao colo do pai a chorar muito. O pai leva-a ao colo para a área do teatro e a criança continua a chorar muito dizendo-lhe “Não quero que depois vás embora.” A Leonor é uma criança que, a maioria das vezes, não tem qualquer problema na hora de despedida. (Nota de Campo nº 171, 27/11/17).

Outro aspeto que me fez refletir sobre este tema foi o comportamento dos pais, o seu entusiasmo, por vezes, prejudicava as crianças. A mãe do Bernardo, por exemplo, ao entrar na sala começou a falar num tom de voz bastante alto o que provocou muito murmurinho, sendo que até a própria criança alertou a mãe para o seu comportamento.

A mãe do Bernardo chega e já estamos todos sentados na sala. A mãe e a criança sentam-se na roda e a mãe continua a falar com as outras crianças da roda num tom elevado. O Bernardo vira-se para a mãe e diz baixinho “Mãe, na roda tens de falar baixinho!” (Nota de Campo nº 169, 27/11/17).

Ainda falando do comportamento dos pais, existiu a questão dos pais não respeitarem os momentos de inscrição, ou seja, cada pai ou mãe podia apenas inscrever-se num momento do dia e quando esse momento acabava a equipa de sala avisa-a as famílias e pedia-lhes que estas se despedissem dos seus filhos e que depois saíssem da sala. E esta situação, de desrespeito dos pais, causou também muita ansiedade em algumas crianças do grupo.

“Vá meninos, deem um beijinho aos pais ou às mães porque agora é hora de eles irem para casa porque vão chegar pais de outros meninos” diz a educadora. A mãe da Margarida senta-se numa cadeira e diz “Ah, mas eu

queria ir à ginástica!” A educadora responde dizendo “Margarida, explica lá à mãe porque é que não pode ir à ginástica” e a Margarida diz “Ah, mas eu queria que a mãe ficasse”. A educadora explica que percebe a vontade da criança, mas que os outros meninos também queria e, no entanto, despediram-se dos pais porque cada pai ou mãe só se pode inscrever para um momento do dia. A mãe da Margarida volta a dizer “Vês Margarida, a Ema não deixa... Mas oh Ema, as crianças não têm noção do tempo.” A educadora cortou a conversa e disse que estava mesmo na hora de a mãe da Margarida ir embora. (Nota de Campo nº 174, 27/11/17)

Em forma de conclusão, penso que estes momentos poderiam ser bastante positivos, mas seria necessário que as famílias compreendessem a logística do dia e que a respeitassem. Para isso penso que poderia existir uma reunião com a equipa e com o membro da família que iria passar um pedaço do seu dia no JI para que estas questões acima mencionadas fossem evitadas.

#### **ix. 11ª semana: 4 a 7 de dezembro**

Ao longo da minha PPS tenho verificado que as crianças vão brincar para a rua todos os dias a não ser que esteja a chover, mesmo com frio vão para a rua. No passado semestre refleti sobre este aspeto, chegando à conclusão que este era um momento importante para as crianças na medida em que estes momentos são importantes para que estas expandam os seus conhecimentos. Evans & Ilfield, in Post & Hohman (2000) afirmam que “O tempo exterior possibilita aos bebés e às crianças expandirem a sua exploração e brincadeira a um contexto exterior” (p.272).

As famílias, que são avisadas deste aspeto, levam muitos agasalhos para as crianças para que estas possam ir brincar livremente para a rua. Porém, este grupo manifesta, bastantes vezes, a vontade de voltar para a sala. Quando chego da minha hora do almoço há crianças que mal me veem perguntam quando vamos voltar a entrar,

“Maria, podemos ir para a sala? Pergunta a Matilde A. (Nota de Campo nº 189, 4/12/17).

Como esta situação foi recorrente, falei com a educadora sobre este aspeto. Esta disse-me que também já tinha refletido sobre este assunto e que achava muito estranho

porque era o primeiro grupo que teve que se fartasse de estar na rua. No entanto, estas crianças são uma minoria e são crianças que vieram da creche e que por isso não passavam tanto tempo na rua. Para além disto, são crianças que ainda não têm um grupo de amigos com os quais brincam durante longos períodos de tempo e por isso acabam por se aborrecer um pouco. Desta forma, tentei incentivar a que estas brincassem com outras crianças e quando chegava falava com estas tentando perceber o porquê de quererem ir para a sala. Muitas vezes diziam que era porque estavam com frio, o que revela que são crianças que têm menos tolerância ao frio e que por isso se sentem incomodadas.

Assim sendo, o ideal seria que existisse algum adulto que pudesse ficar numa sala quando alguma criança estivesse com frio ou incomodada e quisesse entrar. No entanto, devido à falta de recursos humanos à hora de almoço este aspeto torna-se um pouco complicado de pôr em prática.

#### **x. 13ª semana: 8 a 12 de janeiro**

Ao longo da minha PPS fui pensando e receando que a interrupção de duas semanas de Natal fosse prejudicar a minha prática, na medida em que o grupo perdesse a relação comigo e deixasse de me ver como um adulto de referência. Para agravar este meu receio, adoeci na semana de 17 a 21 de dezembro e por isso foram 3 e não 2 semanas de pausa.

Durante a interrupção letiva, pensei várias vezes sobre este, achando que ia afetar as minhas duas últimas semanas de PPS. Todas estas minhas preocupações existiam visto acreditar que “Na educação de infância, o relacionamento entre educador/a e criança é a base para o sucesso nas aprendizagens realizadas.” (Prazeres Lopes, 2014, p. v).

No dia 8 de janeiro voltei a entrar no JI e no corredor encontrei a Lia que quando lhe disse bom dia ficou um pouco apreensiva e não respondeu verbalmente, sorriu apenas, mas o pai disse imediatamente “Então Lia, não dizes bom dia à Maria? Já não te lembras dela?” a criança olhou para mim e voltou a sorrir levemente, parecendo um pouco *envergonhada*. Desta forma, o resto do caminho até à sala do jogo dramático fui a pensar que, de facto, a minha relação com o grupo tinha-se desvanecido. Porém, agora enquanto

faço esta reflexão posso retirar outras conclusões desta reação da criança. Em primeiro lugar, a Lia é uma criança tímida e por isso a sua reação não é de entranhar e por outro lado a reação do pai da Lia indica-me que até as famílias se recordam de mim e por isso ainda existe algum tipo de referência na minha figura na sala.

Quando chego à sala sou recebida pelo grupo a chamar o meu nome e a vir dar-me um beijinho de Bom dia.

“Maria, tinha saudades tuas e tenho muita coisa para te contar!” (Nota de Campo, 8/12/17).

O Afonso B chega a sala e assim que me vê larga a mão do pai e vem ter comigo dando-me um grande abraço e diz “Tinha tantas saudades tuas! Ah!! E hoje vamos continuar o projeto das raias que esteve parado, mas agora já pode continuar.” (Nota de Campo, 8/11/17).

Ao longo do dia as crianças deste grupo tiveram diversas demonstrações de carinho para comigo e vieram ter comigo para que os ajudasse a resolver alguns conflitos ou para pedir ajuda para resolver situações ou para ultrapassar dificuldades. Todos estes fatores vieram destruir o meu receio, podendo constatar que uma relação que foi construída ao longo de 3 meses não se desvanece em 3 semanas.

Em forma de conclusão, posso concluir que a relação na qual tanto apostei ao longo da minha PPS e a qual considero fundamental para que possa existir uma prática educativa de qualidade foi construída em bases fortes e que as crianças, me vieram e continuam a ver como um adulto de referência na sala do jogo dramático.

#### **xi. 14ª semana: 15 a 19 dezembro**

Esta foi a semana final da minha PPS e por isso considero fundamental fazer um balanço final sobre todo o meu percurso analisando criticamente a minha prática, refletindo sobre aquilo que foi desenvolvido durante os 4 meses e sobre aquilo que poderia ser melhorado.

Em primeiro lugar, penso que a relação com o grupo se assume na base da confiança e do respeito mútuo e a prova disso foram as manifestações de carinho que as crianças tiveram comigo ao longo da PPS e, também, o carinho que demonstraram hoje,

no meu ultimo dia de estágio. Quando relembramos – eu e a equipa educativa – que hoje era o meu ultimo dia as crianças reagiram imediatamente, demonstrando o seu desagrado e a vontade que eu ficasse mais tempo.

“Vais embora? Não podes ficar mais tempo?” pergunta a Leonor T  
(Nota de Campo, 19 de janeiro 2018)

“Maria, mas depois vens cá mais vezes dizer olá, não vens?” pergunta  
o Martim. (Nota de Campo, 19 de janeiro 2018)

Para além das afirmações que foram fazendo ao longo do dia acerca da minha partida, também foi evidente o carinho que o grupo me deu, vindo ter muitas vezes comigo dando-me abraços e beijinhos ou apenas ficando ao meu lado por um pouco.

Por tudo isto, penso poder afirmar que a minha relação com o grupo foi estabelecida e fortalecida ao longo destes 4 meses de tal forma que eu era já uma figura de referência dentro da sala do jogo dramático. Na minha opinião, a relação estabelecida com o grupo é a base para a prática pedagógica e por isso apostei e mencionei tantas vezes este aspeto.

Partindo do pressuposto de que a relação foi estabelecida com o grupo, este teve o à vontade de vir ter comigo expondo as suas necessidades, vontades e inquietações. Desta forma, foi-me possível adaptar a minha prática pedagógica para ir, sempre, ao encontro da individualidade de cada criança. Prova disso foram as atividades que foram desenvolvidas ao longo da PPS que tiveram sempre em mira aquilo que as crianças queriam e a voz das mesmas. Para além disto, a minha ação no decorrer dos dias foi sempre conciliada com aquilo que as crianças me diziam.

Tendo em conta esta e todas as reflexões que foram feitas ao longo da PPS posso concluir que o meu percurso foi bastante positivo, no entanto existem coisa que poderia ter sido feitas de uma melhor forma. A participação das famílias foi a minha maior lacuna e por isso, se recomeçasse o estágio, tentaria modificar este aspeto. Mudaria, também, o facto de ter passado pouco tempo nas outras salas – intelectual e expressões- sendo que não pude experienciar o trabalho que era desenvolvido nas mesmas.

## 2. PLANIFICAÇÕES

### a. Atividade “Frascos Pequenos, Médios Ou Grandes?”

#### Planificação Emergente

O que motivou a atividade	<p>A presente atividade surgiu no seguimento da atividade do “doce de tomate” – as crianças fizeram doce de tomate para depois ser vendido. Como tal as crianças chegaram à conclusão que eram necessários frascos ou embalagens para que pudessem vender o doce de tomate aos pais e por isso foi pedido às famílias que trouxessem frascos / boiões de vidro. Depois de todas as famílias trazerem os frascos as crianças repararam que os frascos eram muito diferentes uns dos outros e que “havia uns muito grandes, outros pequenos e outros mais ou menos” disseram elas. Por isso combinaram com a equipa da sala que o melhor seria escolherem os frascos mais pequenos porque assim conseguiam vender mais frascos com doce.</p> <p>Assim sendo, reuniu-se um grupo de duas crianças, que se voluntariaram, para fazer a seleção dos frascos mais pequenos.</p>
Intencionalidades pedagógicas	<p><b>FORMAÇÃO SOCIAL E PESSOAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros</li><li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li></ul> <p><b>DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação</li><li>- Estimular a discussão entre pares sobre diferentes opiniões</li></ul> <p><b>DOMÍNIO DA MATEMÁTICA:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Identificar quantidades através da contagem</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Recolher informação pertinente para dar resposta a questões colocadas, recorrendo a metodologias adequadas</li> <li>- Utilizar gráficos e tabelas simples para organizar a informação recolhida e interpretá-los de modo a dar resposta às questões colocadas</li> </ul>
<p>Materiais / Recursos utilizados</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Frascos</li> <li>- Corda</li> <li>- Folha</li> <li>- Caneta</li> <li>- Papel colorida</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Cola</li> </ul>
<p>Manifestações das crianças</p>	<p>Inicialmente foi muito interessante verificar o sentido de organização entre as duas crianças envolvidas na atividade. Acordaram que cada um punha um frasco de cada vez dentro do perímetro, delimitado pela corda de trapilho, mas sempre que achavam necessário perguntavam à outra crianças qual considerava ser o grupo a que aquele frasco pertencia.</p> <p>“Este é pequeno?” dizia o Vicente a olhar para a Margarida.</p> <p>Ao longo do processo as crianças foram dando sinais de muito envolvimento na atividade, querendo sempre ajudar o outro que estava a decidir qual era o grupo – dos frascos pequenos, médios ou grandes - que pertencia o frasco que tinham na mão.</p> <p>No final, realizamos a contagem de quantos frascos existiam em cada grupo. Depois desta contagem fizemos o registo escrito dos grupos formados e as duas crianças lembravam-se, ainda, de quantos frascos existiam em cada grupo. Assim como se lembraram na avaliação do plano do dia:</p> <p>“Na avaliação do plano do dia, depois de separarmos (Margarida, Vicente e eu) os frascos para o doce por tamanhos – pequenos, médios e grandes – a educadora aproxima-se de nós e pergunta “Quantos frascos</p>

	<p>pequenos é que contaram?” e o Vicente responde “1,2,3,4,5,6,...”. A educadora sorri e pergunta, “E tu Margarida lembras-te quantos frascos pequenos eram?” e a criança responde rapidamente “Sim, eram 18 frascos”” (Nota de Campo nº40, 3/10/2017)</p>
<p>Dinâmica</p>	<p>O papel do adulto, inicialmente, foi perguntar como poderíamos organizar os frascos, ou seja, qual era o critério de organização.</p> <p>De seguida foi apoiar as crianças naquilo que elas necessitavam, em dúvidas que surgiam. Para além disto, o adulto teve um papel de questionador, ou seja, de desenvolver questões acerca do que se estava a passar para que a aprendizagem fosse mais significativa.</p>
<p>Identificação/planificação de novas possibilidades</p>	<p>- Descobrir as alturas das crianças da sala e depois explorar questões como: quem é o mais baixo, quem é o mais alto, há crianças da mesma altura?</p>



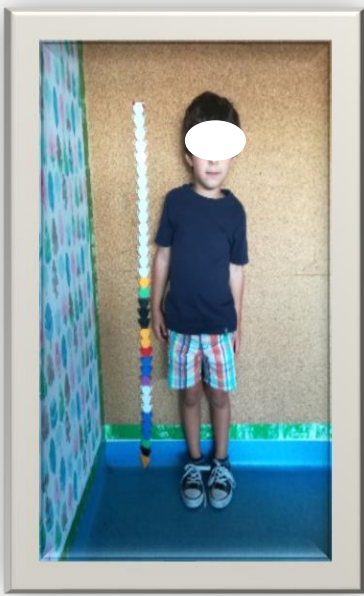
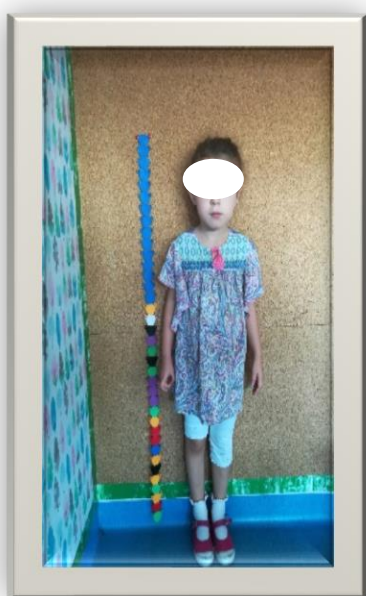
### b. “As Nossas Alturas” – Planificação Emergente

**DATA:** 10 de outubro de 2017

<p>O que motivou a atividade?</p>	<p>As crianças estavam na área dos jogos de mesa a fazer uma “cobra” com recurso a peças de encaixe. A certa altura a Matilde vem ter comigo e mostra-me a sua construção, eu ponho ao lado dela e digo “Olha está quase da tua altura, queres tentar ver quantas peças é que são precisas para sabermos quanto medes?”. A criança disse-me que sim e os outros dois meninos vieram ter comigo para vermos se as suas cobras já eram do seu tamanho.</p>
<p>Intencionalidades pedagógicas</p>	<p>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul> <p><b>DOMÍNIO DA MATEMÁTICA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar quantidades através de diferentes formas de representação</li> <li>- Compreender que as pessoas são mensuráveis em questão de altura e que podem ser “ordenadas” – quem é o mais alto, quem é o mais baixo</li> <li>- Escolher e usar unidades de medida não convencionais para responder a necessidades e questões do quotidiano.</li> </ul>
<p>Materiais / Recursos utilizados</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Peças de encaixe;</li> <li>- Folhas de registo;</li> <li>- Cola;</li> <li>- Canetas de feltro;</li> <li>- Lápis de cor;</li> </ul>
<p>Manifestações das crianças</p>	<p>As crianças mostraram-se muito motivadas quando começámos a verificar a altura de cada das crianças. Porém, na altura do registo, com as folhas com os hexágonos – estas folhas são um registo já criado pela educadora que tem um retângulo com vários hexágonos pequenos, de forma a que as crianças possam representar algumas construções que façam - as crianças já demonstraram algum cansaço por serem muitos hexágonos para pintar.</p> <p>(A sugestão da pintura das folhas com hexágono foi feita pela educadora).</p> <p>Depois de contarem as suas peças e de estarmos sentados na mesa da área da escrita perguntei “Então e agora, acham que há alguém mais alto ou são todos da mesma altura?”. O Bernardo respondeu “Eu e a Matilde somos da mesma altura e o Gui é mais pequeno”. O Guilherme intervém e diz, “Pois, porque eu só tenho 3 anos e por isso sou mais pequenino.” (Nota de Campo nº 67)</p> <p>“Não quero pintar mais” diz a Matilde quando está a fazer o registo Da sua descoberta. O Bernardo olha para ela e</p>

	diz “Espera Matilde, estou quase a acabar o meu e já te vou ajudar a pintar”. (Nota de Campo nº 68)
Dinâmica	<p>O apoio do adulto recaiu sempre no aspeto de apoiar as crianças na verificação do tamanho da “cobra” para as crianças conseguirem ver se esta já representava, ou não, a sua altura.</p> <p>Por outro lado, o papel do adulto também passou pela motivação em alturas que uma criança, em particular, começou a ficar desmotivada.</p>
Identificação/planificação de novas possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificação das alturas de outras crianças da sala.</li> <li>- Medir objetos da sala com recurso a instrumentos não convencionais.</li> </ul>



### c. Quantas pertencem ao grupo do jogo dramático

Data: 12 de outubro de 2017

<p><b>Intencionalidade educativa Objetivos</b></p>	<p><b>DOMÍNIO DA MATEMÁTICA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- usar a correspondência termo a termo para resolver problemas de comparação de conjuntos e para contar objetos de um conjunto – princípio da cardinalidade;</li> </ul> <p><b>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- partilha de aprendizagens com o grupo, debate e negociação</li> <li>- Expressão e Comunicação: Linguagem oral</li> </ul>
<p><b>Momentos / Propostas educativas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contagem de quantas crianças existem na sala</li> <li>- Contagem de quantas raparigas e quantos rapazes estão na sala do jogo dramático</li> <li>- Registo da contagem</li> </ul>
<p><b>Organização do espaço e materiais</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartões com os nomes das crianças</li> <li>- Folhas</li> <li>- Caneta preta</li> <li>- Tintas aguarela</li> <li>- Espaço livre para as crianças estarem sentadas no chão e para se poder colocar os cartões dos nomes em linha para depois se fazer a contagem</li> </ul>
<p><b>Recursos humanos</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora para apoiar a contagem em grande grupo</li> <li>- 1 estagiária para apoiar o registo da contagem</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar de sala para apoio das crianças que não estão envolvidas neste registo</li> </ul>
<p><b>Dinâmica (Organização do grupo de crianças)</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na fase da contagem, o grupo está todo sentado no chão, em roda, na área da biblioteca</li> <li>- Na fase do registo, as três crianças encarregues pelo mesmo estão na área da escrita, em pé ou sentadas, como estas preferirem.</li> </ul>
<p><b>Estratégias de implementação das propostas</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora a coordenar a contagem</li> <li>- Conversa com o grupo sobre quantas crianças há na sala, se existem mais rapazes ou mais raparigas;</li> <li>- 1 estagiária a apoiar o registo- organização e distribuição das tarefas, auxílio na contagem dos</li> </ul>

	desenhos realizados (de forma a que o número total de crianças na sala corresponda com o número de crianças desenhadas no registo)
<b>Indicadores</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças mostram envolvimento nas propostas que lhe são apresentadas</li> <li>- Participam no debate</li> <li>- As crianças entreajudam-se</li> <li>- Colaboram com os pares</li> <li>- Utilizam a linguagem matemática</li> </ul>
<b>Instrumentos de avaliação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Notas de campo</li> <li>- Registos fotográficos</li> <li>- Observação</li> </ul>
<b>Identificação/planificação de novas possibilidades</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Verificar se as outras duas salas também têm o mesmo número de raparigas e rapazes na sala</li> <li>- Verificar quais a sala que tem mais crianças no JI</li> </ul>

### **Avaliação:**

Quando se iniciou a contagem, estávamos reunidos em grande grupo - 36 crianças. A Maria R ficou encarregue de colocar os cartões<sup>1</sup> que iam sendo dados na coluna - que está a ser contruída no chão com o cartão de cada criança - do sexo masculino ou do sexo feminino. À medida que os cartões iam sendo colocados, as crianças identificavam de quem era aquele cartão dizendo “É meu” ou “É da/o x”. No decorrer da contagem algumas crianças iam fazendo previsões “São mais rapazes”, “Não, são mais raparigas” diziam, sendo que geralmente estas previsões eram baseadas no comprimento da coluna de cada um dos géneros.

De seguida, a educadora questionou o grupo sobre como é que era possível sabermos quantas crianças existiam na sala e estes responderam “Temos de contar todos os cartões!” e assim se fez. A educadora apontava para os cartões e as crianças contavam em grande grupo. No final da contagem disseram “Somos 36!”.

<sup>1</sup> Estes cartões são utilizados na sala para que as crianças se “inscrevam” na área para a qual querem ir. Estes mesmos cartões têm o nome da criança e um desenho feito por estas que, a seu ver, as representa.

Seguidamente, questionámos o grupo sobre se existiam mais rapazes ou mais raparigas e, de uma forma geral, os rapazes disseram que eram mais rapazes e as raparigas disseram que eram mais raparigas. Assim sendo, fizemos uma nova contagem e chegou-se à conclusão que eram o mesmo número de rapazes e de raparigas.

Neste processo de contagem todo o grupo esteve bastante envolvido, participando e, por vezes, fazendo algumas previsões.

De seguida, foi escolhido um grupo de três crianças para fazer registo do que tínhamos acabado de descobrir. Assim que nos sentamos as crianças começaram a dizer como queriam fazer este registo, mostrando-se muito organizadas e interessadas na atividade. A Alcía disse “Eu faço as raparigas, desenho uma menina e depois escrevo o número”, o Bernardo disse “Eu desenho um rapaz” e a Maria disse “Eu faço todos os meninos.” Depois das crianças estipularem o que é que cada uma ficava responsável de fazer relembrámos quantas crianças constituem o grupo da sala do jogo dramático, e de seguida quantos rapazes e quantas raparigas existem.

Cada criança realizou a tarefa a que se propôs e a minha função foi apoiar quem precisasse, demonstrando algum tipo de dificuldade ou que me pedisse ajuda para a realização de alguma tarefa. Durante esta atividade, quem mais precisou do meu apoio foi a Alcía visto que estava encarregue de desenhar todas as crianças da sala. A criança quis representar o grupo de forma real, dizendo-me “Maria eu quero desenhar as 18 meninas e os 18 meninos”.

No decorrer da atividade a Alcía começou a demonstrar-se um pouco saturada de desenhar, o Bernardo ouviu-a a dizer que estava cansada e disse imediatamente “Eu estou a acabar de pintar o meu menino e depois posso ajudar-te.” A Alcía, mais tarde, quando acabou o seu desenho disse “Eu já acabei o meu posso te ajudar.”

Na minha opinião esta atividade foi bastante positiva, não só porque fomentou a utilização da linguagem matemática e da contagem, mas também porque desenvolveu e incentivou a organização das crianças, na medida em que decidiram aquilo que cada uma queria fazer. Para além disto, houve também, por parte das crianças, um sentido de entrelajada assim que perceberam que a Maria estava com mais trabalho do que elas.





#### d. Bandeira De Portugal– Planificação Emergente

<b>DATA:</b> 24 de outubro de 2017	
O que motivou a atividade?	<p>Durante a reunião da manhã em grande grupo, algumas crianças falaram do Halloween. A educadora explicou que a escola não festeja o Halloween porque não é uma tradição portuguesa. Algumas crianças comentam dizendo: “Pois, é, não é portuguesa, o meu pai disse que era inglesa.”. Uma outra criança da sala intelectual disse que sabe fazer a bandeira portuguesa e a educadora desafia-o a fazê-la com a ajuda de uma criança da sala do jogo dramático – Carlota – e outra da sala intelectual – Margarida.</p> <p>Estas duas crianças que ajudaram o Bernardo na construção da bandeira propuseram-se a fazê-lo, não foi nenhum dos membros da equipa de sala que as escolheram. As crianças que queriam participar puseram o dedo no ar e o Bernardo escolheu.</p>
Intencionalidades pedagógicas	<p><b>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul> <p><b>DOMÍNIO DO CONHECIMENTO DO MUNDO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhecer elementos centrais da sua comunidade, do seu país – bandeira</li> <li>- Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades para a pesquisa</li> </ul>
Materiais / Recursos utilizados	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel cenário</li> <li>- Caneta preta</li> <li>- Tinta aguarela</li> <li>- Telemóvel com internet</li> </ul>
Manifestações das crianças	<p>Ambas as crianças sabiam quais eram as cores da bandeira portuguesa, mas mesmo assim consideraram importante ir pesquisar para ver mais fotografias da mesma. Quando viram a bandeira disseram logo que a parte encarnada era maior que a verde e identificaram</p>

	<p>pormenores da bandeira que diziam desconhecer – os castelos e as quinas.</p> <p>As crianças organizaram o trabalho e aquilo que tinham de fazer entre elas, decidiram o que faziam primeiro, quem pintava o quê e à medida que iam avançando na bandeira olhavam para a imagem da bandeira no meu telemóvel – visto que não existe computador na sala e é desta forma que são feitas pequenas pesquisas na sala- e analisavam o que faltava, ainda.</p> <p>O Bernardo (sala intelectual) foi a criança que se focou mais nos pormenores da bandeira.</p>
<p>Dinâmica</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apoiar na pesquisa, ou seja, de perguntar o que é que as duas crianças queriam pesquisar.</li> <li>- Questionar as crianças sobre os símbolos da bandeira de Portugal e explicar aquilo que simbolizam</li> <li>- Apoiar em caso de desacordo entre as crianças – adulto como moderador.</li> </ul>
<p>Identificação/planificação de novas possibilidades</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar outras tradições portuguesas</li> <li>- Pesquisar bandeiras de outros países</li> <li>- Aprofundar o significado de cada simbologia da bandeira portuguesa</li> </ul>



### e. Pesquisa E Registo Da Receita De Panquecas De Aveia

A presente atividade surgiu no seguimento do dia da alimentação, no qual a educadora perguntou ao grupo se eles gostariam de marcar o dia com alguma atividade específica. Uma criança sugeriu um jogo de tabuleiro (que será realizado e orientado pela educadora da sala) e outra criança sugeriu a realização de uma receita saudável. Foram sugeridas tostas e panquecas de aveia (Salvador) e decidiu-se que seriam as panquecas. Esta decisão foi feita através de votos, as crianças votavam pondo o dedo no ar.

DATA: 17 (pesquisa) e 18 de outubro	
Intencionalidade educativa Objetivos	DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- associar diferentes funções a suportes de escrita variados presentes nos seus contextos, usando-os com essas funcionalidades</li> </ul> <p>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- partilha de aprendizagens com o grupo, debate e negociação</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisa de receitas de panquecas de aveia</li> <li>- Registo da receita</li> <li>- Confeção da receita</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador</li> <li>- Aveia</li> <li>- Canela</li> <li>- Farinha</li> <li>- Bebida de soja</li> <li>- Ovos</li> <li>- Recipiente para misturar os ingredientes</li> <li>- Batedeira</li> <li>- Papel cenário</li> <li>- Canetas</li> <li>- Lápis</li> </ul> <p>Todos estes materiais devem estar previamente preparados e em cima da mesa na qual a atividade se vai desenvolver</p>
Recursos humanos (organização e partilha de tarefas dos/as adultos/as da sala, para o acompanhamento das crianças)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora- estagiária para orientar a atividade</li> <li>- Educadora e auxiliar de sala para dar apoio às restantes crianças que não estão envolvidas nesta atividade</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Grupo de 10 crianças sentados à volta da mesa dos jogos de mesa</li> <li>- Levantam-se quando vêm colocar algum ingrediente ou misturar a massa.</li> </ul>

Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estagiária pergunta aquilo que querem pesquisar- lê as receitas que aparecem na internet</li> <li>- Questiona as crianças sobre quem faz o quê</li> <li>- Educadora apoia na escrita</li> </ul>
Avaliação/indicadores:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças mostram envolvimento nas propostas que lhe são apresentadas</li> <li>- Colaboram com os pares</li> <li>- Respeitam a vez do outro</li> <li>- Identificam os elementos da receita que escreveram através do desenho</li> </ul>
Identificação/planificação de novas possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Realização de outro tipo de receitas</li> </ul>

## AVALIAÇÃO

Mais uma vez esta foi uma tarefa que foi apenas apoiada por mim. Digo apenas porque as crianças que delineavam tudo aquilo que queriam fazer e como queriam fazer. Numa primeira fase as duas crianças envolvidas no processo de pesquisa decidiram como queriam fazer a pesquisa, tal como está ilustrado na seguinte nota de campo,

O Duarte e a Alicia estavam já sentados na mesa e quando cheguei perguntei “Então meninos como é que vamos descobrir como é que se fazem panquecas de aveia?” e a Alicia respondeu “Temos de encontrar uma receita” e eu perguntei de novo “E como é que podemos encontrar essa receita?” e eles responderam os dois “Podemos pesquisar na internet!” (Nota de Campo nº 88, 17/10/2017)

Depois de planeado aquilo que iríamos fazer e de escolhida a receita decidimos que tínhamos de regista-la para que depois, as crianças que fossem realizar a receita conseguissem ver aquilo que iam precisar de fazer- quais os ingredientes que tinham de usar e quais eram os processos que iam fazer. Ambas as crianças estiveram empenhadas e davam soluções para pequenas questões que lhes ia colocando.

Quando terminada a pesquisa da receita disse “Muito bem, já temos a receita e agora como é que podemos fazer para não a perdemos e para que todos os meninos e pais a possam ver?” ambos responderam “podemos fazer o registo!” e o Duarte completou, “Mas nós não sabemos escrever”. Respondi de imediato “Vocês sabem escrever, só não o conseguem é fazer com letras. O que acham de eu escrever as palavras, vocês os números que indicam as quantidades de cada ingrediente e ilustrarem a palavra que se refere a cada um dos ingredientes? Por exemplo, eu escrevo farinha e vocês desenham um pacote de farinha!”. “Sim, assim conseguimos e toda a gente percebe” disseram eles. (Nota de Campo nº 90, 17/10/2017)

Todo este processo de registo da receita foi muito enriquecedor porque, na minha opinião, as crianças conseguiram entender que, apesar, de não saberem escrever convencionalmente podem recorrer a outras formas de escrita para registar o que quiserem, neste caso uma receita.

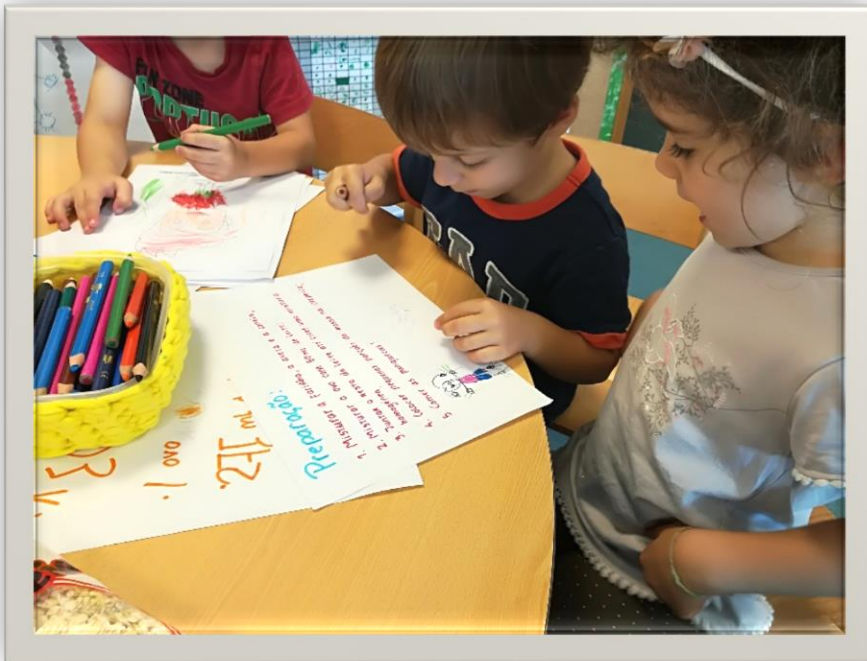
Para além disto, com o registo desta receita as crianças puderam familiarizar-se com o aspeto de uma receita, entendendo que não apresenta apenas os ingredientes e a quantidade de cada um, mas que explica também o processo para a realização, ou seja tem o procedimento.

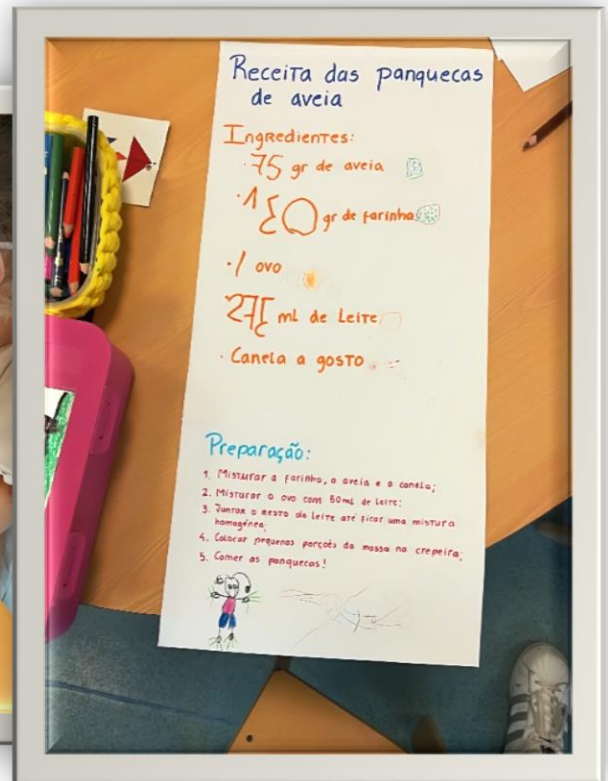
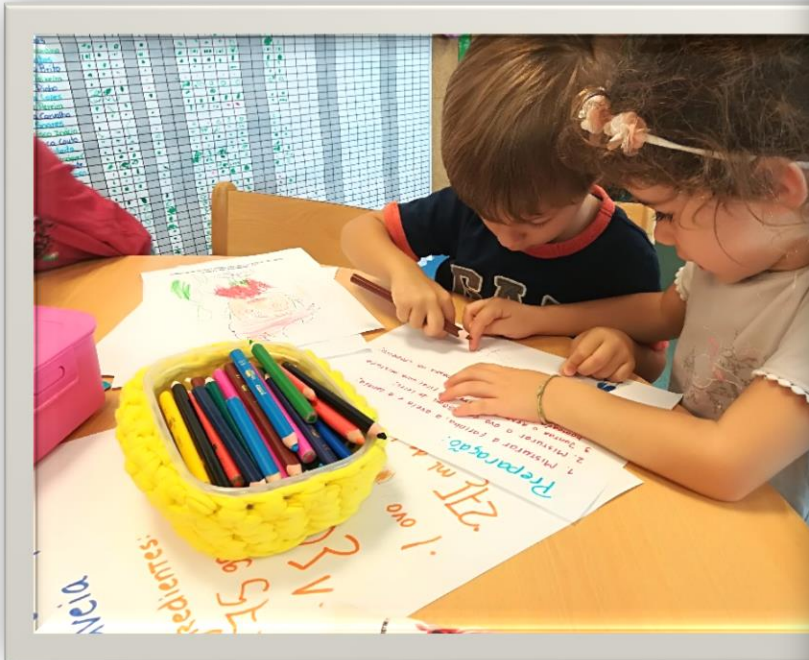
No dia seguinte, confecionamos, então, a receita das panquecas de aveia com um grupo de 10 crianças. Nesta parte já tive um papel mais ativo, na medida em que, por serem mais crianças requereu uma maior organização para que todas pudessem estar envolvidas na preparação da massa das panquecas. Nesta fase eu perguntava quem queria colocar os ingredientes, sendo que estipulei com as crianças que todas elas iriam ter oportunidade de colocar um ingrediente ou de mexer a massa. Comecei por ir buscar a receita que tinha sido registada no dia anterior e perguntei se eles identificavam algum dos ingredientes ilustrados. Responderam-me que sim, mas não conseguiram perceber o que era a canela, muitos deles disseram que não sabiam o que era e por isso mostrei-lhe o pó de canela que tínhamos para a realização da receita, sendo que todos puderam cheirar para se puderem familiarizar com este novo ingrediente, tal como aconteceu com o mel.

A maioria das crianças disse que nunca tinha provado mel e por isso perguntei se algum queria provar, disseram todos que sim menos uma das crianças, por isso, quem quis experimentou o mel.

Considero que esta atividade foi muito positiva, não só porque mais uma vez as crianças tiveram acesso a uma receita e a diferentes códigos escritos, mas porque conheceram novos ingredientes, novos sabores, o que também contribui o crescimento e aprendizagem. Considero, também, que houve um grande envolvimento de todas as crianças. Numa primeira fase, quando me apercebi que seriam 10 crianças a fazer a receita pensei que seriam muitas e que, por isso, pudesse correr menos bem, mas mesmo assim

todas se organizaram e respeitaram a vez de cada uma das outras crianças.



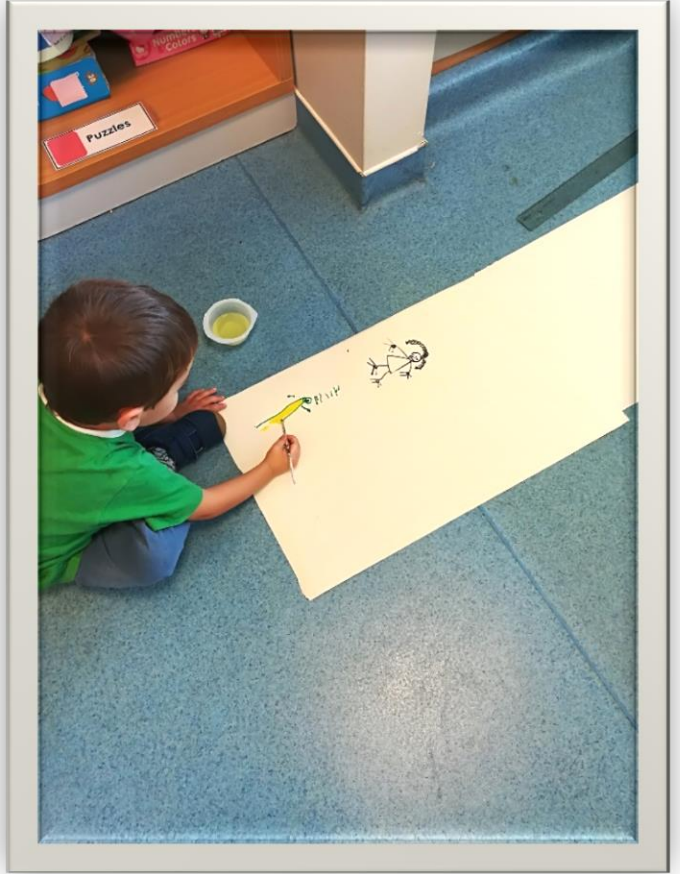


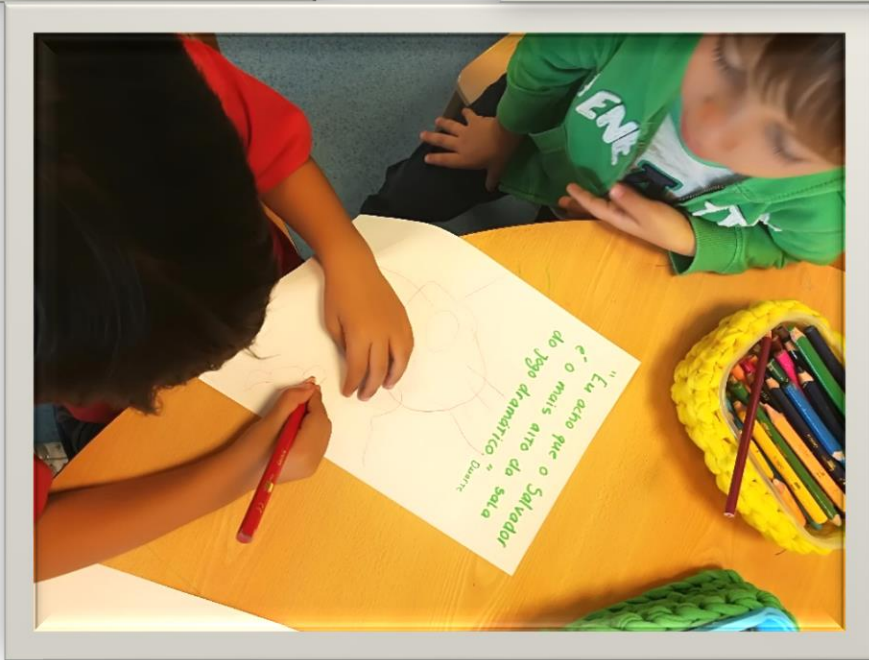
## f. Fita Métrica

Data: 25 de outubro de 2017	
Intencionalidade educativa Objetivos	<b>SUBDOMINIO DAS ARTES VISUAIS</b> - Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.

	<p>SUBDOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO ORAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação.</li> <li>- Fazer previsões</li> </ul> <p>SUBDOMÍNIO DA GEOMETRIA E MEDIDA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender que as pessoas têm alturas que permitem compará-las e verificar quem é mais alto e quem é mais baixo</li> <li>- Utilizar linguagem matemática adequada como "é mais alto do que que"; "somos da mesma altura"</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1ª fase: Construção e decoração da fita métrica</li> <li>- 2ª fase: Medição e registo de todas as crianças da sala; registo das previsões que as crianças fazem sobre quem é a criança mais alta, quem é a criança mais baixa, se são da mesma altura que outra criança da sala, se são mais altos ou mais baixos que a criança x.</li> <li>- 3ª fase: Discussão e apresentação de resultados</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel cenário</li> <li>- Fita métrica</li> <li>- Tintas aguarelas</li> <li>- Água</li> <li>- Pincéis</li> <li>- Canetas de feltro</li> <li>- Cola Quente</li> <li>- Folhas</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estagiária está encarregue de dinamizar esta atividade</li> <li>- Educadora da sala e auxiliar para apoio às crianças que não estão envolvidas na atividade</li> </ul>

Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1ª fase: as crianças estão na área da biblioteca para poderem pintar no chão, visto terem mais espaço (sugestão das crianças)</li> <li>- 2ª fase: as crianças vão sendo chamadas durante o dia para virem registar as alturas na fita métrica que está colada numa parede da sala perto do lavatório. Se fizerem alguma previsão esta é registada na área da escrita</li> <li>- 3ª fase: crianças sentadas no chão na área da biblioteca em roda</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A estagiária deverá incentivar sempre a reflexão sobre aquilo que está a ser feito, questionando as crianças sobre como querem fazer e sobre as suas previsões.</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de estar envolvida na atividade</li> <li>- É capaz de fazer previsões</li> <li>- É capaz de utilizar linguagem adequada à atividade – mais alto do que..., mais baixo de que...</li> <li>- É capaz de cooperar com os pares</li> </ul>
Identificação/planificação de novas possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>-</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Registo fotográfico</li> <li>- Observação</li> </ul>





### g. Teatro “A Cigarra E A Formiga”

<b>Data:</b> 31 de outubro 2017	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p><b>FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros</li> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul> <p><b>SUBDOMÍNIO DO JOGO DRAMÁTICO / TEATRO</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar e recriar o espaço e os objetos, atribuindo-lhes significados múltiplos em atividades de jogo dramático;</li> <li>- Apreciar espetáculos teatrais, verbalizando a sua opinião e leitura crítica.</li> </ul> <p><b>SUBDOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO ORAL</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escolha do conto tradicional para ser dramatizado</li> <li>- Escolha das pessoas que participam no teatro</li> <li>- Leitura do conto tradicional</li> <li>- Preparação do teatro</li> <li>- Apresentação do teatro ao grupo – comentários do grupo ao teatro</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p><b>MATERIAIS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conto tradicional “A cigarra e a formiga”</li> <li>- Figurinos</li> <li>- Cartão</li> <li>- Tesoura</li> <li>- Agrafador</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 estagiária para apoiar o teatro</li> <li>- 1 auxiliar para apoiar o resto das crianças que não estão envolvidas no teatro</li> </ul>
Dinâmica	<p>Durante a reunião do plano do dia a criança que no conselho propôs a realização de um teatro através de um conto tradicional, vai à biblioteca da sala e escolhe um livro que seja do seu agrado.</p> <p>De seguida é perguntado à criança o porquê de ter escolhido esta história - se já a conhece e se sabe quais são</p>

	<p>as personagens que nela intervêm. Caso a criança a conheça faz um resumo ao resto do grupo, se esta não conhecer o livro que escolheu a educadora pergunta o porquê da escolha e de seguida, apresenta as personagens do conto tradicional para a criança escolher quantas pessoas podem participar no teatro – sendo que tem de corresponder com o número de personagens que existem no conto tradicional;</p> <p>Seguidamente, quando o plano do dia estiver terminado, o pequeno grupo que foi escolhido pela criança para a realização do teatro encaminha-se para a área do teatro e começa a preparação do mesmo.</p> <p>Depois da apresentação do teatro, o grande grupo - que assistiu ao teatro - pode fazer comentários, para isso colocam o dedo no ar e cada criança que representou dá a palavra a uma dessas crianças.</p>
<p>Estratégias de implementação das propostas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Já na área do teatro, com o grupo de crianças que está envolvido nesta atividade, a estagiária questiona o grupo sobre esta história de forma a perceber qual o conhecimento do grupo pela história</li> <li>- A estagiária lê a história para o grupo</li> <li>- As crianças definem a sua personagem e a estagiária questiona-as sobre como querem fazer – preparação de figurinos, cenários e texto.</li> <li>- Para a parte dos comentários do grande grupo cada criança que fez o teatro dá a palavra a um menino ou menina que tenha um dedo no ar para falar, sendo que nesta fase a estagiária tem a função de tentar que as crianças justifiquem os seus comentários, fazendo algumas perguntas (visto que muitas vezes os comentários são, apenas, gostei muito)</li> </ul>
<p>Indicadores de avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de compreender a história contada</li> <li>- É capaz de reconhecer as personagens que intervêm na história</li> <li>- É capaz de fazer escolhas</li> <li>- É capaz de representar em frente ao grande grupo</li> <li>- É capaz de escutar os comentários feitos pelas outras crianças</li> </ul>
<p>Instrumentos de avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Observação</li> </ul>

Identificação/planificação de novas possibilidades	- Jogos dramáticos que proporcionem o improviso
--	---

## **AVALIAÇÃO:**

Esta atividade teve momentos muito positivos e outro que, na minha opinião não foram assim tão positivos. A meu ver a parte da preparação do teatro e da escolha das crianças de quem ia fazer o quê foi bastante positiva. Quando já todas as crianças que iam participar na dinamização do conto tradicional “A cigarra e a formiga” estavam na área do teatro questionei o pequeno grupo

“Emma, escolheste a história da Cigarra e a Formiga, tu conheces a história? Mais alguém conhece?” o grupo de quatro crianças- Thiago, Emma, Carolina P e Tomás – dizem todas que sim por isso pergunto “Então o que é que a formiga faz? E a cigarra o que é que ela gosta de fazer?” e nenhuma das crianças me sabe responder à pergunta, por isso leio a história para o pequeno grupo. (Nota de Campo nº 120, 31/10/2017)

Esta parte da preparação do teatro foi muito positiva porque as crianças estavam de facto interessadas e ouviram a história do princípio ao fim e a prova disso foi que quando perguntei quem queria ser qual personagem todos me souberam dizer qual queriam ser. Este aspeto, para além de mostrar que estiveram atentos. À leitura da história, mostrou-me que as crianças têm capacidade de escolha e de adaptação, na medida em iam adaptando a sua escolha conforme aquilo que as outras crianças diziam. Por exemplo, no início da história a Emma e a Carolina disseram as duas que queriam ser a formiga, mas depois na altura da escolha como a Emma escolheu primeiro a Carolina adaptou-se e disse que então queria ser a cigarra. A meu ver esta situação mostra um grande poder de escolha, de respeito pelo outro e de “viver em sociedade”.

Depois da leitura da história pergunto “Então quais são as personagens que temo?” E eles dizem-nas sem qualquer dificuldade, por isso pergunto “Quem vai ser a cigarra?” e a Carolina P responde

imediatamente “EU!” e todos concordam, de seguida a Emma diz “E eu quero ser a formiga”, o Thiago afirma “Eu sou o rato” e o Tomás diz que então faz de aranha. (Nota de Campo nº 121, 31/10/2017).

Para além disto, a capacidade da escolha das personagens que querem interpretar revela, também, que conseguem identificar quais as personagens que intervêm no conto tradicional.

Falando, ainda, na fase de preparação do teatro as crianças, mas principalmente o Thiago, foram capazes de mobilizar conhecimentos sobre o mundo e de ir ver ao livro como é que a sua personagem era a nível visual para depois dizerem que figurinos e pinturas precisavam para representar cada um dos animais – formiga, cigarra, aranha e rato.

“Thiago tu então vais ser o rato, o que é que achas que precisas de roupa, de pinturas e de acessórios para seres mesmo um rato?” pergunto eu à criança. “Tenho de ser cinzento e de ter bigodes.” Diz-me o Thiago enquanto olhava para o livro. Pintei-lhe a cara de cinzento e de seguida perguntei-lhe aonde queria que lhe fizesse os bigodes. O Thiago ficou a pensar e a olhar para a imagem do rato no livro e disse “Não, eu não tenho bigodes, tenho um nariz preto e preciso de uma almofada!” (Nota de Campo nº 122, 31/10/2017).

Por outro lado, na apresentação do teatro as crianças já não estavam tão envolvidas porque não se sentiam muito à vontade. Falavam baixo e a maioria das vezes olhavam para mim para as ajudar com as falas que durante os ensaios sabiam tão bem. Na minha opinião isto deve-se ao facto da dificuldade de exposição perante um grupo tão grande. Nota-se que ficam intimidados e quanto mais perto os “espectadores” estiverem dos atores pior é. No início do teatro o grande grupo estava muito perto do palco e uma das crianças que ia representar – o Thiago – disse-me com um certo *tom de desconforto* “Maria pede para eles irem mais para trás, estão muito perto de nós”.

No que diz respeito à fase dos comentários cada uma das crianças que participou no teatro deu a palavra a um colega que estava com o dedo no ar. Os comentários foram todos positivos dizendo que tinham gostado muito do teatro. A meu ver a fase dos comentários é muito positiva porque estimula a capacidade de ouvir o outro e de dar a

vez ao outro. Porém, estes comentários poderiam ser melhorados de forma a ficarem mais complexos. Para tal, na minha opinião, cabe à equipa da sala questionar as crianças durante os comentários para que estas desenvolvam o seu discurso e, podem também, fazer comentários mais complexos para servir de “modelo” para as crianças.

#### **h. Lenda De São Martinho**

<b>DATA:</b> 6 de novembro 2018	
Objetivos Intencionalidade educativa	SUBDOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO ORAL  - Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação
Momentos / Propostas educativas	- Dinamização da lenda de São Martinho através de cartões com ilustrações trazidos pela estagiária (Anexo A) - Audição da canção “Lenda de São Martinho” com recurso aos cartões ilustrativos da lenda
Organização do espaço e materiais	- Os materiais estão ao lado da estagiária já preparados para a sua utilização - As crianças estão sentadas em roda no tapete na área da biblioteca  MATERIAS:  - Folhas com as ilustrações dos vários momentos da lenda - Coluna - Telemóvel (para pôr a música no final) - Colunas - Canção : <i>Lenda de São Martinho</i>
Recursos humanos	- A estagiária está encarregue de dinamizar esta atividade - Educadora da sala e auxiliar para apoio às crianças - À tarde a atividade do são martinho irá ser continuada com a dinamização de um teatro sobre a lenda apoiada pela educadora
Dinâmica	- A estagiária está colocada numa posição da roda onde todas as crianças a consigam ver

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A estagiária deve fazer inflexões vocais para captar a atenção das crianças</li> </ul>
<p style="text-align: center;">Estratégias de implementação das propostas</p>	<p>A estagiária antes de começar a contar a lenda de São Martinho deverá captar a atenção de todas as crianças, para isso poderá dizer que trouxe uma surpresa para eles e que lhes vai contar uma história verdadeira que aconteceu há muito tempo atrás</p> <p>A estagiária deverá recorrer a variações no timbre da voz para que as crianças sejam atraídas para a ação</p> <p>Ao contar a história a estagiária deverá acompanhar aquilo que está a dizer com as ilustrações que estão nos cartões A3 e deve certificar-se que todas as crianças veem</p> <p>Depois de contada a lenda de São Martinho a estagiária pode colocar algumas perguntas ao grupo e pode recorrer às ilustrações, por exemplo, apontar para a ilustração do São Martinho e perguntar “Quem é este Senhor? O que é que ele fez?”, “Porque é que neste cartão está a chover e neste já está sol?” para verificar se o grupo conseguiu compreender a lenda ou não</p> <p>De seguida, a estagiária diz que tem uma música sobre que também conta uma história e pede-lhes que tenham muita atenção para depois me dizerem que história é essa – despertar a curiosidade e a atenção da criança através do desafio</p>
<p style="text-align: center;">Indicadores de avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de identificar as personagens da lenda</li> <li>- É capaz de recontar a lenda através do teatro</li> <li>- É capaz de acompanhar e relacionar as ilustrações e a oralidade</li> </ul>

	- Verbalizam o que interpretam da história
Instrumentos de Avaliação	- Notas de Campo - Observação
Identificação/planificação de novas possibilidades	- Dinamização de um teatro - Exploração de outras lendas portuguesas

## **AVALIAÇÃO:**

Quando comecei a captar a atenção das crianças dizendo que ia contar uma história que aconteceu há muito tempo atrás e que era verdadeira o grupo ficou muito atento e estava bastante focado naquilo que eu ia fazer. Assim que comecei a contar a lenda de São Martinho e a mostrar as imagens as crianças ficaram bastante atentas seguindo as ilustrações que ia mostrando com os olhos. De seguida, quando acabei de contar a história perguntei se alguém queria fazer um comentário e várias crianças puseram o dedo no ar. O responsável do dia foi dando a palavra. Alguns dos comentários feitos estão retratados nas notas de campo de seguida citadas.

“Gostei muito do São Martinho” diz o Martinho e eu respondi “Do São Martinho? Apontas-me onde é que ele está aqui na ilustração, Martinho?” e a criança esticou o braço e apontou para o São Martinho em cima do cavalo. (Nota de Campo, 6/11/17)

“Eu gostei que ele tivesse ajudado o menino que tinha frio e estava sentado no chão” disse a Leonor T. e de seguida o Pedro diz, “Pois, e depois ficou sol!” (Nota de Campo, 6/11/17)

Quando é dada a vez ao Salvador ele diz “Ah mas depois o São Martinho ficou com frio”, eu perguntei ao grupo “Mas o São Martinho

ficou sem nenhuma parte da capa?” e o Vicente diz “Não, ele também tinha. Ele deu só um bocadinho.” (Nota de Campo, 6/11/17)

Todos estes comentários demonstraram que houve, de facto, um entendimento da lenda e a capacidade de perceber aquilo que cada uma das personagens da história representou. Por outro lado, as crianças mostram mais dificuldade em perceber o porquê de ficar sol de repente, mas para isso eu coloquei a música e disse para o grupo ouvir com atenção para ver se percebiam. Quando a musica acabou a Leonor T disse,

“Ah! O Sol apareceu porque ficou contente com o que o São Martinho fez!” (Nota de Campo, 6/11/2017)

Desta forma, penso que a atividade foi muito positiva visto que as crianças estavam envolvidas, entenderam a lenda de São Martinho e que a canção foi fundamental para o grupo perceber o aspeto do verão se São Martinho visto que simplifica muito a ideia e personifica o sol, as nuvens e o vento dizendo que o sol ficou muito contente com o que viu e as nuvens e o vento tiveram pena e por isso foram embora, o que se torna bastante mais real para as crianças.

### **LETRA DA CANÇÃO:**

Ia o São Martinho

No seu cavalinho

Viu um rapazinho a tremer de frio

Assim que o viu

Saltou para o chão

Apertou-lhe a mão

Deu-lhe a sua capa

Tapa as costas tapa

Não fiques molhado

Disse o São Martinho desagasalhado

Tapa as costas tapa

Não fiques molhado

Disse o São Martinho desagasalhado

A chuva no céu ao ver esta cena

Sentiu muita pena

Decidiu parar

O sol estava perto veio devagarinho

Parecia verão, verão de São Martinho

Tapa as costas tapa

Não fiques molhado

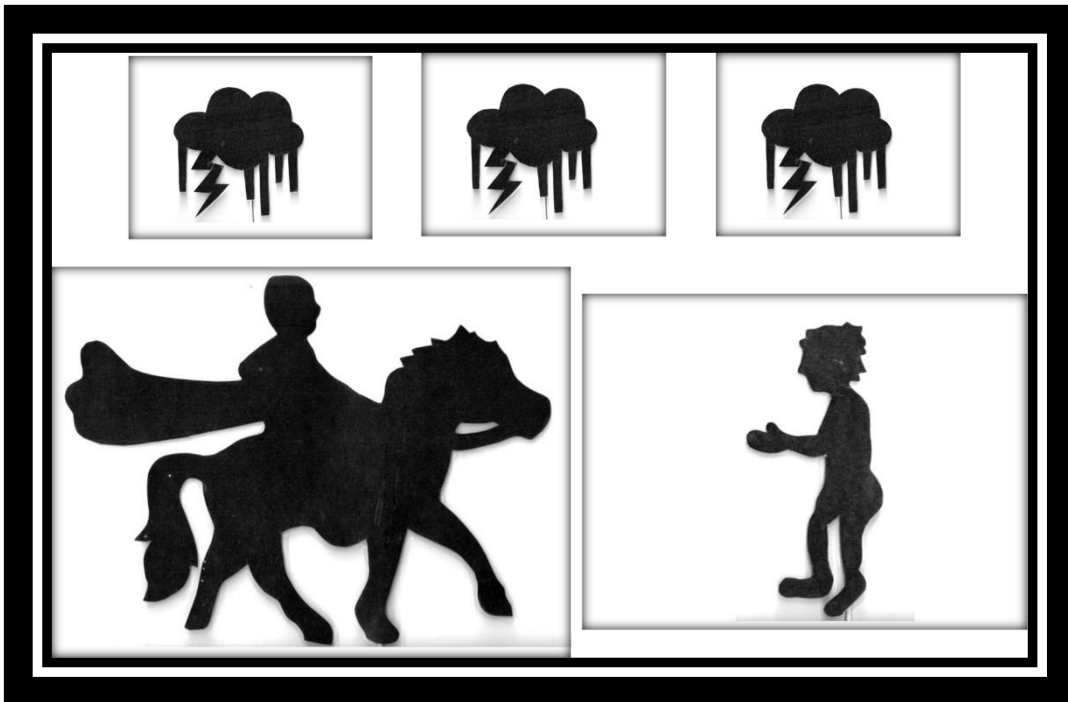
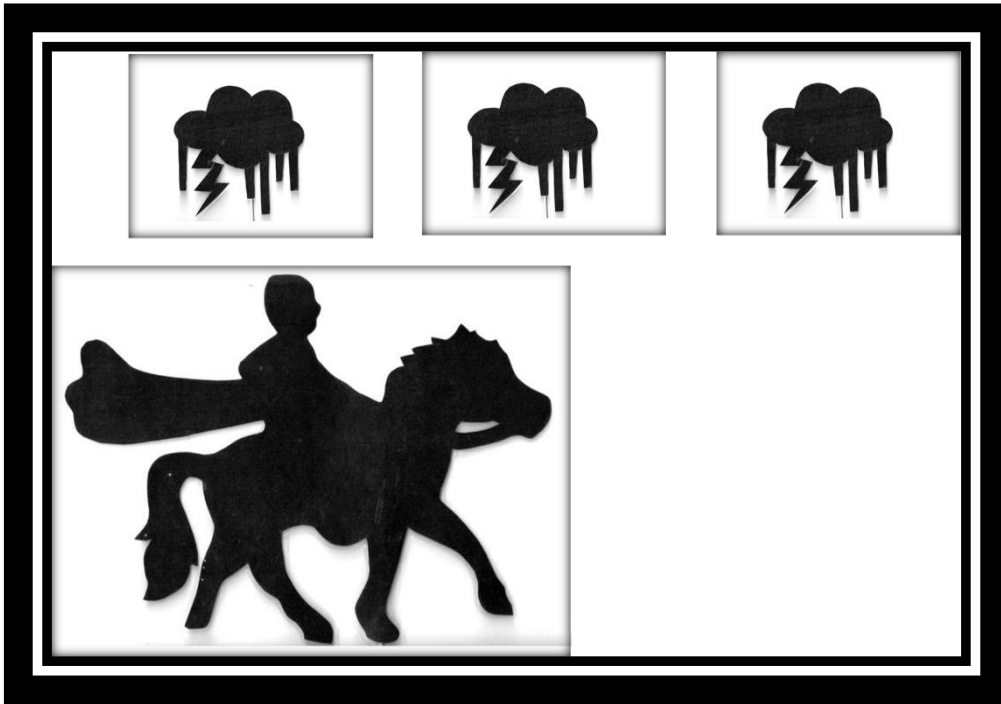
Disse o São Martinho desagasalhado

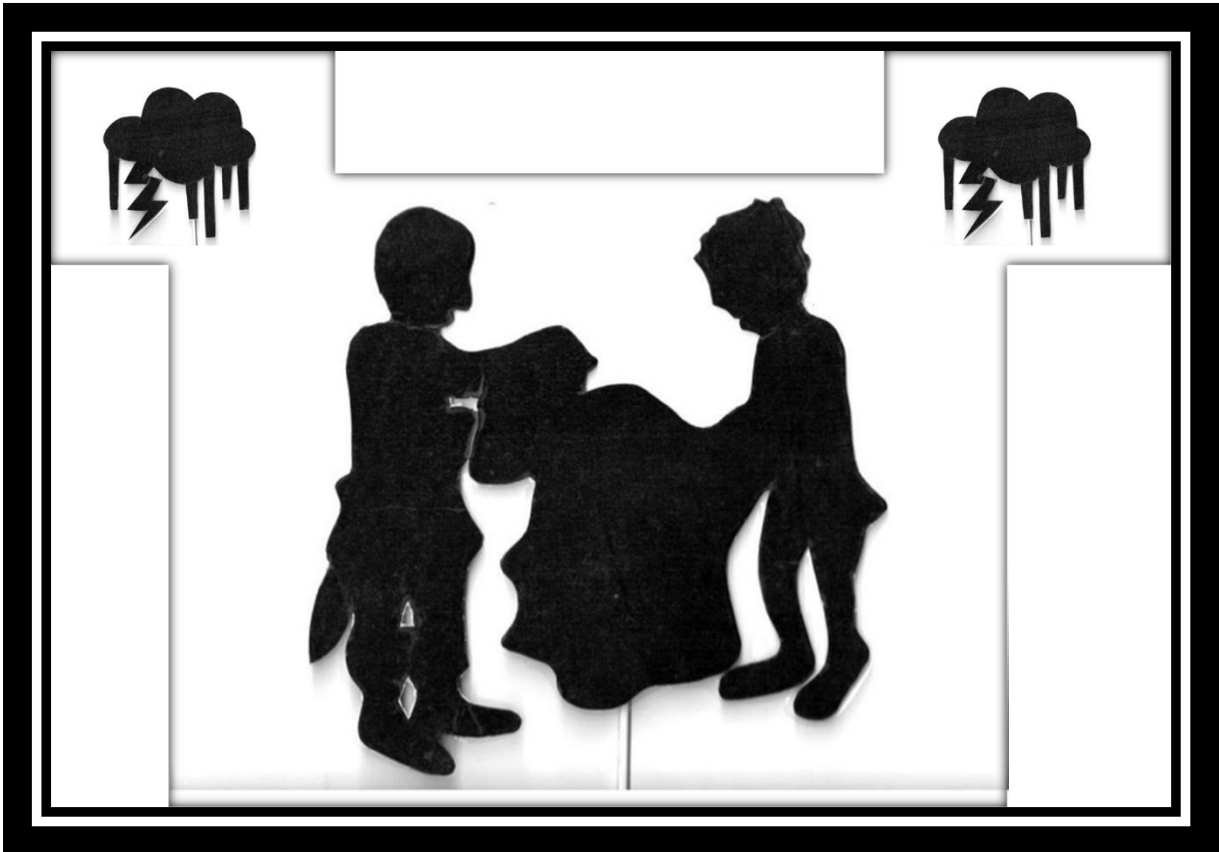
Tapa as costas tapa

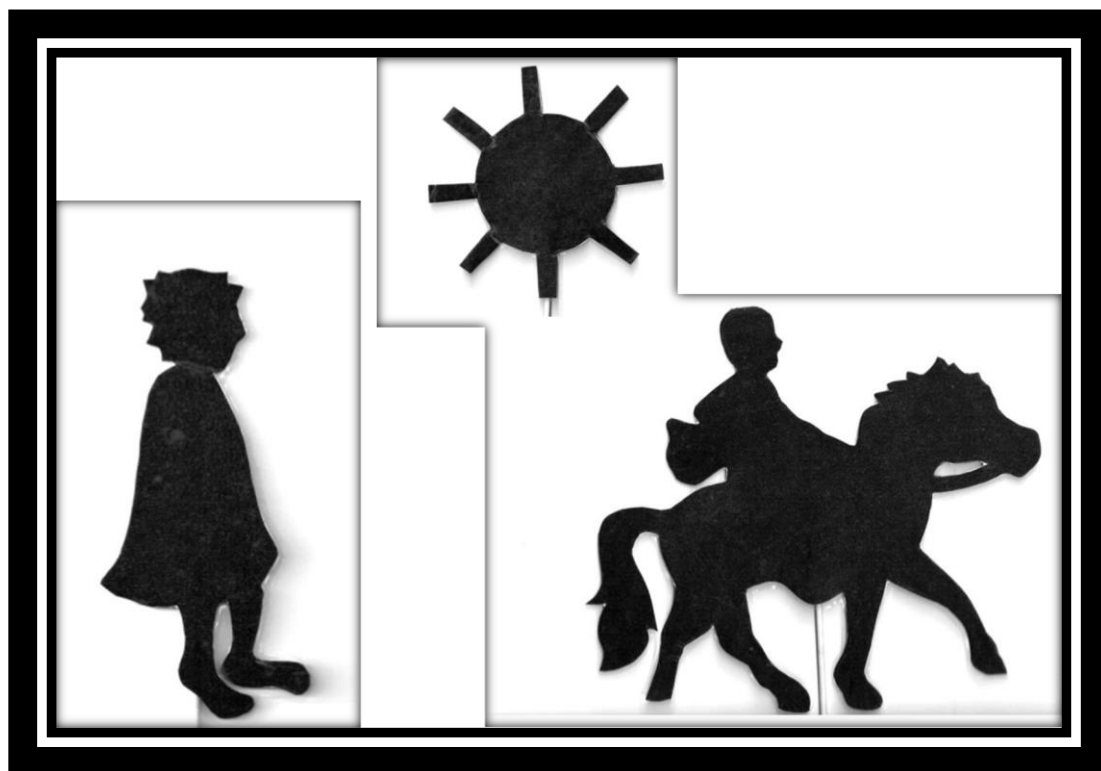
Não fiques molhado

Disse o São Martinho desagasalhado

## **CARTÕES DAS ILUSTRAÇÕES UTILIZADOS**







**i. Cartaz para pedir castanhas às famílias**

<b>Data:</b> 7 de novembro de 2017	
Intencionalidade educativa Objetivos	FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros;</li> <li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem.</li> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul>
	SUBDOMÍNIO DA IDENTIFICAÇÃO DE CONVENÇÕES DA ESCRITA
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer relação entre a escrita e a mensagem oral</li> </ul>
	SUBDOMÍNIO DA COMUNICAÇÃO ORAL
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Utilizar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação</li> </ul>

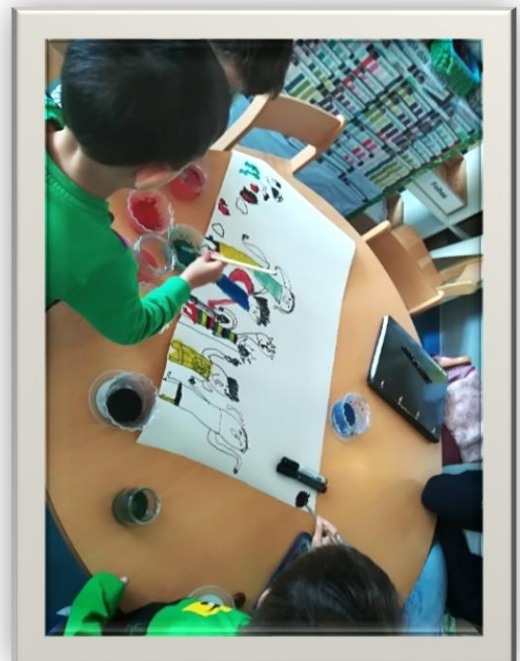
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escolha das crianças para a realização da atividade</li> <li>- Construção do cartaz</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel cenário</li> <li>- Canetas pretas</li> <li>- Tinta aguarela</li> <li>- Papel crepe</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 estagiária a apoiar a atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoiar as restantes crianças que não estão envolvidas nesta atividade</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A atividade é realizada por 3 crianças – Francisco I, Thiago e Salvador</li> <li>- As crianças são escolhidas pelo responsável do dia durante a realização do plano do dia (sendo que só são escolhidas aquelas que se propuserem, pondo o dedo no ar)</li> <li>- A atividade será realizada na área da escrita</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A estagiária deverá agir como apoiante da atividade, dando liberdade às crianças para fazerem o cartaz da forma que entenderem. No entanto esta deverá questionar as crianças sobre aquilo que estas estão a fazer para que a aprendizagem seja significativa.</li> <li>- Para a parte escrita do cartaz, a estagiária deverá questionar as crianças sobre aquilo que querem escrever para pedir aos pais. Esta deverá desafiar as crianças a tentarem escrever algumas palavras.</li> </ul>
Indicadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de estar envolvido na atividade</li> <li>- É capaz de relacionar aquilo que é pretendido com o cartaz e ilustra-lo de forma a que se perceba a temática</li> <li>- É capaz de cooperar com os colegas</li> <li>- É capaz de criar um discurso coerente para a criação do texto com o pedido das castanhas às famílias</li> </ul>
Identificação/planificação de novas possibilidades	

## **AValiação:**

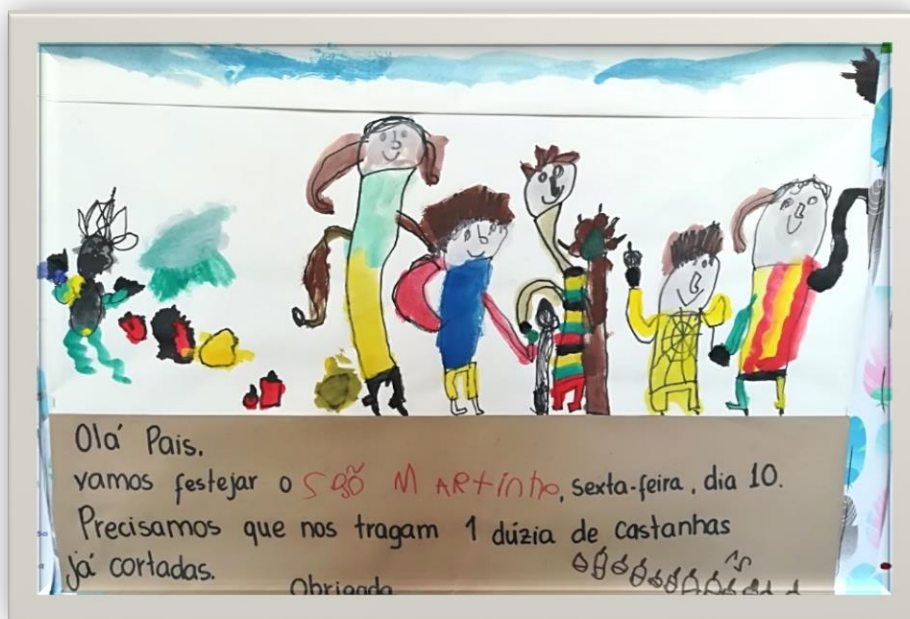
Esta foi uma atividade bastante positiva e, no meu entender, bastante enriquecedora para duas das crianças do grupo escolhido – o Salvador e o Thiago. O Francisco I estava desmotivado e no início estava a chorar, dizendo que queria a mãe e por isso, na fase inicial da atividade perguntei-lhe o que é que ele queria fazer e este disse que queria ficar sentado ao meu colo a observar apenas. Cumpri a vontade da criança e coloquei-o ao meu colo, tentando introduzir e envolver a criança na atividade o máximo possível. Para isto falava com a criança e colocava questões para os três tais como – “Qual é o nosso objetivo com este cartaz, o que é que nos queremos?”, “Já comeram castanhas, gostaram?” – e as crianças iam interagindo, respondendo aquilo que ia perguntando, principalmente o Salvador e o Thiago.

Foi interessante verificar o trabalho em conjunto que o Salvador e o Thiago realizaram, sendo que pediam ajuda um ao outro para fazerem determinados desenhos, por exemplo, “Thiago eu não sei fazer um menino grande, podes-me ajudar?” perguntou

o



Salvador uma vez.



**j. Projeto das Raias- O Que Queremos Saber? Como Vamos Fazer? – Planificação Do Projeto**

<b>Data: 14, 21, 28 de novembro</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- partilhar aprendizagens com o grupo, debate e negociação</li> <li>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem</li> <li>- Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões</li> </ul> <p>DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação</li> <li>- Mobilizar conhecimentos da sua vida pessoais e expressá-los para o grupo de forma clara e perceptível</li> </ul> <p>ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer os recursos tecnológicos do seu ambiente e explicar as suas funções e vantagens</li> <li>- Utilizar diferentes suportes tecnológicos nas atividades do seu quotidiano, com cuidado e segurança</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Debater aquilo que já sabemos sobre as raias</li> <li>- Definir aquilo que queremos saber e como queremos descobrir</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Folhas de papel</li> <li>- Canetas de feltro</li> </ul> <p>ESPAÇO:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Área da escrita</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 estagiária para dinamizar a atividade.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- educadora da sala e auxiliar para apoio às restantes crianças</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estão quatro crianças envolvidas neste projeto</li> <li>- As crianças devem estar sentadas à volta da mesa para que todas possam ver e participar na partilha de ideias</li> <li>- Elaborar os painéis intitulados “O que já sabemos sobre as raias”; “O que queremos saber”, “Como vamos fazer”.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lançar algumas questões para incentivar o debate.</li> <li>- Propor que as crianças ilustrem aquilo que queremos, o que já sabemos, o que queremos saber e como vamos descobrir</li> </ul>
Indicadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças mostram envolvimento nas propostas que lhe são apresentadas</li> <li>- Participam no debate</li> <li>- Exprimem e defendem os seus argumentos em relação ao assunto debatido</li> <li>- Respeitam o outro, escutando os seus argumentos</li> <li>- Propõem formas de ação para chegar às respostas (conhecimento)</li> <li>- Colaboram com os pares</li> </ul>
Identificação/planificação de novas possibilidades	<ul style="list-style-type: none"> <li>- - Pedir outras crianças do grupo mais sugestões para enriquecer o quadro do “queremos saber”</li> </ul>

## **AVALIAÇÃO:**

Nesta etapa, especificamente no planeamento do projeto, é notório que as crianças estão bastante envolvidas no mesmo. Durante os três dias nos quais planificamos o projeto foi notória a envolvimento das 4 crianças do grupo, dando sugestões daquilo que queriam saber e dizendo tudo aquilo que já pensavam saber.

“Maria eu sei muitas coisas sobre as raias” Diz o Pedro. (Nota de Campo nº 143, 14/11/17)

No entanto, é possível estacar um maior entusiasmo por parte dos rapazes do grupo, a Alícia revela-se um pouco menos participativo, ainda assim penso que se pode justificar, também pela personalidade da criança. Os três rapazes são muito extrovertidos e a Alícia é uma criança mais introvertida e um pouco mais tímida do que os outros três elementos deste grupo. Desta forma, por vezes é preciso dar espaço a Alícia para falar e dirigir-me diretamente à criança.

A Alícia está pouco participativa, e quando quer falar os rapazes não respeitam a sua vez. Parece um pouco envergonhada e por isso pergunto-lhe diretamente “Então Alícia, e tu, o que sabes sobre as raias?” a criança fica demora um pouco a responder. (Nota de Campo nº 144, 14/11/17).

Nestes três dias as crianças disseram muitas coisas sobre o que já sabiam e sobre o que queriam saber sobre as raias e eu registei tudo aquilo que estas iam dizer. No entanto não houve tantas respostas ao “Como vamos descobrir”. Inicialmente disseram só através de livros e dos computadores.

- De raia a raia -

O que já Sabemos	O que queremos saber	Como vamos descobrir
<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Eu sei que elas estão no mar a nadar." Afonso B., Pedro</li> <li>- "Têm barbatanas" Afonso B.</li> <li>- "Elas nadam como os peixes" Pedro</li> <li>- "As raias têm asas." Pedro, Afonso B., Alicia</li> <li>- "Elas respiram pelo nariz e podem estar fora de água." Pedro</li> <li>- "As raias são azuis." Duarte, Pedro, Alicia, Afonso B.</li> <li>- "As raias mergulham." Afonso B.</li> <li>- "As raias quando estão fora de água ficam azuis." Pedro</li> <li>- "Os peixes vão atrás do raia grande, a rainha." Afonso B.</li> <li>- "Eu já vi raias na praia" Alicia</li> <li>- "As raias são grandes." Pedro</li> <li>- "As raias têm uma cauda." Pedro</li> <li>- "A minha mãe já nadou com raias." Pedro</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Se elas nadam." Afonso B.</li> <li>- "Eu quero saber se as raias nadam mais depressa que os tubarões." Pedro</li> <li>- "Eu quero saber se as raias são azuis." Duarte</li> <li>- "Eu quero descobrir se as raias são pretas." Afonso B.</li> <li>- "Quero descobrir se as raias bebem água." Duarte</li> <li>- "Quero descobrir o que é que as raias comem." Alicia, Pedro, Afonso B., Duarte</li> <li>- "Quero descobrir o que é que as raias fazem na água." Alicia</li> <li>- "Quero saber se as raias andam no céu ou não." Salvador</li> <li>- "Para que servem as caudas das raias?"</li> <li>- "Se as raias são peixes"</li> <li>- "Como é que as pessoas nadam com raias e não se magoam."</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "No computador" Afonso B., Duarte</li> <li>- "Pesquisar em livros" Alicia</li> <li>- "Falar com alguém que saiba coisas sobre as raias." Pedro</li> <li>- "Fazer um jogo sobre as raias." Afonso B., Pedro</li> </ul>

Ao longo deste processo, as crianças foram bastante respeitosas entre elas e trabalharam sempre em conjunto, quando existiam desentendimentos ou quando alguma das crianças não respeitava a vez do outro era notório que muito se devia ao entusiasmo que sentiam ao fazer este mesmo projeto e por quererem dizer tudo aquilo que já sabiam e que queriam saber.

No que diz respeito às sugestões sobre o que é que queriam fazer para pôr este projeto em pratica, também foram muitas as que as crianças deram, por isso foi bastante positivo.

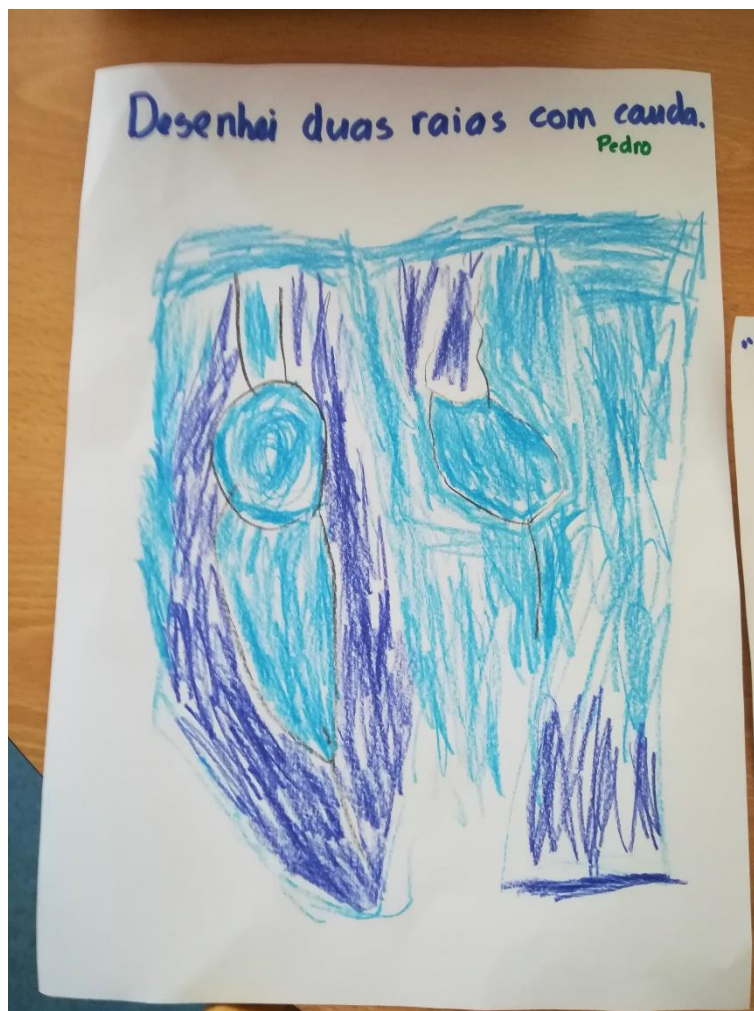
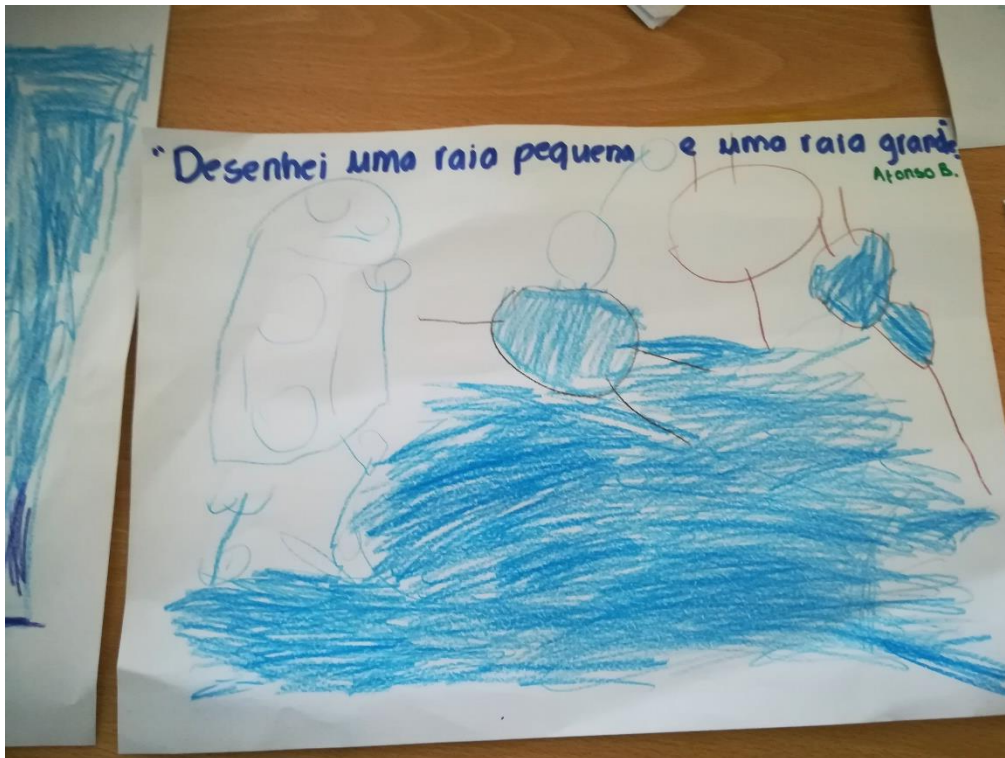
“Maria, mas eu queria ver uma raia aqui na escola. Tu podias trazer uma.”  
Insiste o Afonso B. “Então, mas se eu trouxer uma raia ela já não vai estar

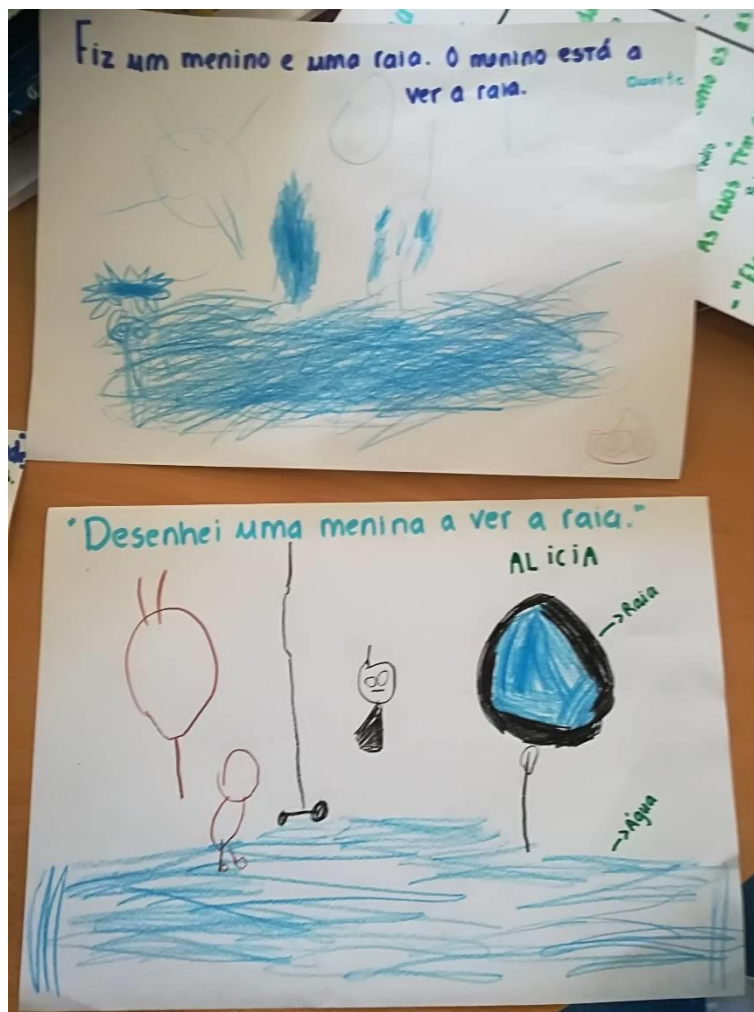
viva” digo eu. As crianças param e ficam com um ar pensativo, mas o Afonso B volta a responder “Não tem mal, assim nós podemos tocar-lhe e mexer nela”. (Nota de campo nº 159, 21/11/17)

As crianças conseguiam resolver conflitos entre elas, o que foi muito positivo. Durante estes dias o Afonso B demonstrou-se muito responsável e empenhado, tentando ajudar os seus pares a não perderem o foco.

“Olha Pedro tu não estás com atenção a nada e estás a falar ao mesmo tempo que as outras pessoas e eu não te dei a palavra. Tens de respeitar” diz o Afonso B ao Pedro. O Pedro *amua* e vira-se de costas encaminhando-se para a porta da sala. Vamos todos lá – Afonso B, Alícia, Duarte e eu – e o Afonso B diz “Olha Pedro, o Martim também queria fazer este projeto e não pode porque não havia lugar.” O Pedro olha para mim e eu digo “Eu tenho a certeza que o Pedro também quer fazer este projeto, ele a partir de agora vai estar empenhado e vai respeitar a vez dos outros meninos falarem, não é Pedro?”. A criança diz que sim e voltamos para a frente do computador.

No primeiro dia no qual planificamos o projeto, depois de escrever tudo aquilo que as crianças disseram o Afonso B e o Pedro pediram para ir desenhar raias, disse às crianças que pensava ser uma excelente ideia e perguntei quem querias ir e todos me reponderam positivamente. Este foi um momento muito positivo, apesar de não estar planificado. Porque através destes desenhos pude verificar que as crianças já tinham algumas conceções sobre a mesma, nomeadamente sobre a sua forma e constituição física, que não tinham mencionado anteriormente. Através destes desenhos constatei que todos os elementos deste grupo sabiam que as raias tinham uma cauda. Quando perguntei o que era aquilo que tinham desenhado na raia todos me disseram “É a cauda da raia, elas têm uma cauda” e assim registamos mais uma coisa que as crianças sabiam sobre estes animais. Para além disto, as quatro crianças desenharam água ao pé das raias e houve, ainda uma criança que desenhou uma raia grande e outra pequena o que também dá a entender que compreendem que existem várias raias de tamanhos diferentes.





### k. Onde podemos ver raias em Lisboa?

<b>Data:</b> 28 de novembro	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>DOMÍNIO DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul> <p>DOMÍNIO DO CONHECIMENTO DO MUNDO:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- questionar, colocar hipóteses, prever como encontrar respostas, e recolher informação, organizar e analisar a informação para chegar a conclusões e comunicá-las</li> </ul> <p>SUBDOMÍNIO DAS ARTES VISUAIS</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Representar informação selecionada através de desenhos e pinturas</li> </ul> <p><b>DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo a expressar as suas previsões e pesquisas</li> <li>- Identificar funções no uso da leitura e da escrita – pesquisa e partilha de informação</li> <li>- Usar a escrita com diferentes com a função de interagir com os outros.</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pesquisa de locais que ofereçam a possibilidade de ver raias</li> <li>- Elaboração de um cartaz para informar as famílias</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p><b>MATERIAIS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Computador</li> <li>- Papel</li> <li>- Canetas</li> <li>- Tinta</li> </ul> <p><b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço amplo para que as quatro crianças possam participar e envolver-se na atividade</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para apoiar a atividade de pesquisa e de criação do cartaz</li> <li>- 1 educadora e uma auxiliar de sala para apoiar as restantes crianças do grupo que não estão envolvidas no projeto das raias</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Para a fase da pesquisa iremos para a sala dos computadores e as crianças irão estar à volta do mesmo sentadas ou de pé (como preferirem) de forma a que todas consigam ver a pesquisa</li> <li>- Na fase de produção do cartaz irei questionar as crianças sobre qual pensam ser o local mais apropriado para a elaboração do mesmo</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Na fase da pesquisa a estagiária deverá perguntar às crianças onde é que elas pensam que se podem ver raias em Lisboa</li> <li>- De seguida, deverá questionar as crianças como deverá pesquisar. De seguida deverá ler a informação que encontrar acompanhando, se possível, o texto com o cursor do rato para que as crianças possam acompanhar a leitura</li> <li>- Na fase da produção do cartaz, a estagiária, deverá questionar as crianças sobre como querem fazer o cartaz, como o querem organizar e quem faz o quê</li> <li>- No final a estagiária deverá perguntar às crianças onde querem pôr o cartaz para que as famílias o possam ver</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Durante todo este processo a estagiária deverá colocar questões ao grupo que suscitem a reflexão sobre o tema</li> </ul>
Indicadores	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de cooperar com os outros</li> <li>- É capaz de prever e de refletir sobre a questão de partida</li> <li>- É capaz de cruzar informações</li> <li>- É capaz de fazer escolhas</li> <li>- É capaz de respeitar a vez do outro</li> </ul>
Instrumentos de Avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Observação</li> <li>- Registos fotográficos</li> <li>- Próprio cartaz realizado</li> </ul>

### **Avaliação:**

Para esta atividade tivemos um elemento extra no grupo, o Professor Abel veio observar-me e por isso é de notar que a atividade começou de uma forma diferente. Inicialmente expliquei e apresentei o professor ao pequeno grupo e depois estes começaram a dizer algumas coisas que já tinham descoberto acerca das raias.

Assim que o Professor Abel abre a porta da sala e entra as crianças ficaram um pouco *distraídas*. Olhavam para o professor e depois olhavam para uma das três adultas presentes na sala. De seguida, expliquei “Este é o meu professor, chama-se Abel e vem cá ver se eu me estou a portar bem” enquanto sorria. (Nota de Campo nº 176, 28/11/17)

“Sabes que nós comemos a comida das raias?” diz o Duarte ao Professor Abel. “Ai é? E o que é que é a comida das raias?” pergunta o professor. “São moluscos, crustáceos e peixes” dizem as quatro crianças. “Sim, e nós comemos lulas” diz a Alícia. (Nota de Campo nº 178, 28/11/17)

A atividade não seguiu exatamente a planificação, tiveram e existir algumas modificações devido à vontade das crianças. Inicialmente pediram para ver vídeos de raias a nadar e por isso este foi a primeira coisa a executar.

De seguida, voltei aquilo que tínhamos planeado,

“Então agora vamos lá ver. O que é que nós combinámos que íamos fazer hoje? Lembram-se que o Afonso B tinha pedido para ver raias verdadeiras a nadar?” pergunto eu ao grupo. As crianças respondem que sim e a Alícia

completa “Sim, nós vamos pesquisar onde há raias aqui e depois vamos fazer um cartaz a dizer aos pais.” (Nota de Campo nº 179, 28/11/17)

Note-se que neste dia tínhamos a visita do Professor Abel e as crianças estavam um pouco agitadas com a presença de um elemento estranho, o que por vezes dificultou, um pouco, a concentração do grupo. Outro dos aspetos que dificultou a atividade foi entusiasmo que o grupo demonstrou, o que por vezes era um motivo de desatenção e de distração. Note-se que este entusiasmo é visto, por mim e pela equipa educativa de uma forma muito positiva, no entanto às vezes as crianças perdem o rumo daquilo que se está a fazer porque começam a falar todas em simultâneo porque querem dizer ou contar algo. Desta forma, houve momentos em que tive de existir estratégias da minha parte para que o grupo se voltasse a focar naquilo que estávamos a fazer.

O grupo começava a revelar alguns sinais de cansaço – estavam distraídos e era mais difícil que se focasse naquilo que estávamos a fazer. “Então vamos, lá, vamos levantar-nos todos e vamos ser raias e nadar pela sala como as raias” disse eu. As crianças nadavam utilizando os braços como as asas das raias e uns saltavam dizendo “Sou a raia voadora” e outros nadavam simplesmente. Passados alguns segundos sugeri que nos voltássemos a sentar, mas estava a ser difícil, portanto disse “Vamos lá raias, todas a voltar para o aquário.” E as crianças riram e voltaram a sentar-se. (Nota de Campo nº180, 28/11/17).

Por fim, voltámos para a sala de referência e combinamos como é que iria ser feita a divulgação desta informação às famílias.

“Maria podemos desenhar as raias?” pergunta o Afonso B. Eu respondo que sim e o grupo do projeto volta a reunir-se para combinar como vamos fazer o cartaz para informar as famílias que existem raias no Oceanário. Pergunto “Como querem fazer o cartaz?” e a Alicia responde-me “Podemos desenhar numa folha grande e depois escrevemos uma coisa” e todos dizem concordar com a criança, então pergunto como querem fazer o desenho e o Duarte responde-me “Com canetas e tintas”. (Nota de Campo nº 182, 28/11/17)

A meu ver esta foi uma atividade, mais uma vez, muito positiva. Penso que aquilo que não estava planeado – a visualização de vídeos – acrescentou valor e significado ao projeto, visto que o grupo observou as raias no seu ambiente natural, a nadar livremente, podendo observar a

fisionomia, o método de deslocação, as cores, os tamanhos destes animais o que respondeu a muitas questões que o grupo tinha proposto no *Queremos saber*.

O momento de pesquisa torna-se mais complicado de gerir quando os resultados vêm apenas na forma de texto, nota-se que as crianças perdem um pouco o interesse, por isso, esta parte teve de ser um pouco mais acelerada do que esperava.

O momento de produção do cartaz foi bastante rico e as crianças conseguiram trabalhar em grande grupo, desenhando em conjunto. A organização deste foi feita pelas crianças. Estas decidiram quais eram os materiais a usar – canetas e aguarelas -, quem ia buscar os materiais, quem desenhava primeiro, quem desenhava o quê. Na minha opinião penso poder afirmar que foi um momento de trabalho em equipa onde o pequeno grupo se respeitou mutuamente.



## 1. Exploração De Uma Raia

<b>Data: 7/12/17</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>ÁREA DA FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> </ul> <p>ÁREA DO CONHECIMENTO DO MUNDO:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver uma posição refletiva e crítica – formular hipóteses</li> <li>- Explorar o animal apercebendo-se das diferenças e semelhanças com outros seres vivos</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação da raia</li> <li>- Exploração da raia</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 raia fresca</li> <li>- Luvas</li> <li>- Bisturi</li> </ul> <p>Organização do espaço:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Mesa ampla e com os materiais previamente preparados</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para apoio da atividade</li> <li>- 1 educadora e q auxiliar de sala para apoio das crianças que não estão envolvidas no projeto</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças deverão estar à volta da mesa – sentadas ou em pé.</li> <li>- Cada um poderá explorar a raia</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente a estagiária não deverá mostrar a raia e deve suscitar algumas reflexões nas crianças – como será a textura da raia, será que é uma raia grande, será que cheira bem, ...</li> <li>- De seguida deve dar oportunidade a cada criança de explorar o animal, incentivando a observação visual, mas também a exploração através do toque</li> <li>- Caso alguma criança sinta alguma repugnância em tocar na raia com as mãos a estagiária poderá fornecer umas luvas à criança e apoia-la, dando-lhe segurança</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de cooperar com os pares</li> <li>- É capaz de respeitar a vez do outro</li> <li>- É capaz de formular hipóteses sobre a textura, tamanho, cheiro, aspeto da raia</li> <li>- É capaz de explorar a raia utilizando os vários sentidos</li> </ul>

Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Registos fotográficos</li> </ul>
---------------------------	---

## **Avaliação**

Esta foi uma atividade muito positiva a meu ver, teve muita adesão do grupo e permitiu inúmeras descobertas.

Num primeiro momento, o meu receio, confirmou-se. Os 4 elementos do projeto ficaram muito hesitantes em tocar na raia. Porém, bastou uma das crianças tocar para que todas se sentissem mais à vontade para o fazer.

Quando tirei a raia do saco as 4 crianças do grupo estavam reticentes em mexer no animal. Limitaram-se a observar. A educadora dirige-se a esta zona e pergunta ao grupo do projeto se pode chamar o restante grupo da sala. Quando todas as crianças estão à volta da mesa o Salvador começa a tocar na raia sem qualquer tipo de hesitação e logo a seguir outras crianças começam a tocar também. (Nota de Campo, 7/12/17)

Ainda assim houve crianças que me pediram para calçar as luvas porque se sentiam mais confortáveis. A Alícia e o Duarte só começaram a explorar a raia quando tinham as luvas calçadas. É de notar que as luvas eram de espessura baixa e por isso permitia que se sentissem todas as texturas presentes no animal.

“Maria eu quero umas luvas” disse o Duarte. A Alicia quando viu o Duarte a pôr as luvas pediu-me umas também. Assim que calçaram as luvas iniciaram a exploração da raia. (Nota de Campo, 7/12/17)

Enquanto estavam todas as crianças que estavam na sala do jogo dramático à volta da mesa tornou-se um pouco complicada a exploração, visto serem muitas crianças em simultâneo a mexer no animal. Porém, foi um momento muito rico de partilha, no qual o projeto passou a ser do interesse de todo o grupo. Ou seja, apesar deste momento não ter sido planeado considere-o muito vantajoso e positivo.

De seguida, ficaram apenas os 4 elementos do grupo e ouve tempo e oportunidade para fazer várias descobertas.

“Maria podes virar a raia” pede a Alicia. Digo que sim e viro-a. “Ahh olha a boca! Pois é já tínhamos visto que a boca da raia é em baixo, não é no mesmo lado que os olhos!” (Nota de Campo, 7/12/17)

“Afonso, tinhas dito que as raias não têm dentes, vê lá se tem ou não!” digo eu. O Afonso põe o dedo na boca da raia e sente os dentes depois desafia o Pedro a sentir também os dentes de raia, o Pedro quando os sente diz “Ah, tem dentes, são afiados” (Nota de Campo, 7/12/17)

“Olhem a cauda tem os espinhos, cuidado que picam” diz a Alicia ao grupo. “A raia em baixo é macia, é lisinha” diz a Alicia. E eu pergunto enquanto viro a raia “E eu cima, é macia ou é áspera?”. As crianças exploram a textura da raia, passando a mão e afirma “É áspera, arranha!” (Nota de Campo, 7/12/17). “Esta raia é branca em baixo e cinzenta em cima, as raias têm cores diferentes” afirma o Afonso B (Nota de Campo, 7/12/17)

Foi interessante verificar a falta de compreensão de uma criança sobre a morte, ou seja, uma das crianças, não entendeu que quando uma raia, neste caso, morre já não volta a viver, a nadar mesmo que a púnhamos em água.

“Maria, podes pôr a raia no aquário para a vermos a nadar?” pergunta o Pedro.

“Não, ela está morta, já não nada” diz a Alicia. (Nota de Campo nº , 7/12/17)

Em simultâneo vemos a partilha de conhecimentos entre as crianças. Neste caso, a Alicia tinha outra conceção, discordava daquilo que o Pedro tinha dito e por isso explicou ao seu par.

Durante todo o tempo de exploração notou-se compreensão e entreajuda por parte das crianças. Respeitavam o tempo de cada uma, sendo que quando uma criança pedia para virar a raia ao contrário as outras permitiam-no.

O Afonso B – quem sugeriu – esta exploração demonstrou muito interesse, tendo sido a criança que explorou a raia durante mais tempo e a que mesmo depois da exploração voltava a perguntar e a pedir para repetirmos esta atividade.

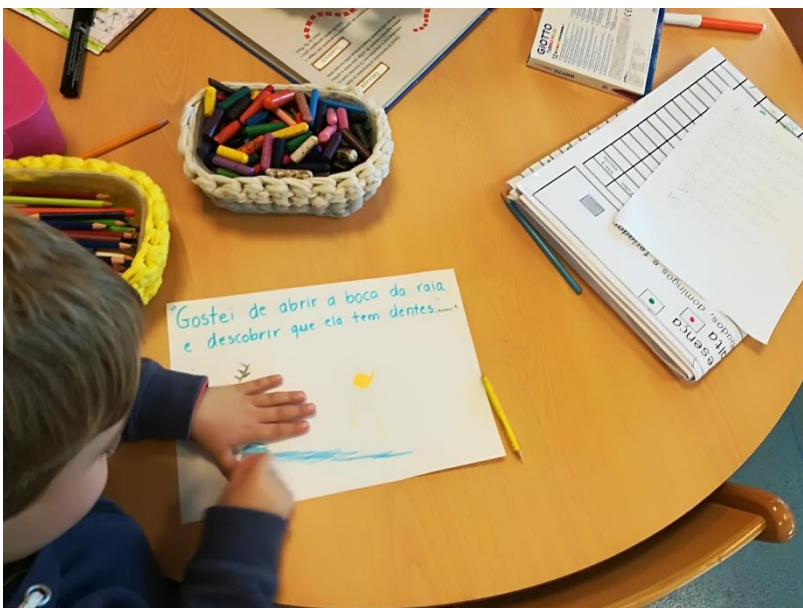
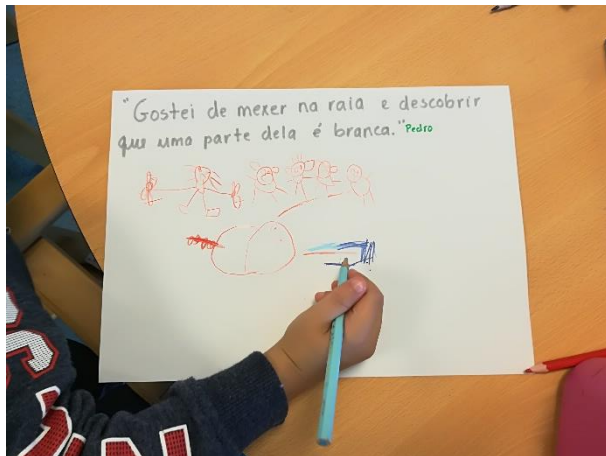
“Quem quiser pode ir lavar as mãos, mas têm de esfregar muito bem.” Disse eu ao notar já algum aborrecimento por parte do grupo. O Afonso B diz “Mas eu ainda quero mexer nela”. “Então podes continuar, é só para quem já não quer mexer mais na raia.” (Nota de Campo, 7/12/17)

“Maria gostei muito de ver a raia, podes trazê-la noutro dia?” pergunta o Afonso B (Nota de Campo, 7/12/17)

No final, as crianças pediram me para registar aquilo que tinham gostado mais de descobrir. Esta sugestão por parte das crianças enriqueceu a atividade e permitiu que ficassem registados, por vontade própria, aquilo que mais gostaram, revelando assim qual a aprendizagem mais significativa para cada uma delas.

Quando voltam de lavar as mãos a Alícia fica ao pé do Afonso e observa a exploração que este está a fazer e o Pedro diz “Maria quero registar o que gostei mais de fazer”. Ao ouvir isto o Duarte diz que também quer. Passados breves momentos o Afonso B vai lavar as mãos e vai para a área da escrita fazer, também, o registo daquilo que mais gostou de descobrir através da exploração. (Nota de Campo, 7/12/17)





**m. Quais as dimensões da maior raia existente**

<b>Data:</b> 13 de dezembro	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> <li>- Respeitar a vez do outro</li> </ul> <p>DOMÍNIO DA MATEMÁTICA:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Compreender que os animais têm atributos mensuráveis</li> <li>- Utilizar unidades de medida para responder a necessidades e questões do quotidiano</li> <li>- Compreender a dimensão – noção de grandeza</li> <li>- Tomar outro ponto de vista de forma a que consiga delinear o contorno da raia – visão espacial</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relembrar qual o tamanho máximo de uma raia</li> <li>- Medição e marcação das dimensões da raia</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fita métrica</li> <li>- Cordel</li> </ul> <p>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer no pátio.</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos na atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no projeto</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças deverão estar no exterior, organizando-se para conseguirem realizar a atividade</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente a educadora deverá questionar as crianças sobre qual o tamanho máximo de uma raia já pesquisado anteriormente). Caso as crianças não se recordem a educadora poderá fazer questões como – “Acham que a maior raia é grande ou pequena?” “Acham que é maior ou mais pequena do que vocês?” – de forma a suscitar a reflexão das crianças.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De seguida deverá apresentar o material de medida às crianças perguntado se conhecem – a fita métrica – e se sabem como se mede com ela.</li> <li>- Seguidamente, deve ser iniciado o processo de medida. As crianças deverão marcar a envergadura máxima de uma raia (7 metros) e marcá-la com recurso ao cordel fornecido e depois fazer o mesmo com o comprimento da raia (6 metros).</li> <li>- Por fim, a educadora deve incentivar as crianças a delimitarem o corpo da raia também com recurso ao cordel, de forma a que fiquem os contornos da raia marcados no chão.</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de trabalhar de forma cooperativa com os seus pares, respeitando a vez do outro e as suas opiniões</li> <li>- É capaz de utilizar, corretamente, o instrumento de medida – fita-métrica</li> <li>- É capaz de entender a dimensão da raia, concluindo que é um animal que pode ser bastante grande</li> <li>- É capaz de fazer o contorno da raia</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Registo Fotográfico</li> </ul>

### **Avaliação:**

Antes de começar a avaliação da atividade penso ser relevante dizer que tínhamos a visita da Professora Rita e por isso o grupo foca sempre um pouco mais agitado devido à presença de uma pessoa estranha. Por isso, antes de começarmos a atividade avisei o grupo.

“Meninos como já viram na sala, hoje está cá a minha professora, a Rita. Lembram-se? Ela hoje vem ver aquilo que nós vamos fazer e vai aprender muita coisa sobre as raias! Importam-se que ela venha cá para fora connosco?” o grupo diz que não e o Pedro acrescenta “Vamos ensinar-lhe muitas coisas porque nós sabemos muitas coisas!” (Nota de Campo, 13/12/17).

Na minha opinião a atividade correu muito bem, o grupo esteve empenhado e apesar de ser um exercício que poderia ser bastante abstrato devido às grandes dimensões da raia, as crianças foram bastante bem-sucedidas. Mais uma vez houve diversos

momentos nos quais as crianças especialmente os rapazes se perdiam e começavam a fugir do tema da atividade. No entanto justifico tais distrações devido a dois fatores. O primeiro é mais uma vez o entusiasmo para com o projeto. Este grupo, especialmente os rapazes quando se entusiasma, por vezes, perdem o foco e temos de utilizar estratégias para os fazer regressar à atividade. Em segundo lugar, o facto de estarmos no exterior também se torna mais complicado, devido ao barulho e ao amplo espaço com diversas distrações – baloiços, escorregas, espaço para correr.

Durante toda a atividade foi minha preocupação utilizar linguagem específica e correta como por exemplo envergadura, comprimento, centímetros, metros, asas da raia, cauda, entre outras. A certa altura já as próprias crianças utilizavam esta linguagem.

“Maria, a envergadura da raia é muito grande” diz a Alicia. “Pois é Alicia, quantos metros de cordel é que utilizámos para marcar, lembraste?” pergunto eu. O Pedro de imediato diz “Sim, 7 metros de envergadura e por isso é a corda branca” (Nota de Campo, 13/12/17).

Foi muito importante ter levado trapilho de duas cores diferentes – branco e amarelo – assim quando, numa fase inicial, o contorno da raia ainda não estava delimitado o grupo conseguiu compreender qual era o cordel que delimitava a envergadura da raia e a que delimitava o comprimento da raia.

Como tinha estado a chover a atividade não pode ser realizada no sítio planeado, ao pé dos escorregas, e por isso não era possível as crianças subirem para cima do mesmo para terem a visão espacial do que estavam a fazer, mas a certa altura o grupo começou a revelar dificuldade em perceber como podiam continuara delimitação da raia e por isso chamei-os e coloquei um a um em cima de uma mesa que estava ali, o que na minha opinião foi muito importante porque a partir daí continuaram a delimitar a raia e até corrigiram uns pormenores que tinham feito anteriormente.

Outro aspeto importante e que confirmou a aprendizagem das crianças sobre as raias foi os pormenores que estas destacaram:

“Ah! Mas os olhos e a boca não são do mesmo lado. A boca é em baixo e os olhos em cima!” diz o Afonso. (Nota de Campo 13/12/17).

“Acham que falta alguma coisa À nossa raia?” perguntei. E o Pedro depois de a observar diz “Sim, faltam os espinhos da cauda” (Nota de Campo, 13/12/17).

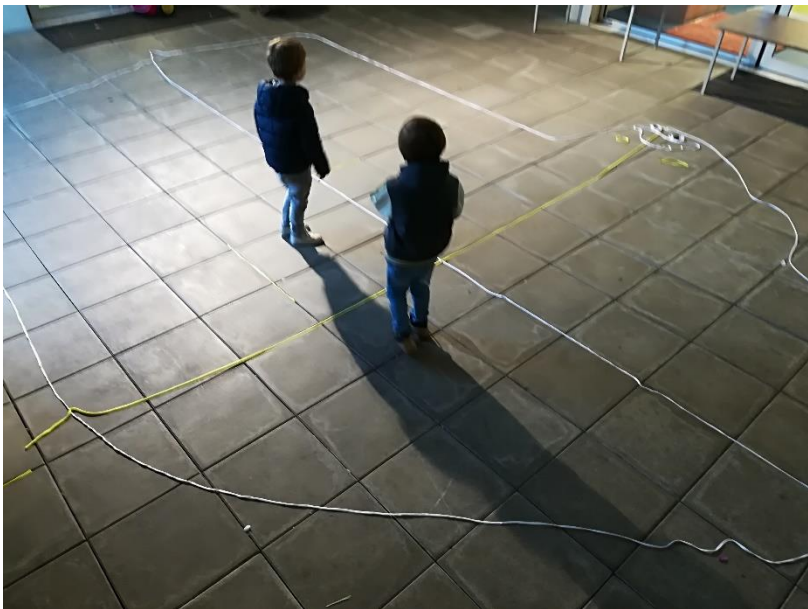
Por fim, o grupo demonstrou o seu agrado, orgulho e entusiasmo pela atividade perguntando se podiam comunicar a raia ao resto do grupo da sala do jogo dramático

“Podemos chamar os outros meninos para comunicar a nossa raia gigante?” pergunta o Pedro entusiasmado. (Nota de Campo, 13/12/17).

A meu ver foi uma atividade bastante bem-sucedida e significativa para as crianças e a prova disso mesmo são os registos fotográficos que irei apresentar de seguida. No entanto o Afonso B, o Pedro e o Duarte por vezes demonstram alguma dificuldade em trabalhar de forma cooperativa, querendo ser eles próprios a fazer tudo. O Pedro e o Afonso, principalmente, demonstram também dificuldade em respeitar a vez do outro, não conseguindo, por vezes, ouvir as opiniões dos seus pares.

Da minha parte, a maior dificuldade foi, a certa altura, arranjar estratégias para voltar a focar e a unir o grupo na atividade, de forma a que trabalhassem de forma cooperativa, colaborando uns com os outros.









## n. Cartaz para a comunicação

<b>Data: 9/12/17</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> <li>- Respeitar a vez do outro</li> </ul> <p>DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo com o grupo do projeto sobre como querem fazer o cartaz para comunicação do Projeto</li> <li>- Elaboração do cartaz</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Papel</li> <li>- Canetas</li> <li>- Cola</li> <li>- Papel cenário</li> </ul> <p>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</p> <p>Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer na área da escrita</p>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos na atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no projeto</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças deverão estar na área da escrita para que seja possível trabalhar em grupo. Como a mesa é redonda permite que todos se vejam e que consigam comunicar eficazmente.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É necessário ter em conta que previamente existiu já uma conversa com o grupo, na qual as crianças chegaram à decisão de fazer a comunicação através de um cartaz.</li> <li>- Em primeiro lugar, a educadora deverá questionar o grupo sobre como querem fazer o cartaz e qual a sua organização. Caso exista discórdia entre o grupo a educadora deverá procurar estratégias para que o grupo consiga chegar a um consenso</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De seguida, a educadora deverá apoiar o grupo naquilo que for necessário para a construção do mesmo.</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de trabalhar de forma cooperativa com os seus pares, respeitando a vez do outro e as suas opiniões</li> <li>- É capaz de expressar vontades e opiniões</li> <li>- É capaz de mobilizar os conhecimentos obtidos ao longo do projeto e de sintetizar informação</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Registos Fotográficos</li> </ul>

### o. Construção do Jogo das raias

<b>Data: 10/12/17</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<p>ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> <li>- Respeitar a vez do outro</li> </ul> <p>DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação.</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<p>(É Necessário ter em conta que o jogo já está definido<sup>2</sup>)</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Construção dos materiais – cartões de mimica com recurso às raias<sup>3</sup></li> <li>- Construção das regras do jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p>MATERIAIS:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartolina</li> <li>- Lápis</li> <li>- Canetas</li> <li>- Papel</li> </ul> <p>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</p> <p>Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer na área da escrita</p>

<sup>22</sup> Na primeira fase – Planeamento do Projeto – foi definido como iria ser o jogo e como é que o grupo queria fazê-lo

<sup>3</sup> Numa conversa aquando a fase de planeamento do Projeto, as crianças demonstraram vontade de personificar as raias – a raia feliz, a raia mal disposta, a raia zangada, a raia a ler um livro – e daí surgiu a ideia do jogo. Ou seja, construir cartões nos quais as raias têm características humanas e fazer mímica com eles.

Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos na atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no projeto</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças deverão estar na área da escrita para que seja possível trabalhar em grupo. Como a mesa é redonda permite que todos se vejam e que consigam comunicar eficazmente. Contudo se considerarem que necessitam de mais espaço poderemos mudar de área ou trabalhar no chão da sala (como é feito diversas vezes)</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente deverá existir uma distribuição de tarefas dentro do grupo, ou seja, é necessário quem faz o quê e como</li> <li>- De seguida, é necessário estabelecer as regras do jogo. Se o grupo demonstrar dificuldade em fazê-lo a educadora poderá colocar algumas questões que incentivem as crianças a pensar sobre as regras – Como é que se escolhe quem vai fazer a mímica? Quando uma pessoa adivinha o ganha pontos? Como registamos os pontos? Quem é o vencedor? O que é que acontece se ninguém adivinhar a mímica.</li> <li>- Por fim, a educadora pode sugerir que se jogue o jogo para o testar, de forma a verificar se corre tudo bem aquando as jogadas.</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de trabalhar de forma cooperativa com os seus pares, respeitando a vez do outro e as suas opiniões</li> <li>- É capaz de mobilizar experiências de outros jogos para construir as regras</li> <li>- É capaz de jogar o jogo seguindo as regras e as instruções criadas</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Registos Fotográficos</li> </ul>

### **Avaliação:**

A construção deste jogo foi bastante positiva, as crianças conseguiram organizar-se, distribuindo tarefas para cada um. Inicialmente perguntei quais eram as raias que queria ter representadas nos cartões. E disseram o seguinte:

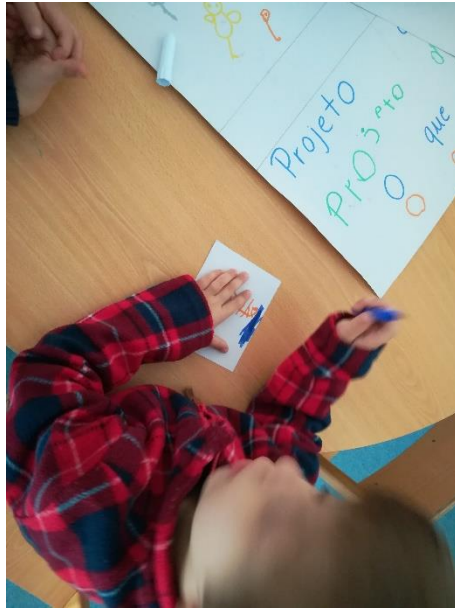
- Raia feliz (Pedro, Afonso e Alícia)
- Raia triste (Afonso)
- Raia zangada (Duarte)
- Raia a chorar (Duarte)
- Raia a nadar (Alícia)
- Raia a comer (Alícia)
- Duas raias a falar (Duarte)
- Raias a dançar (Pedro)
- Raia com medo (Pedro)

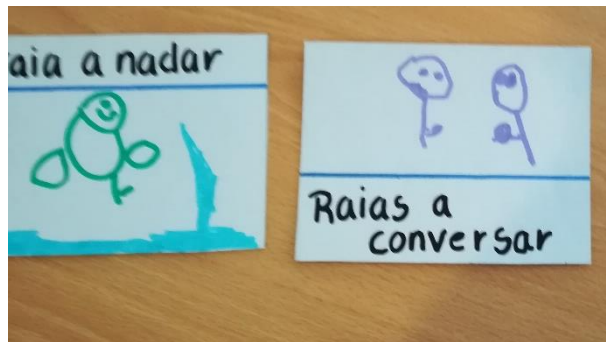
No fundo, as crianças deram condições humanas às raias para que depois as pudessem mimar. No que diz respeito à construção das regras o grupo não estava com muita vontade de as contruir afirmando que não era necessário, assim sendo decidi jogar o jogo com as crianças e de seguida colocava algumas questões como: “Ah agora o Pedro e o Afonso falaram ao mesmo tempo, quem é que ganhou?” “A Alícia já fez a mimica e o Duarte acertou, quem é que vai fazer a seguir?” para que as crianças entendessem a importância da existência de regras.

Desta forma as crianças afirmaram que era necessário construir regras e disseram:

- “Quem tem o cartão na mão não pode falar, só pode imitar aquilo que está desenhado”; “Só tem de imitar a raia do cartão” (Alícia)
- “A pessoa que joga a seguir é quem adivinhar”
- “Só a pessoa que está a imitar a raia é que pode ver o cartão”
- “Para adivinhar temos de pôr o dedo no ar e a pessoa que tem o cartão é que dá a palavra. Não podemos falar todos ao mesmo tempo.”

No entanto, visto que as crianças quiseram desenhar nos cartões estes não são muito perceptíveis por isso foi necessário fazer a legenda deste cartão. Desta forma, o jogo, inicialmente terá de ser apoiado por um adulto.





**p. Hora Do Conto – *O Cuqueado E Um Amor Que Mete Medo***

<b>Data:</b> 29 de novembro	
Intencionalidade educativa Objetivos	DOMÍNIO DA LINGUAGEM ORAL E ABORDAGEM À ESCRITA <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar funções no uso da leitura</li> <li>- Compreender que a leitura é uma atividade que proporciona prazer e satisfação</li> <li>- Desenvolver a capacidade observação e previsão do que pode tratar a história através da capa e daquilo que nela está representado</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Exploração da capa, contracapa</li> <li>- Leitura do livro</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	MATERIAIS: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Livro “O Cuqueado e um amor que mete medo”</li> </ul> ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço amplo e livre para que todas as crianças consigam ver o livro</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para apoiar a exploração do livro e fazer a leitura da história</li> <li>- 1 educadora e uma auxiliar de sala para apoio do grupo</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O grupo de crianças irá estar sentado no chão e em roda na área da biblioteca</li> <li>- A equipa da sala deverá estar espalhada pela roda para garantir o apoio das crianças, se necessário</li> <li>- A educadora – estagiária – que dinamiza a leitura da história deverá colocar-se num local onde veja todas as crianças e onde todas as crianças a vejam a si.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente a educadora – estagiária – deverá mostrar o livro às crianças e questionar se eles o conhecessem. De seguida pode questiona-las sobre os elementos na capa – o que é que está ilustrado na capa, gostam, que animais é que existem. Nesta fase a educadora deverá fomentar a reflexão e a antecipação/ previsão das crianças sobre aquilo que a história trata</li> <li>- De seguida a educadora irá ler a história utilização flexões vocais e permitindo que todo o grupo veja as ilustrações</li> </ul>

Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de fazer previsões acerca da história através das ilustrações</li> <li>- É capaz de escutar a história</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> </ul>

### q. Jogo Da Mímica

<b>Data:</b> 30 de novembro	
Intencionalidade educativa Objetivos	<b>ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> <li>- Respeitar a vez do outro</li> <li>- Desenvolver a capacidade de concentração</li> </ul>
	<b>SUBDOMÍNIO DO JOGO DRAMÁTICO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Representar personagens – animais - diversificando as formas de concretização</li> <li>- Mobilizar conhecimentos da vida pessoal da criança e representá-los para o grupo</li> <li>- Representar para o grupo de forma desinibida</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação e explicação do jogo</li> <li>- Jogar o jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<b>MATERIAIS:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cartões com imagens dos animais que estão presentes na história “O Cuquedo e um amor que mete medo”</li> </ul> <b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço amplo e livre para que as crianças possam fazer a mímica</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para apoiar a atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar de sala para apoio do restante grupo que não está envolvido nesta atividade</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O grupo de crianças estará na área do teatro</li> <li>- A criança que estiver a representar o animal deverá estar em pé à frente das crianças que estão sentadas no chão a adivinhar</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente a educadora deverá explicar o jogo da mímica – regras e objetivos - às crianças e sugerir que hoje a mímica seja feita com base nos animais da história do Cuquedo que foi lida no dia anterior</li> </ul>

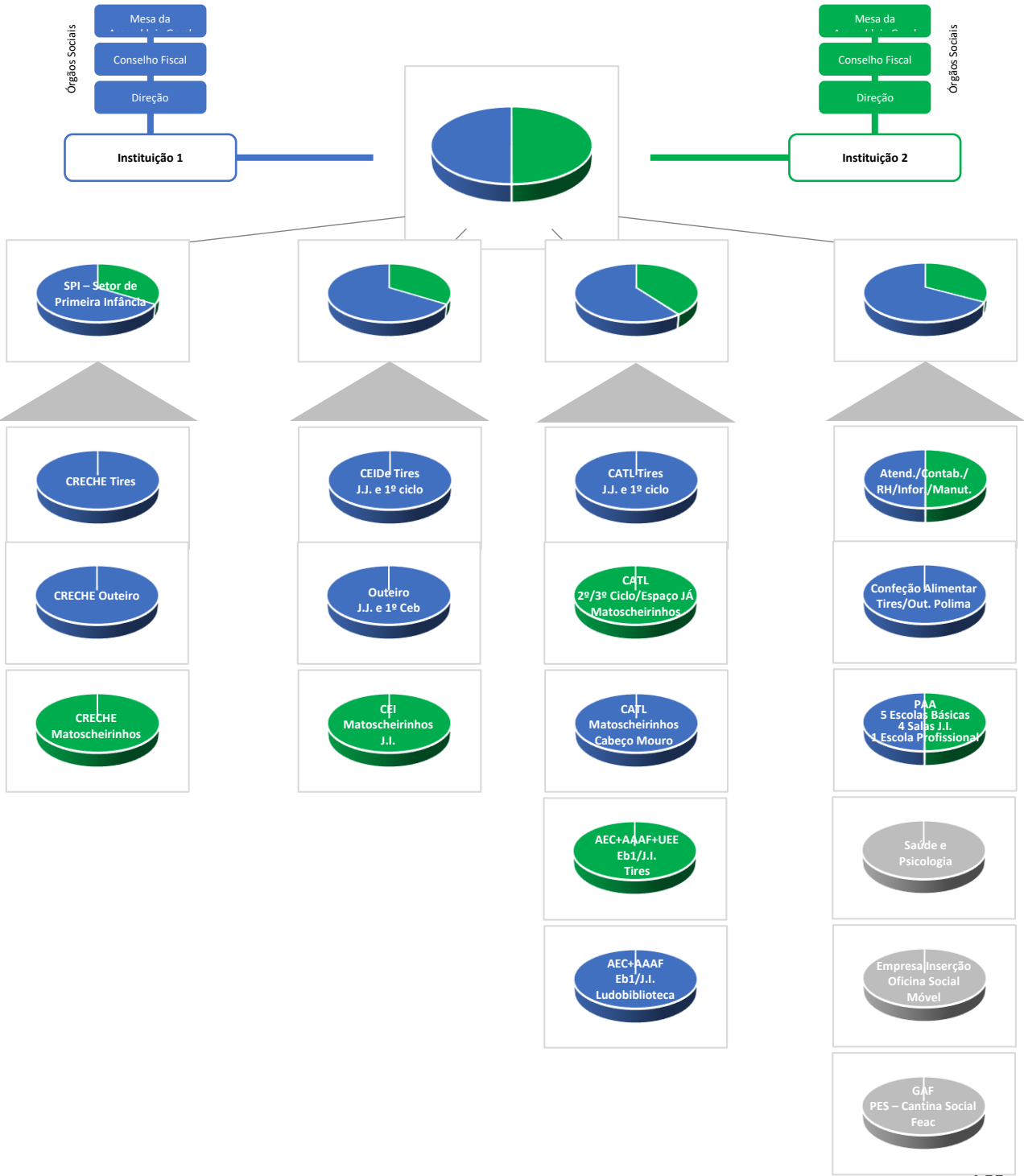
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- De seguida, deverá perguntar quem quer ser a primeira criança a representar, dando-lhe um saco que tem vários cartões lá dentro para a criança tirar um</li> <li>- A educadora deverá apoiar a criança e perguntar se esta sabe que animal é aquele</li> <li>- A educadora deverá ajudar a criança se esta necessitar</li> <li>- Caso as crianças queiram continuar a jogar – quando os animais que estavam presentes na história do Cuquedo se esgotarem – poderão continuar com animais sugeridos pelas mesmas</li> <li>- Caso a mímica se revele muito difícil para o grupo em questão a educadora pode sugerir a utilização de sons para facilitar a atividade</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de representar o animal que estava no cartão</li> <li>- É capaz de se expor perante o grupo</li> <li>- É capaz de respeitar a vez do outro</li> <li>- É capaz de compreender as regras e objetivos do jogo</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Registos fotográficos</li> </ul>

### 3. REFERÊNCIAS

- Barboza, L., Volpini, M. (2015). O faz de conta: simbólico, representativo ou imaginário. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-S*, 2(1), 1-12.
- Bueno, L. (2008). A importância do jogo simbólico na Educação Física Infantil e o Papel do professor no seu desenvolvimento (dissertação de Licenciatura, Universidade Estadual Paulista “Júlio De Mesquita Filho” Instituto De Biociências, Rio Claro). Consultada em [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118426/bueno\\_lh\\_tcc\\_rcla.pdf?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/118426/bueno_lh_tcc_rcla.pdf?sequence=1)
- Brazelton, T. & Greenspan, S. (2009). *A criança e o seu mundo*. (6ª Ed.). Barcarena: Editorial Presença.
- Brownell, C., & Hazen, N. (1999). Early Peer Interaction: A Research Agenda. *Early Education & Development*, 10(3), pp. 403-413.
- Ferreira, M. (2004). «A Gente Gosta é de Brincar com os Outros Meninos!» *Relações Sociais Entre Crianças num Jardim de Infância*. Porto: Edições Afrontamento.
- Folque, M.A. (1999). A influência de Vigotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a educação pré-escolar. *Escola Moderna*, 5(5), p.5-12.
- Junta de freguesia (2014). São Domingos de Rana. Consultado a 29 de setembro de 2018, em <https://www.jf-sdrana.pt/>
- Oliveira Bairos, A. (2015). Organização das rotinas em contexto de Creche e Jardim-de-Infância (Dissertação em mestrado Pré-escolar, Instituto Politécnico de Setúbal, Setúbal). Consultado em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/8539/1/RelatorioVFinal%20AnaBairros.pdf>
- Perrenoud, P. (2000). *Novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Niza, S. (1991). O Diário de Turma e o Conselho, *Escola Moderna*, 1 (3ª série), 27-30

- Papalia, D., Olds, S. & Feldman, R. (2001). *O Mundo da Criança*. (8ª Ed.). Lisboa: McGraw-Hill.
- Post, J., Hohmann, M. (2000). *Educação de bebês em infantários- Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Prazeres Lopes, M. L. (2014). *A construção da relação de afetividade entre educador/a e criança na educação de infância* (Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Lisboa, Lisboa) consultada em <https://goo.gl/Nb2xob>.
- Rangel, M., Gonçalves, C. (2010). A Metodologia de Trabalho de Projeto na nossa prática pedagógica. *Da Investigação às práticas, I* (3). 21-43.
- Rebello, I. (1996). Detalhes da minha História de Vida: Um Testemunho. *Revista Educação, A Educação Pré-Escolar*, 12. Porto: Porto Editora.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L. & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- Sim-Sim, I., Silva, A. S. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: ministério da Educação – Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Williams, S., Ontai, L., & Mastergeorge, A. (2007). Reformulating infant and toddler social competence with peers. *Infant Behavior & Development*, 30, pp. 353-365.
- Zabalza, M. (1992). *Didática da educação infantil*. Lisboa: Eduções Asa.

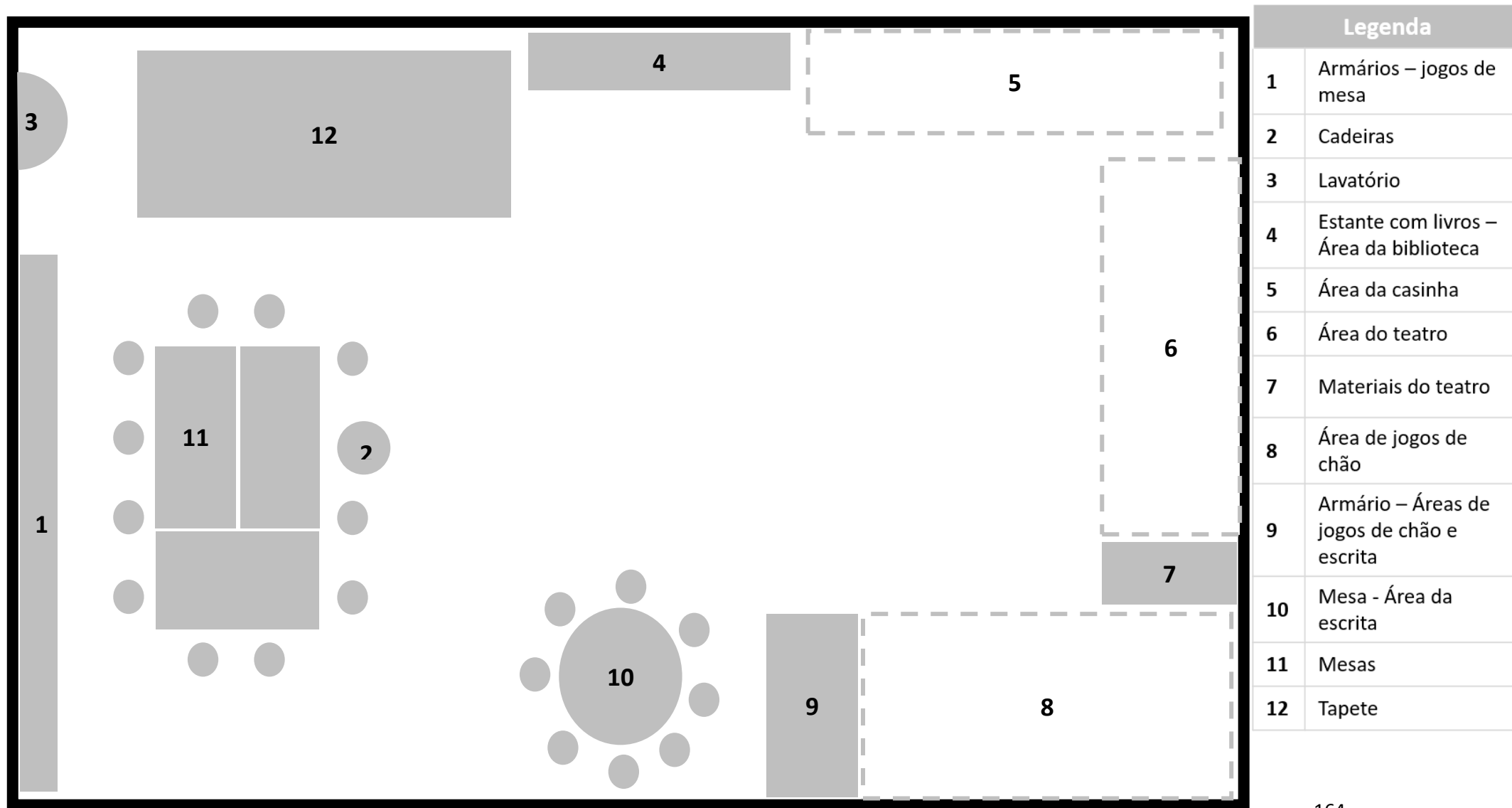
# Anexo B. Organograma



## Anexo C. Fotografias dos corredores da instituição



## Anexo D. Planta da sala

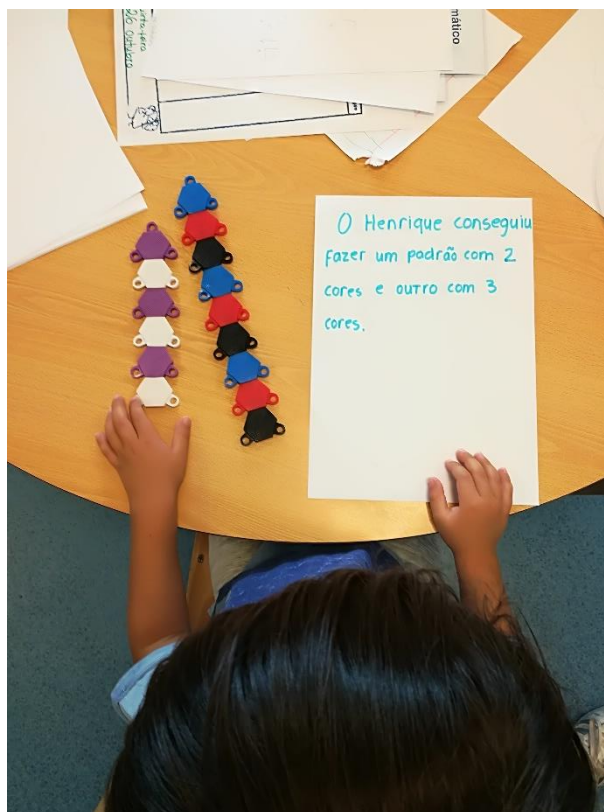


Legenda	
1	Armários – jogos de mesa
2	Cadeiras
3	Lavatório
4	Estante com livros – Área da biblioteca
5	Área da casinha
6	Área do teatro
7	Materiais do teatro
8	Área de jogos de chão
9	Armário – Áreas de jogos de chão e escrita
10	Mesa - Área da escrita
11	Mesas
12	Tapete

**Anexo E. Fotografias de construções na área dos jogos de chão**

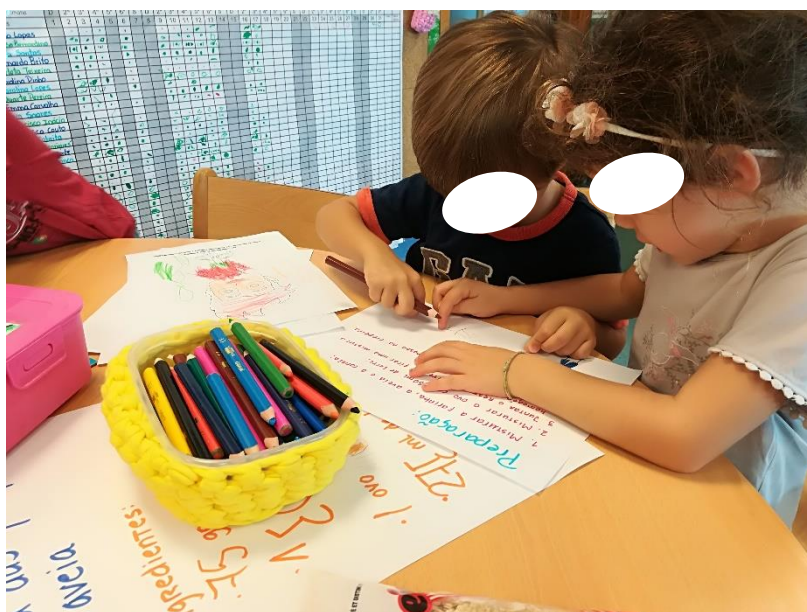


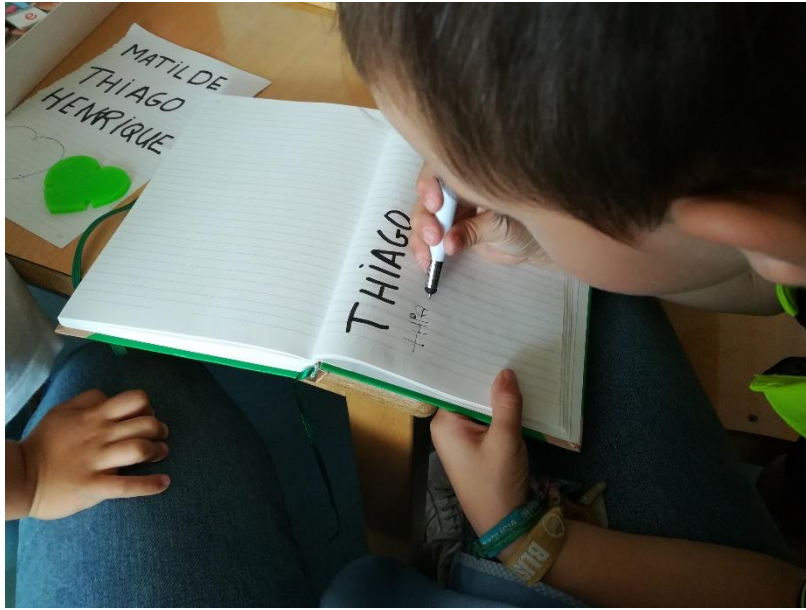
**Anexo F. Fotografias das atividades realizadas na área dos jogos de mesa.**





## Anexo G. Fotografias de atividades realizadas na área da escrita





## Anexo H. Fotografias de atividades na área da biblioteca



## Anexo I. Fotografias de atividades na área da casinha



## Anexo J. Horário semanal da sala do jogo dramático

<b>Segunda</b>	<b>Terça</b>	<b>Quarta</b>	<b>Quinta</b>	<b>Sexta</b>
Escolha (9h30)	Escolha (9h30)	Escolha (9h30)	Escolha (9h30)	Conselho (9h30)
Educação Física (11h30- 12h30)	Atividades da sala			Conselho
4	Hora da Fruta			
ALMOÇO (12h30)	ALMOÇO (12h)			
BRINCAR NO PÁTIO <sup>5</sup> (até as 14h)				
Escolha (14h30)				Escolha (14h30)
Atividades da sala			Educação física e música <sup>6</sup> (14h30-16h)	Atividades da sala
LANCHE (16h)				
PÁTIO / ATIVIDADES DA SALA				

<sup>4</sup> Como o grupo esteve na ginástica comem a fruta no refeitório, após o almoço.

<sup>5</sup> Se chover as crianças ficam na sala do jogo dramático a ver um filme.

<sup>6</sup> As crianças são separadas em dois grupos e enquanto um grupo vai para o pavilhão ter educação física o outro fica na sala a ter música.

## Anexo K. Agenda semanal

meninas votaram para o nome SOL

Este nome tem... votos. Ficou Girassol!

meninas votaram no nome Nuvem

### Agenda Semanal

segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>
<p>Educação Física</p> <p>Teatro</p>	<p>Teatro</p> <p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>fruta</li> </ul>	<p>Dança e movimento</p> <p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>fruta</li> </ul>	<p>Teatro</p> <p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>fruta</li> </ul>	<p>Conselho</p> <p>hora da escolha</p> <p>plano do dia</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>fruta</li> <li>almoço</li> <li>patio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>almoço</li> <li>patio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>almoço</li> <li>patio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>almoço</li> <li>patio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>almoço</li> <li>patio</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>plano do dia</li> </ul>
<p>Teatro</p>	<p>Trabalho de projeto</p>	<p>Hora da conto</p> <p>Trabalho de projeto</p>	<p>Educação Física</p>	<p>Trabalho de projeto</p>
<p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>lanche</li> <li>patio</li> </ul>	<p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>lanche</li> <li>patio</li> </ul>	<p>Comunicações</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar plano do dia</li> <li>lanche</li> <li>patio</li> </ul>	<p>Expressão Musical</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>hora da escolha</li> <li>lanche</li> <li>patio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>lanche</li> <li>patio</li> </ul>

Queremos fazer...

Fizemos

Pais, O Gonçalo deu a ideia de fazer um teatro de fantoches e a Rita disse:

Eu quero que tu

## Anexo L. Dia Tipo da sala do jogo dramático

De seguida, será apresentado o dia tipo da sala na qual estou inserida durante o período da PPS. É necessário considerar que no meu horário mais extenso na instituição é das 9h até às 16h. No entanto o JI abre às 7h30 e encerra às 19h30.

**9h00** – Assim que chego à sala do jogo dramático estão reunidas as crianças que têm esta sala como sala de referência (as que já chegaram), a brincar livremente nas áreas. A esta hora quem se encontra na sala com o grupo é a educadora.

Quando entro na sala cumprimento cada uma das crianças, dirigindo-me às diversas áreas em que estas se encontram, sendo estas – maioritariamente – a área da escrita, a área dos jogos de mesa e a área dos jogos de chão. Nesta rotina de cumprimentar as crianças acontece, frequentemente, estas virem ter comigo *entusiasmados* e peçam para me dirigir à área na qual estão para me mostrar algo que tenham realizado.

Chego à sala do jogo dramático e digo bom dia ao grupo, o Martim aproxima-se de mim e leva-me até à área dos jogos de chão e diz “Olha!! Eu, o Afonso B e o Pedro estamos a construir o estádio do Benfica!” e eu respondo “DO Benfica? Está muito giro, e digam-me isto aqui é o quê?”, apontando para as balizas. (Nota de Campo nº 77, 12/10/17).

**9h20** – Por volta desta hora a educadora canta a canção que indica ao grupo que está na hora de arrumar para sentar no tapete, da área da biblioteca, e iniciar a reunião de acolhimento, na qual se fala de alguns assuntos que sejam do tema do dia, sobre quem é o responsável do dia e no qual as crianças podem mostrar ou contar algo que queiram partilhar com o grupo. Este é, normalmente, um momento muito rico e nota-se que todo o grupo está bastante envolvido.

No que diz à eleição respeito ao responsável do dia este é um momento que é, maioritariamente, lembrado pelas crianças. Há sempre alguma que diz que sabe quem é o responsável do dia<sup>7</sup> e partilha com o grupo. De seguida, pergunta-se à criança se esta quer ser o responsável, é evidente na cara das crianças a felicidade de desempenhar esta tarefa, assumindo-a, maioritariamente, com a responsabilidade e empenho.

---

<sup>7</sup> O responsável do dia é gerido através de uma tabela que tem os nomes e a fotografia de cada criança do grupo e segue a ordem alfabética.

O Pedro está sentado na roda muito sorridente e a educadora diz “Bem eu ia agora perguntar ao responsável do dia de hoje se ele aceitava ser, mas já olhei para a cara dele e já percebi que ele quer. Nem é preciso perguntar nada, pois não Pedro?” (Nota de Campo nº 96, 19/10/17).

O responsável do dia tem a tarefa de gerir os cometários de todo o grupo – incluindo adultos – sendo que é este que dá a palavra a quem falar. É responsável, também, por distribuir os cartões identificadores para o mapa das áreas – após a realização do plano do dia. Em situações de conflito, dúvida ou desentendimento o responsável do dia, muitas vezes, é que ajuda na resolução ou mediação. Por exemplo, em dias de conselho é o responsável do dia que decide por onde vamos começar, quais são os problemas que são resolvidos, dá sugestões de resolução de problemas.

“Quero começar o conselho pelo que não gostámos” diz a Emma que é a responsável do dia. A educadora segue as indicações da criança e confronta as duas crianças que têm o nome escrito na coluna do “não gostámos” dizendo . . . (Excerto da Nota de Campo nº 137, 10/11/17).

Nos momentos do mostrar/ contar nota-se um envolvimento tanto da criança que está a partilhar algo com o grupo como nas restantes crianças que ouvem aquilo que esta está a dizer e no final existem sempre comentários. Muitas vezes as crianças, quando estão em grande grupo, na reunião de acolhimento, partilham conquistas próprias e pedem para registar.

Estamos todos sentados na roda para a reunião de acolhimento e o João que está ao meu lado põe o dedo no ar e depois do responsável do dia lhe dar a palavra diz-me “Maria, hoje não chorei”, eu retorqui “Boa João, parabéns, aposto que a tua mãe ficou muito feliz. Estamos muito contentes contigo!” “Posso registar numa fola grande?” pergunta a criança sorrindo. (Nota de Campo nº 31, 2/10/17)

No entanto, este é um momento que, por vezes, não é simples de gerir visto que o grupo é muitas vezes interrompido por crianças que chegam um pouco mais tarde com as famílias.

Enquanto a Giulia mostra um desenho que fez em casa o Tomás chega à sala com o pai e vai a correr com a educadora a dizer “Quero a mamã! Quero colinho!” e começa a *choramingar*. A Ema agarra nele e coloca-o ao seu colo,

olhando para o pai e perguntando se está tudo bem e se a criança dormiu bem. O momento de partilha da Giulia foi interrompido até que o Tomás estivesse mais calmo. (Nota de Campo nº 78, 12/10/17).

Contudo, este é um momento bastante rico no qual todas as crianças estão envolvidas e participativas. No que toca ao mostrar e contar só podem existir 3 crianças por manhã a fazê-lo, sendo assim as 3 primeiras crianças que pedem à educadora ou a mim para o fazer são as que partilham. No que diz respeito aos comentários realizados pelo resto do grupo, são também 3<sup>8</sup> e é a criança que mostrou ou contou que escolhe quem faz os comentários.

**9h30/10h** – Depois da reunião de acolhimento e de serem discutidos todos os assuntos necessários, o responsável do dia canta a canção que indica o início da escolha:

“Está na hora da escolha/ Vamos todos assentar/ E ficar sossegadinhos /para a escolha começar / Enrola em cima / Enrola em baixo / Enrola direita / Enrola à esquerda/ Enrola à frente / Enrola à trás / Enrola e torna a enrolar / Que a escolha vai começar / **Quem quer ir para as expressões onde há artistas aos montões / quem quer ir para a Intelectual onde a escrita é natural / quem quer ficar no jogo dramático onde o faz de conta é fantástico.**”<sup>9</sup>

Depois de cantada a canção da escolha o responsável do dia escolhe uma criança da roda pela qual quer começar a escolha e depois cada criança diz para qual sala é que quer ir. Uma das adultas responsáveis regista nas folhas da escolha que depois são expostas no corredor para as famílias terem acesso à informação sobre a escolha do seu educando. Nota-se que a escolha não é feita ao acaso por parte das crianças, estas sabem qual sala é que querem escolher e sabem justificar essa mesma escolha.

Durante a escolha o Luís disse “Eu quero ir para as Expressões porque de manhã fiquei no Jogo Dramático.” (Nota de Campo nº2, 25/29/17)

Mais para a frente no tempo, começou a ser notória a compreensão das crianças e a capacidade de se apoiarem uns aos outros no momento da escolha.

“Meninos, já não há vagas na sala das expressões e na Intelectual, por isso agora o resto tem de ficara aqui no jogo dramático” digo eu. O Pedro começa a chorar e a dizer que queria ir para as expressões. Ao deparar-me com esta

---

<sup>8</sup> A não ser que a criança que esteja a partilhar não queria os três comentários.

<sup>9</sup> A parte que está a negrito da canção é o responsável do dia que canta.

situação pergunto “Olhem, parece que o Pedro está triste porque não pode ir para as expressões. Há alguém que tenha ido muitas vezes a semana passada e que não se importe de trocar com o Pedro?” A Carlota coloca o dedo no ar e diz “Eu não me importo de ficar cá, já fui muitas vezes para as Expressões e assim o Pedro não fica triste.” (Nota de Campo nº 190, 4/12/17).

Depois de todas as crianças do grupo realizarem a escolha, aquelas que escolheram outras salas – Expressões ou Intelectual – dirigem-se para as mesmas. Aqueles que ficam no jogo dramático fazem o plano do dia - uma das adultas pergunta o que é que naquele dia da semana está planeado fazer, recorrendo à agenda semanal – ou seja, se é dia de teatro, projeto, dança, educação física, música - e depois pergunta o que é que vamos, de facto, fazer. Aquilo que as crianças dizem é registado no *Plano do Dia*<sup>10</sup>.



Figura 1. Plano do dia. Fotografia tirada no âmbito da UC de Conhecimento e Docência em Educação de Infância, Mestrado em Educação Pré-Escolar

**11h15** – A esta hora uma das adultas responsáveis canta a canção que indica que está na hora de arrumar.

A educadora começa a cantar a música para arrumar e o Martim vem ter comigo e aponta para o relógio que tem no pulso e diz “Sabes que horas são? São horas de arrumar a sala e comer a fruta!” (Nota de Campo nº 60, 9/10/17).

As crianças arrumam a área na qual se encontram e se, quando acabarem a sua área as outras ainda estiverem por arrumar ajudam os pares. Quando a sala está arrumada o responsável do dia dirige-se para a porta da sala e chama o restante grupo para fazer

<sup>10</sup> O Plano do dia é composto por 4 colunas- O que vamos fazer? Quem vai fazer? Quem apoia? Avaliação

uma fila para irem à casa de banho lavar as mãos. Enquanto isto, os responsáveis por arrumar a sala colocam as cadeiras em roda à volta da mesa dos jogos de mesa para que depois todos comam a fruta. Quando todos todo o grupo está sentado, o responsável do dia distribui a fruta, dando uma peça a cada criança. Assim que o responsável do dia acaba de comer avalia-se o plano do dia, perguntando ao grupo de crianças que ficou encarregue de uma tarefa se a realizou ou não. Nesta avaliação há três indicadores, se o grupo ou a criança que propôs certa atividade realizou e terminou a atividade coloca-se um círculo verde pintado na coluna da avaliação. Caso tenha começado a tarefa, mas não a conseguiu acabar o responsável desenha um círculo verde, mas não pinta o seu interior. Se a criança ou grupo não fez aquilo a que se propôs, o responsável do dia desenha um círculo encarnado. Neste momento o adulto tem a função de auxiliar a criança quando esta precisar. Na maioria das vezes é necessário indicar o que é que está escrito no plano do dia.

“Martim, escreveste o teu nome na área da escrita?” pergunta o responsável do dia e o Martim acena com a cabeça dizendo que sim. O responsável do dia volta a perguntar “E acabaste?”, o Martim responde que sim. “Então vou pôr uma bolina verde pintada porque ele acabou” diz o responsável do dia. (Nota de Campo nº 192, 4/12/17)

De seguida, o responsável do dia vai buscar o diário e o adulto escreve aquilo que se fez durante a manhã e o responsável do dia pergunta se alguém quer escrever alguma coisa no diário – no *gostámos* ou no *não gostámos*.

**12h**<sup>11</sup> – A esta hora o responsável do dia pede ao grupo que faça uma fila e depois dirigem-se para o refeitório e sentam-se nas mesas que já têm as sopas postas. As crianças permanecem sentadas durante todo o almoço e assim que um dos ajudantes do almoço<sup>12</sup> acaba de almoçar levanta-se e começa a recolher os pratos das crianças que já acabaram de comer. À medida que o grupo vai terminando a refeição pode sair do refeitório e vai brincar para o pátio, a não ser que esteja a chover. Nesta situação vão para a sala para visionarem um filme.

---

<sup>11</sup> À segunda-feira este momento é adiado para o 12h30 devido à Educação Física.

<sup>12</sup> São elegidas duas crianças à segunda-feira com todo o grupo na reunião de acolhimento.

**14h00-** O grupo da sala do jogo dramático é chamado e faz uma fila à porta do pátio e de seguida senta-se, em roda, à porta da casa de banho. Quando todo o responsável do dia entender que o grupo já está calmo, este começa a chamar as crianças para irem lavar as mãos para, de seguida, entrarem na sala.

**14h30-** O responsável do dia volta a cantar a canção da escolha e a rotina da escolha que é feita de manhã volta a repetir-se. De seguida, quando estão na sala apenas as crianças que escolheram a sala do Jogo dramático, faz-se o Plano do dia (da parte da tarde) e de seguida o responsável do dia distribui os cartões para que as crianças os coloquem no mapa das áreas.

**16h-** Uma das adultas responsáveis canta a canção de arrumar. Quando a sala está arrumada, o responsável do dia pede ao grupo que faça uma fila à porta da sala e depois dirijem-se para a casa de banho para a higiene. De seguida, encaminha-se para o refeitório para o lanche. Nesta refeição são os adultos que distribuem o lanche e que, depois, retiram os pratos e os copos da mesa visto que, estão todas as salas – creche e JI – no refeitório em simultâneo e se duas crianças de cada sala se levantassem para retirar a loiça da mesa tornava-se bastante confuso.









## **Anexo N. Tabela de identificação das crianças e das famílias**

Nome da criança	Data de nascimento	Nº irmãos	Percorso escolar (casa ou escola)	Observações	Hora de entrada no JI	Hora de saída do JI	Pai		Mãe	
							Idade	Profissão	Idade	Profissão
Afonso L	22-11-2013	A mãe está grávida	Sala de transição	Diminuição da audição em 30%	9h15	18h15	37	Vendedor	34	Vendedor
Afonso B	11-09-2013	A mãe está grávida	Sala de transição		7h40	18h30	30	Técnico de telecomunicações	27	Escriturária
Alícia	07-07-2013	0	Sala de transição		9h	17h	43	Engenheiro de telecomunicações	43	Professora
Bernardo	30-08-2013	0	Sala de transição		9h30	17h30	41	<i>Countraller</i> financeiro	41	Shopper
Carlota	20-12-2013	0	Sala de transição		9h	17h30	40	Comissário de bordo	37	Professora/ Formadora de Matemática
Carolina L	02-07-2013	2	Sala de transição		9h	17h/18h	42	Engenheiro Informático	42	Secretária administrativa
Carolina P	24-12-2013	0	Creche		9h30	17h	38	Empresário	32	Osteopata
Duarte	23-11-2013	1	Sala de transição		9h	18h	37	Técnico superior	37	Gestora de qualidade
Emma	28-12-2013	0	Casa da avó		8h30	17h	37	Consultor informático	36	Fisioterapeuta
Eva	16-01-2013	0	Jogo dramático		9h	18h45	50	Diretor de produção	36	Terapeuta de <i>reiki</i> / Contabilista
Francisco I	12-05-2014	Mãe está	Creche		9h30	18h30	34	Engenheiro	35	Administrativa

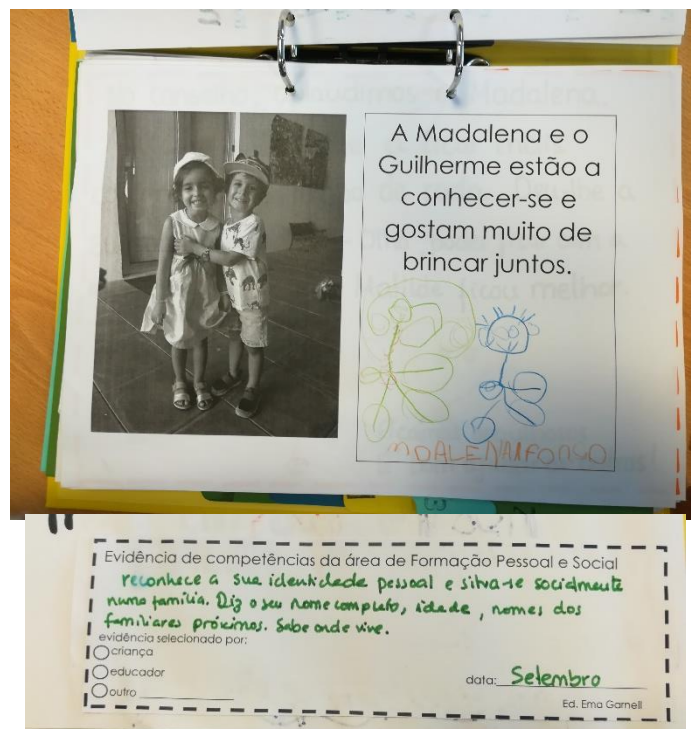
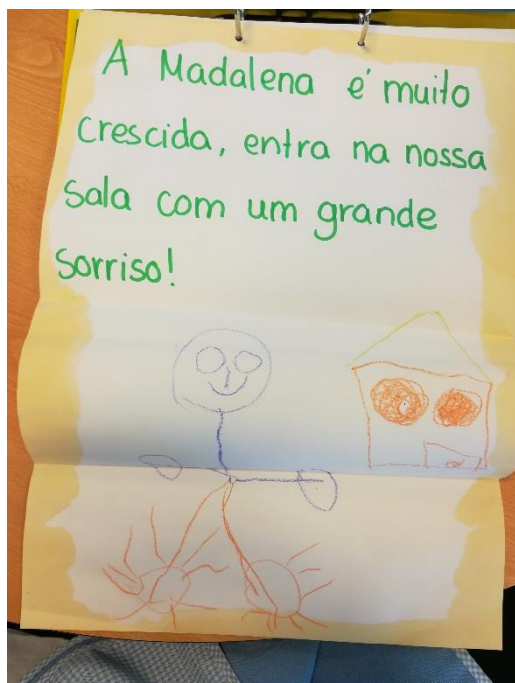
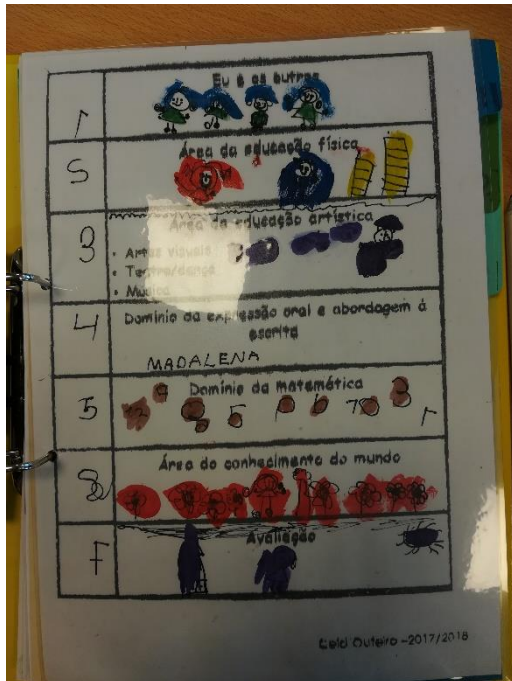
		grávida						Informático		
Francisco C	14-02-2014	0	Creche	Durante a gravidez suspeitaram que tivesse trissomia 21, o que não se veio a verificar à nascença	9h	18h	43	Consultor de eventos	41	Contabilista
Giulia	16-03-2013	2	Sala de transição	Convulsões febris	9h	16h30	46	Informático	44	Professora de Ed. Física
Gonçalo	02-01-2014	0	Creche		9h	17h30	40	Responsável logístico e de armazém	40	Advogada
Guilherme	15-07-2013	2	Sala de transição		9h	17h	38	Veterinário	36	Veterinária
Henrique	20-01-2014	0	Creche		10h15	17h30	36	Pasteleiro	38	Desempregada
João	04-03-2014	0	Creche		8h/9h30	17h	42	Analista informático	39	Professora
Leonor A	16-02-2013	0	Sala de transição		7h40	18h30	47	Gestor de recursos humanos	40	Gestora de produto
Leonor T	15-12-2012	1 + 1 (mãe está grávida)	Jogo dramático		9h	18h	39	Coordenador de projetos	39	Contabilista
Lia	04-12-2013	1	Sala de transição		9h15	18h30	41	Designer	40	Designer
Luís	28-08-2013	1	Sala de transição		9h	18h30	S/informação	Engenheiro eletrotécnico	S/informação	S/informação

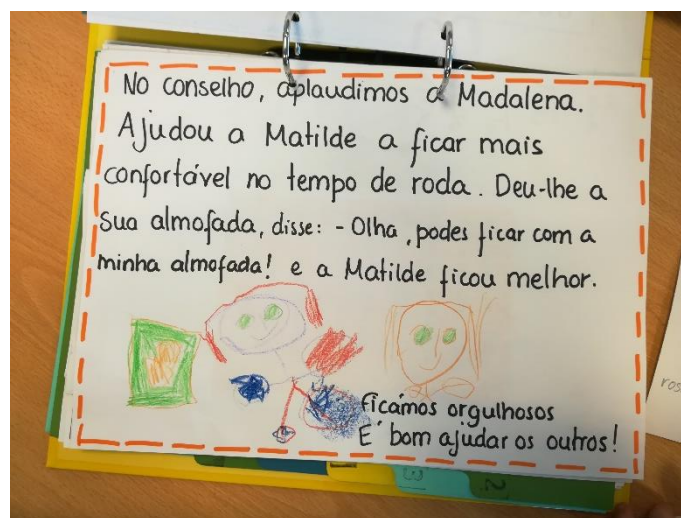
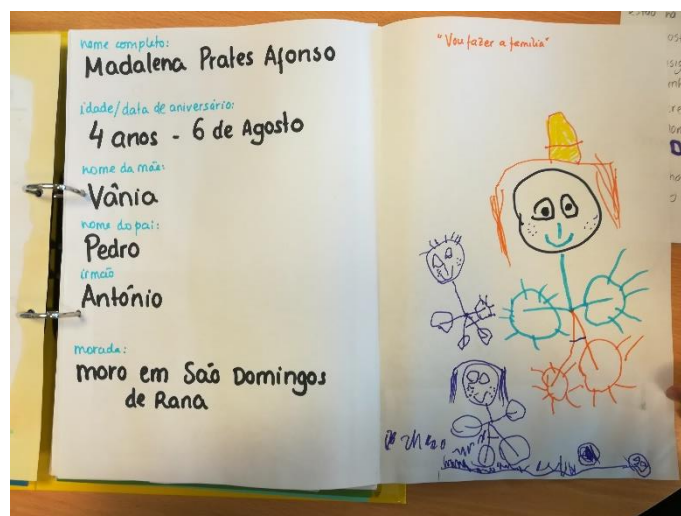
Madalena A	06-08-2013	0	Casa		8h30	16h30	34	Arquiteto	31	Terapeuta Ocasional
Margarida	19-03-2014	1	Creche		9h	17h	40	Desempregado	43	Desempregada
Maria	09-04-2013	0	Sala de transição	Convulsões febris	8h	17h	41	Analista financeiro	41	Assistente de Marketing e Vendas
Martim	09-10-2013	0	Sala de transição		8h30	18h	38	Técnico de ar condicionado	39	Técnica de recursos humanos
Matilde F	24-08-2013	0	Sala de transição		8h40	18h30	38	Gestor de projeto	36	Técnica financeira
Matilde A	13-05-2014	0	Creche	Pais separados	8h45	18h20	34	Diretor financeiro	34	Administrativa
Matilde M	20-08-2013	0	Sala de transição		7h30	18h30	44	Eletricista automóvel	40	Gestora de planeamento
Pedro	03-09-2013	0	Sala de transição		8h45	18h30	38	Técnico de farmácia	35	Técnica de turismo
Rafael	23-08-2013	1	Sala de transição		9h15	18h	40	Engenheiro Civil	38	Professora
Rita	14-04-2014	2	Creche		8h	18h	33	Engenheiro Civil	36	Engenheira química
Salvador	23-03-2013	0	Sala de transição	Pais separados	9h	18h	35	Terapeuta/Massagista/ Prof. surf	33	Psicologia educacional
Sara	09-01-2014	1	Creche		9h15	16h30	36	Consultor informático	34	Jornalista
Thiago	29-12-2012	2	Jogo dramático		9h	17h	45	Gerente de loja	39	Empregada doméstica
Tomás	05-01-2014	0	Casa		9h30	18h45	35	Jornalista	35	Controlador orçamental
Vicente	27-06-2013	1	Sala de		9h	17h	43	Economista	40	Psicóloga/

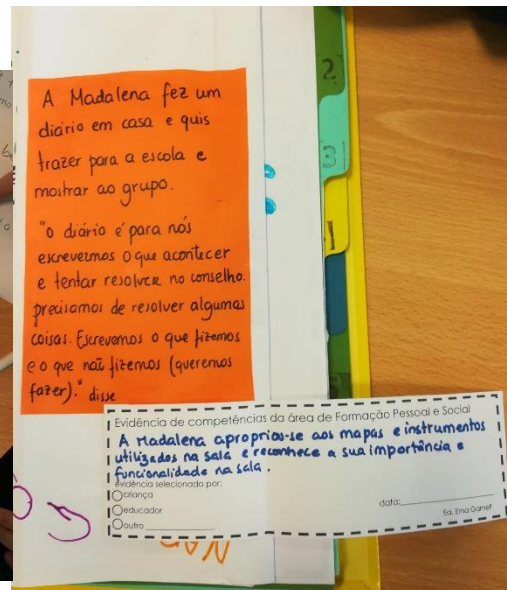
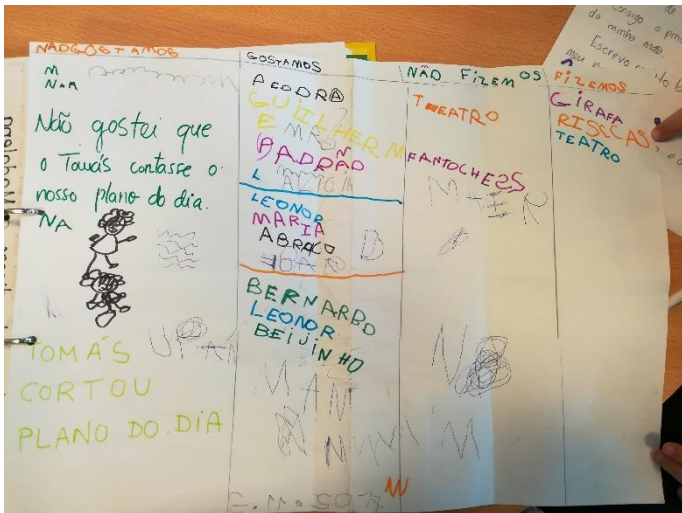
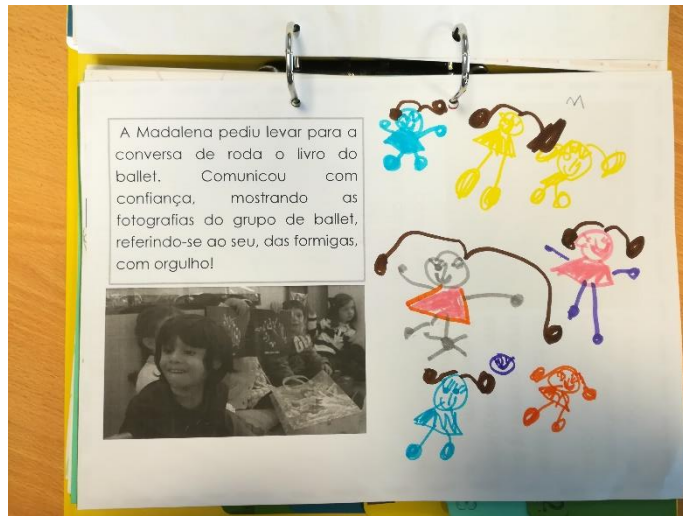
			transi ção							formado ra
--	--	--	---------------	--	--	--	--	--	--	---------------

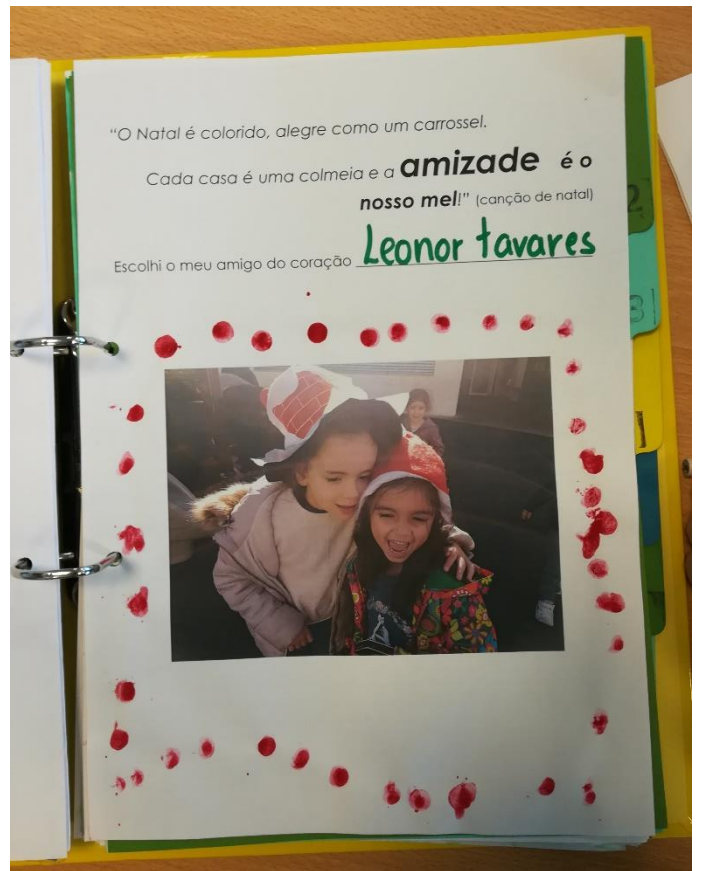
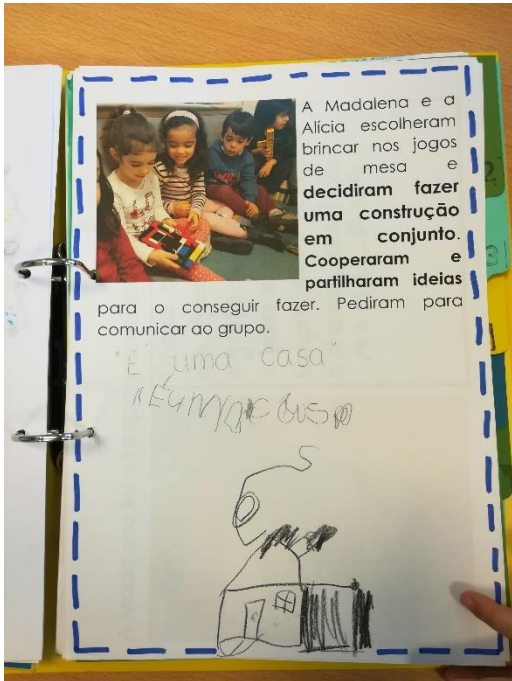


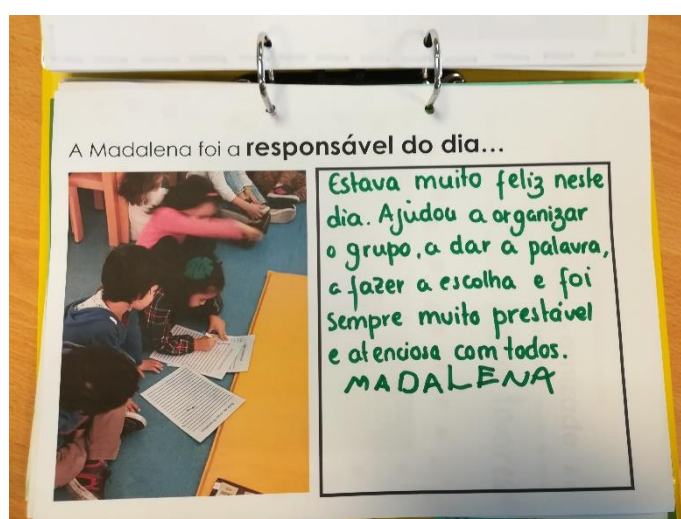
## Anexo O. Portefólio da Criança

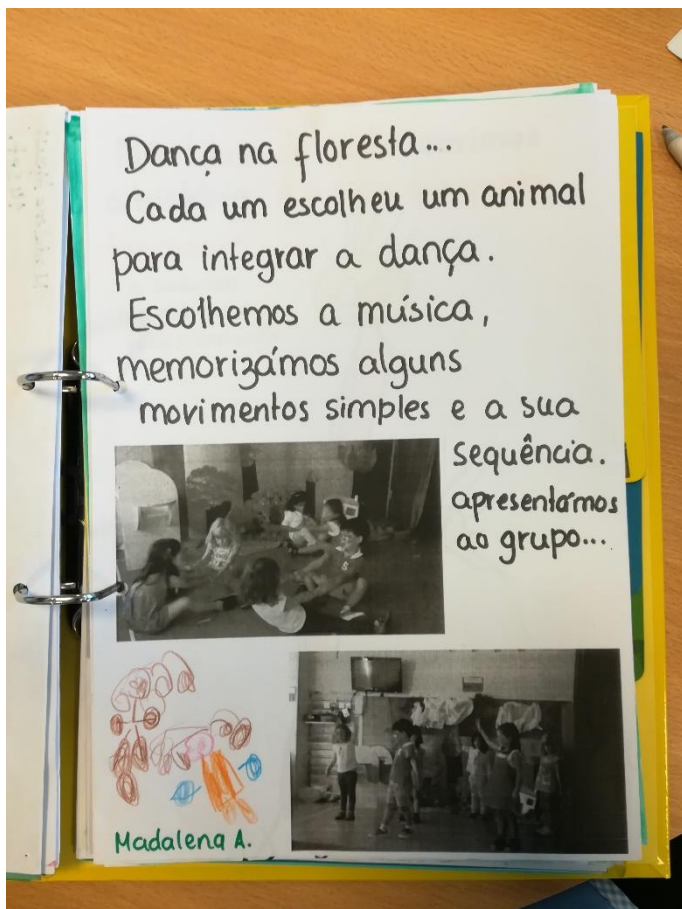
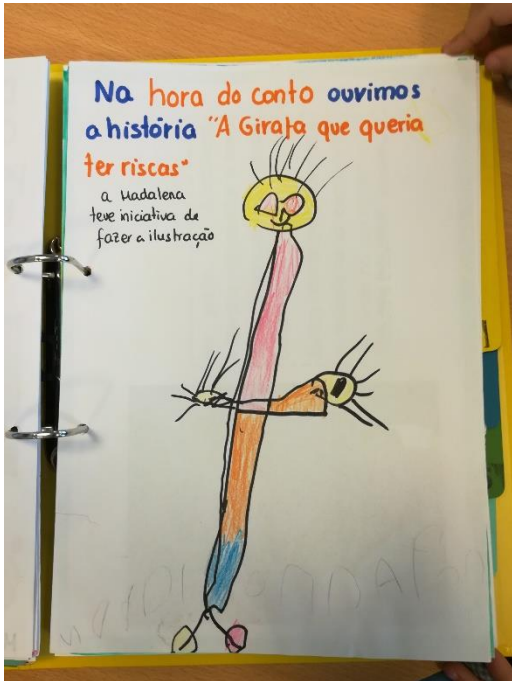


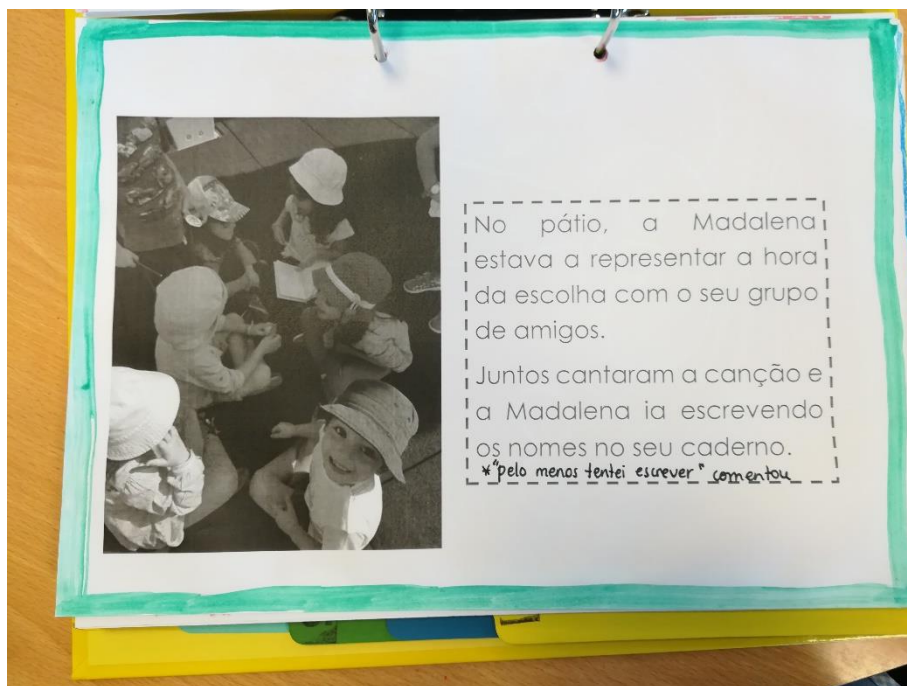
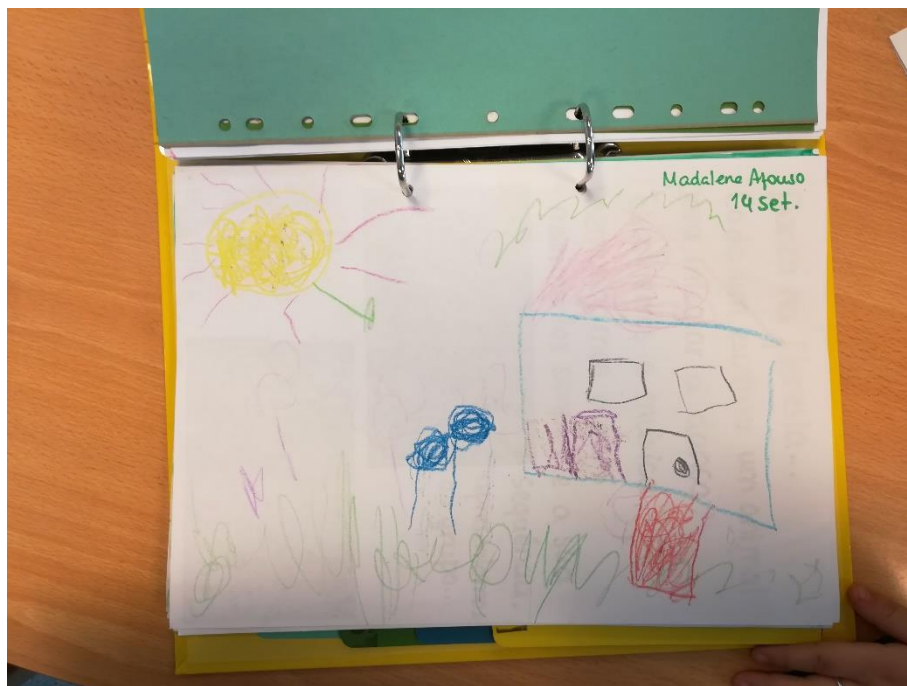


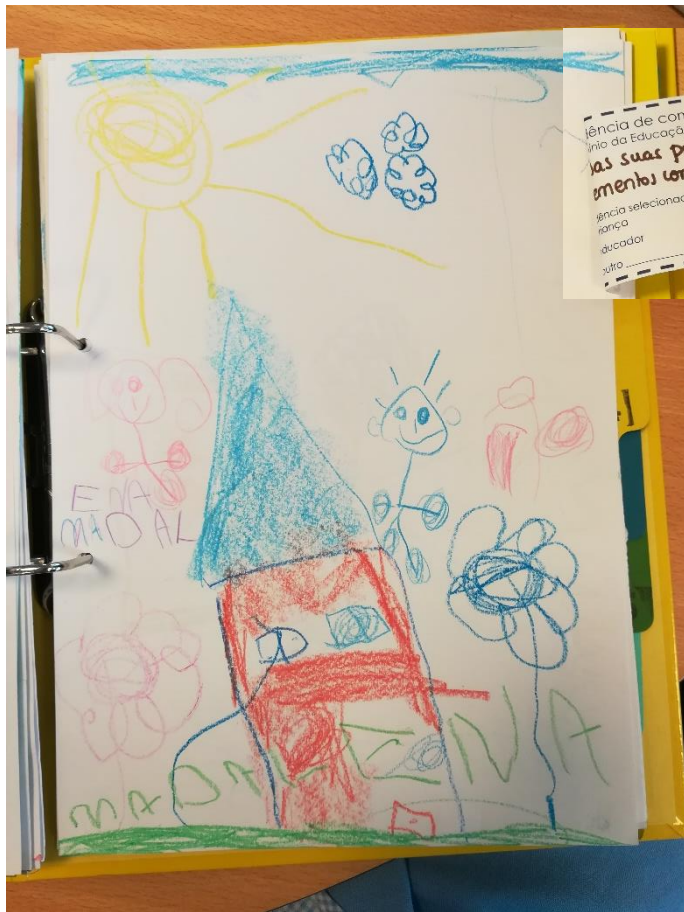




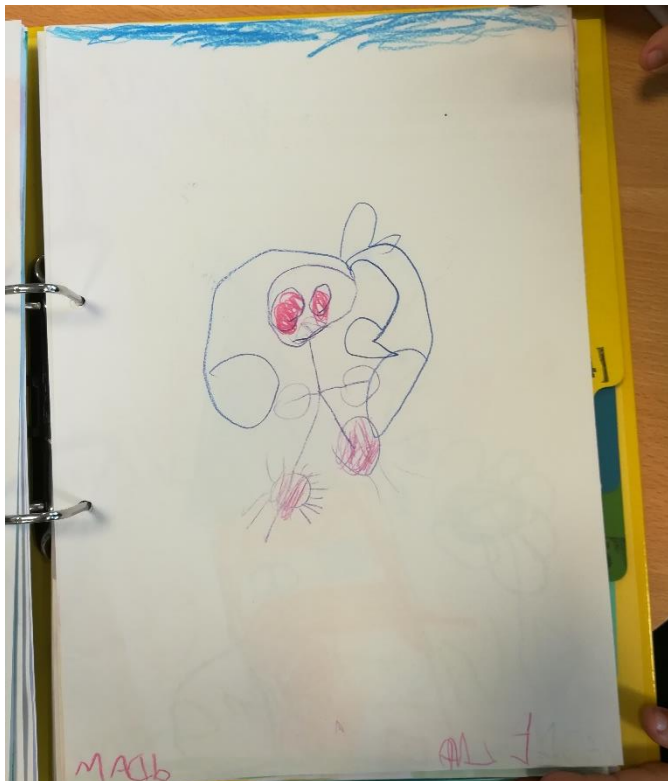


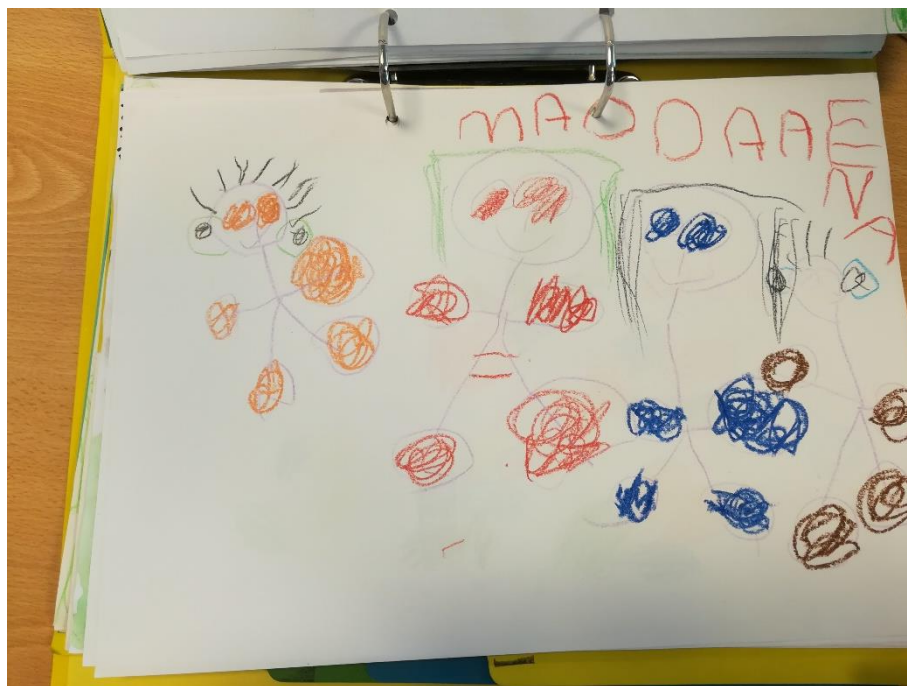


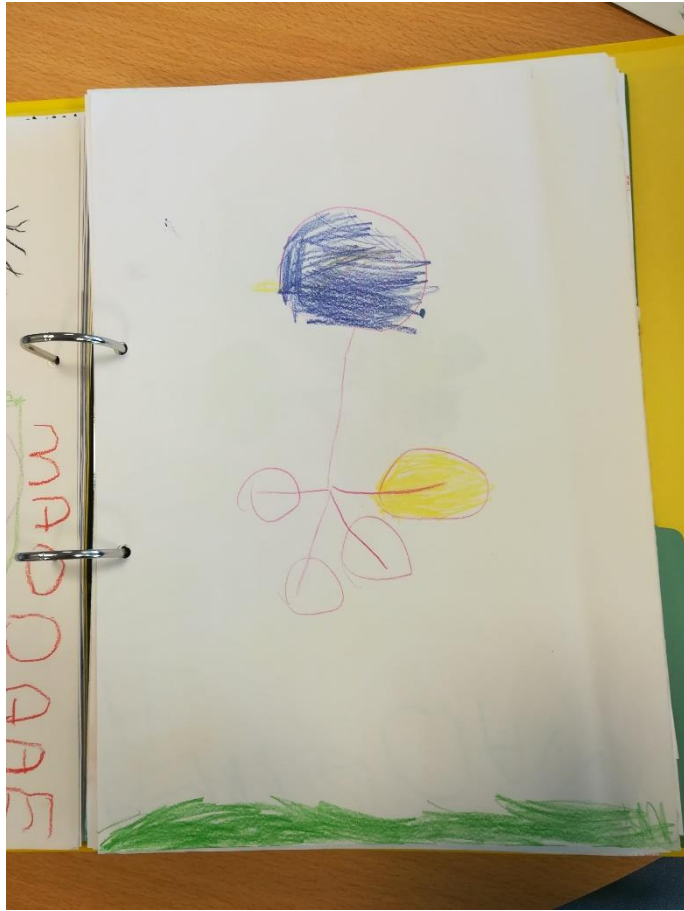


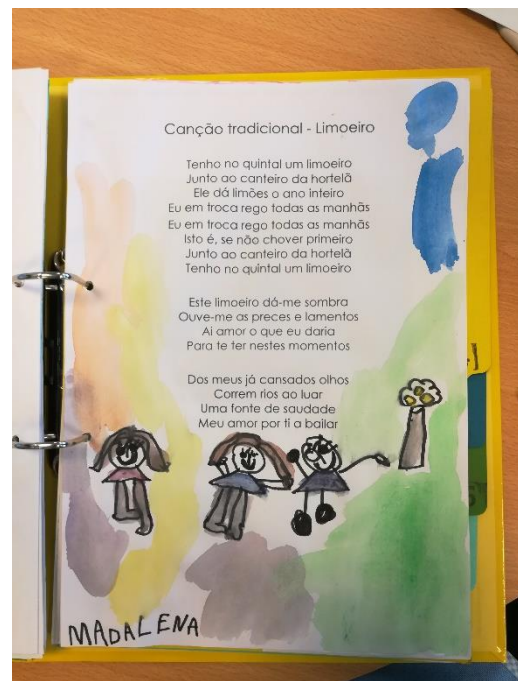
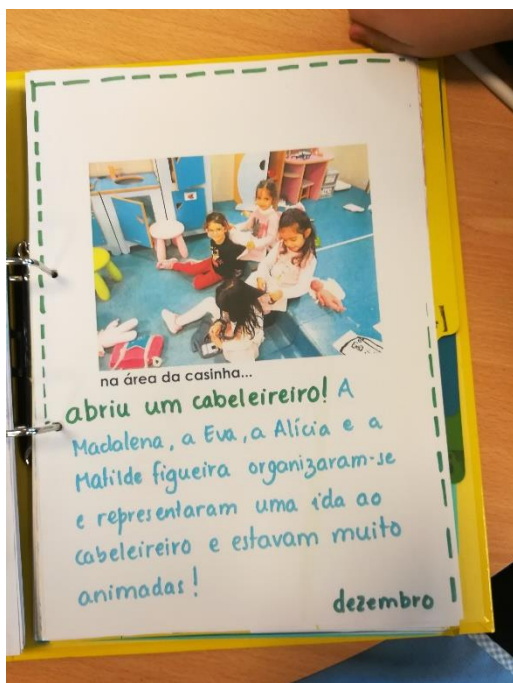


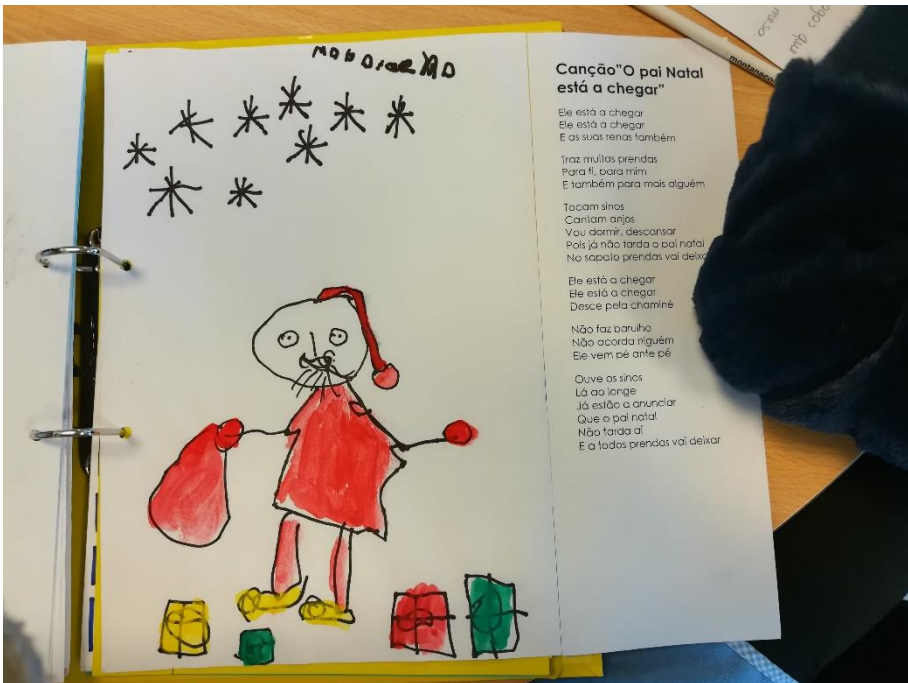
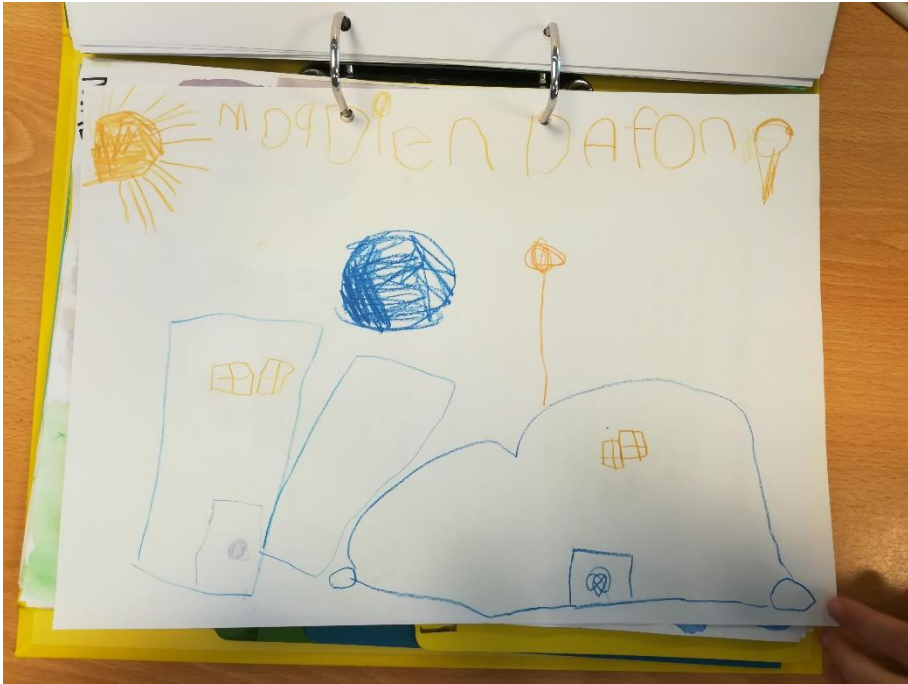
ênica de competências da área de Expressão e Comunicação  
Unidade da Educação Artística - Subdomínio das Artes Visuais  
As suas produções, a Madalena, já representa  
temas como: casas, flores, sol e nuvens.  
Iniciativa selecionada por:  
Instituição:  
Localizador:  
Outro:  
data: Outubro  
Ed. Emma Gamell





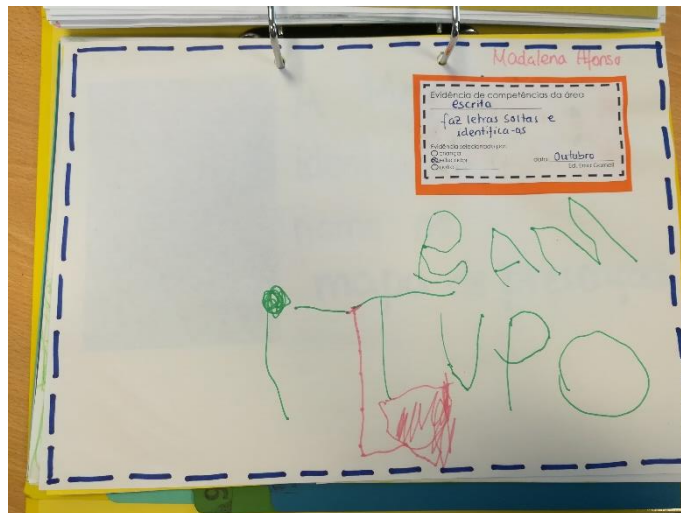
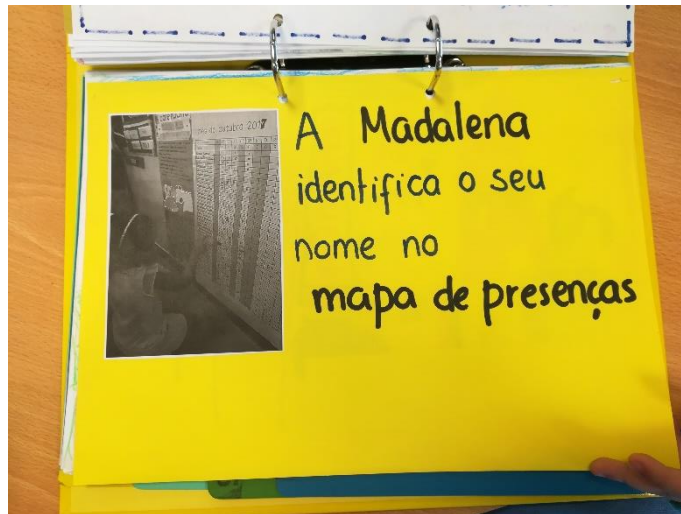


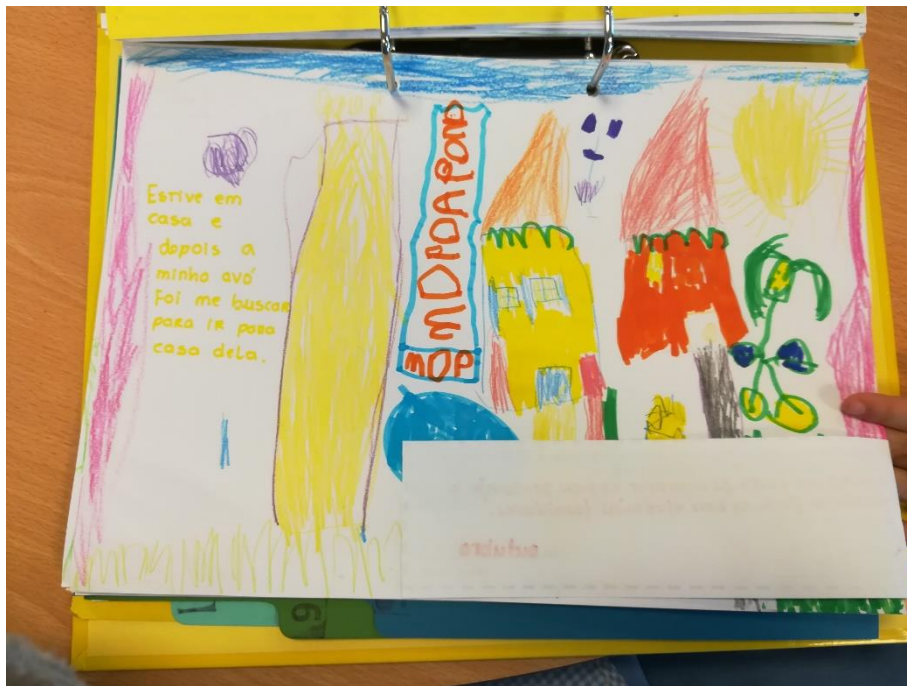
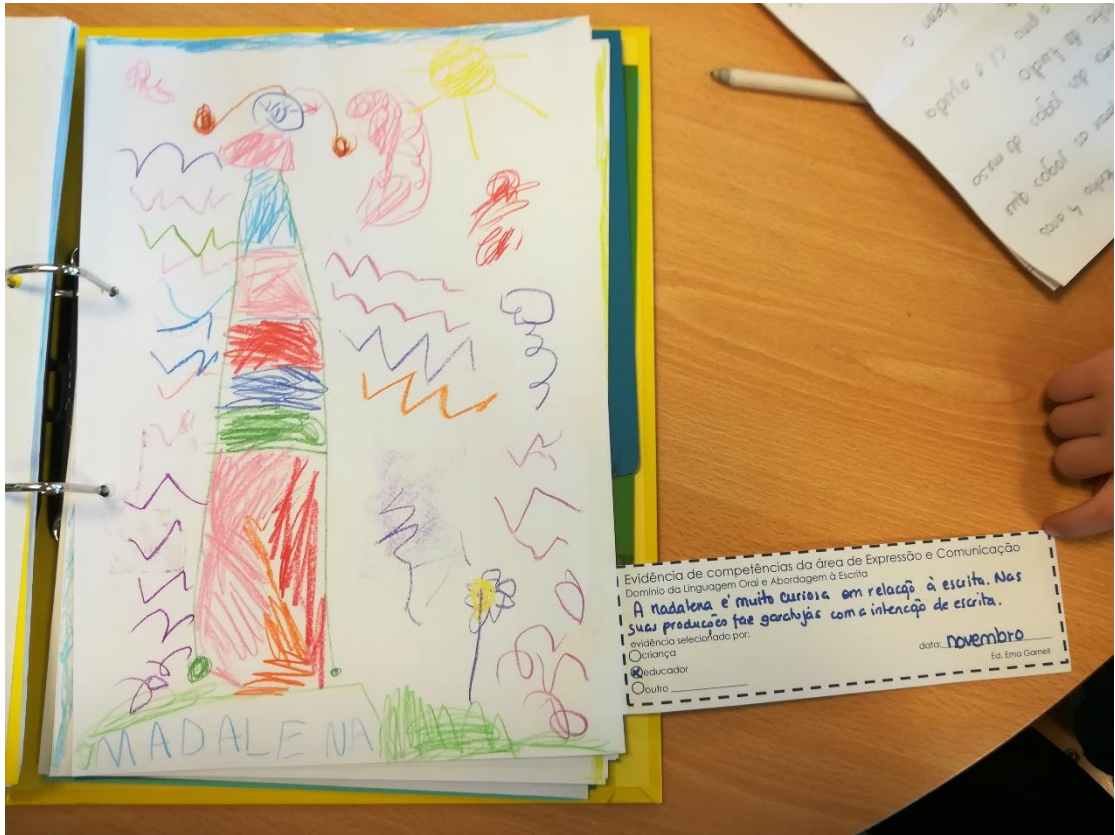


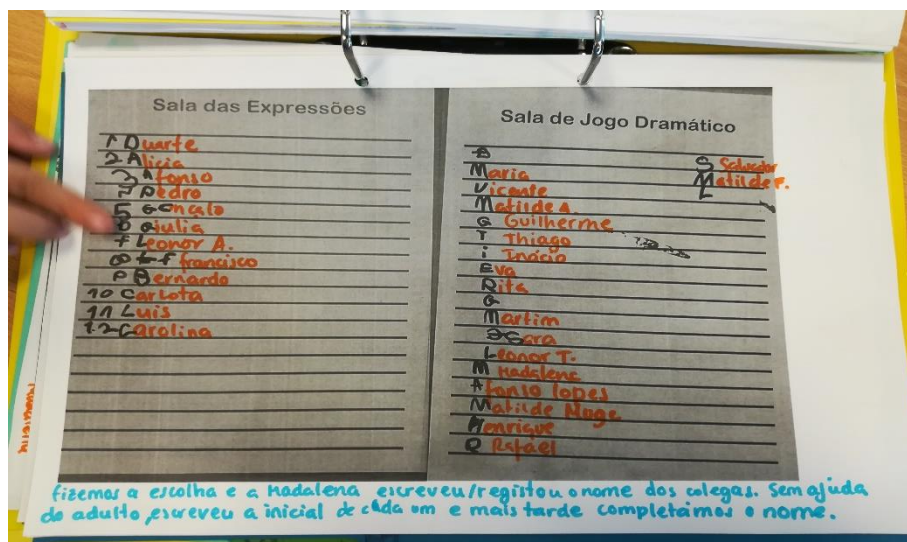
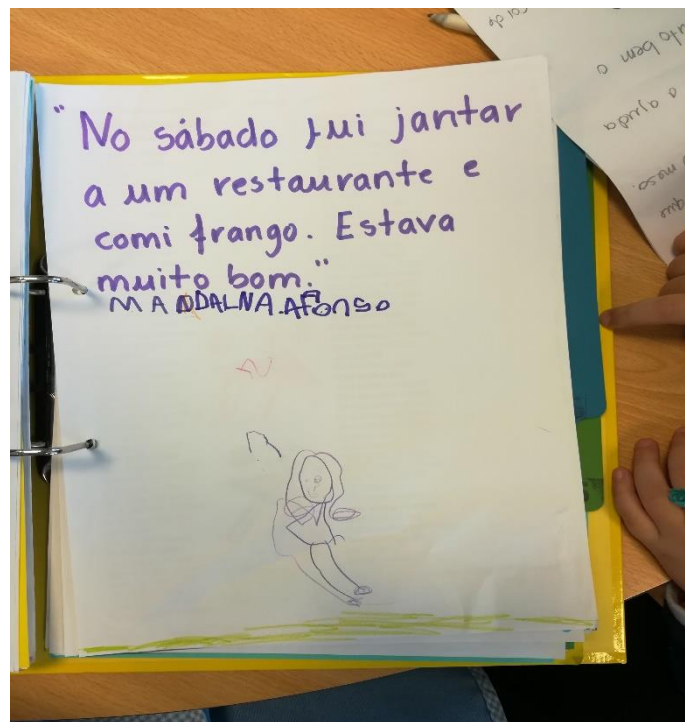


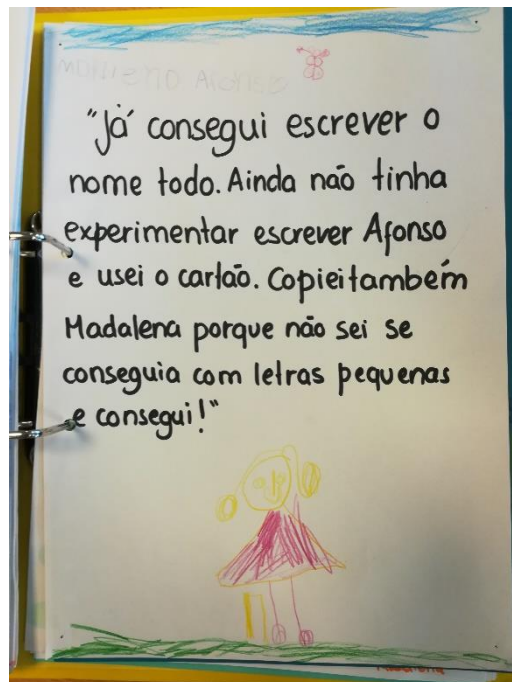
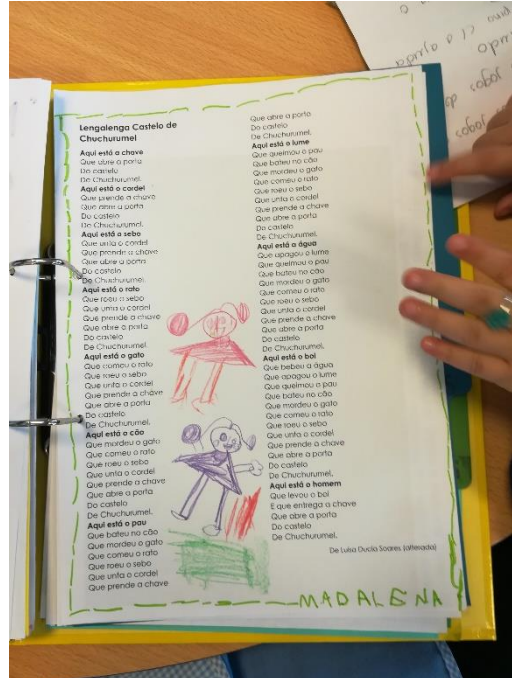


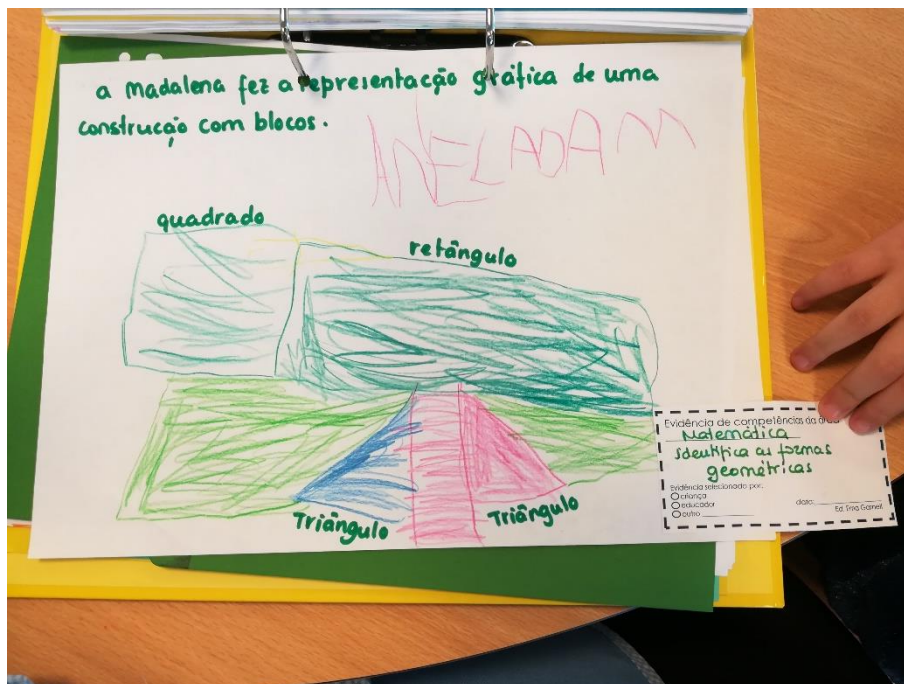














**Comunicação do projeto:**

# OURIÇO DO CASTANHEIRO

Investigação: Lia, Salvador, Leonor Tavares e Rafael

**O que aprendemos:**

- As castanhas são uma semente que está dentro do ouriço. O ouriço é o fruto do castanheiro.
- Um conjunto de castanheiros é um souto.
- Há mais soutos em trás-os-montes (norte de Portugal)
- Na primavera, os castanheiros dão flores. No outono, é quando os ouriços abrem e deixam cair as castanhas.
- As castanhas apanham-se do chão.
- Antes comiam-se castanhas em vez de batatas.

texto coletivo

**MAD ALENA**

Doce de Tomate



A Madalena ajudou a cortar o tomate.



a **avó Bia**

ajudou-me a coser os saquinhos das sapatilhas no clube de costura.

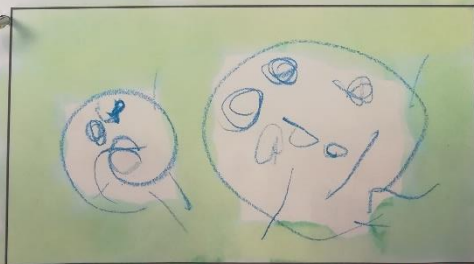
outubro 2017

## Comunicação do projeto: **Como cuidar do nosso cágado Girassol?**

Investigação: Gonçalo, Salvador, Leonor Tavares e Guilherme

O que aprendemos/o que já sabemos:

- São répteis, que são animais como a cobra, lagarto, serpente.
- Gostam de viver em grupo.
- Os aquários tem de ter uma parte de terra (pedras, troncos) e outra parte de água.
- Precisam de apanhar de sol, por isso mudamos o aquário para junto da janela.
- Temos de limpar o aquário 1x por semana.
- Temos de dar de comer 1x por dia (os grânulos que temos na sala). Os cágados também devem ter uma alimentação mais rica e gostam de camarões, peixe, bichos (insetos) e fruta, que deve ser cortada em pedaços pequenos e dar 1x por semana.



Madalena

### Comunicação do Projeto das Raias

Investigadores: Afonso Bernardino, Alicia Santos, Duarte Pereira e Pedro Rocha

#### O que aprendemos: (texto coletivo)

Existem várias espécies de raias: conhecemos a Manta e as Voadoras

As raias são peixes cartilaginosos: têm cartilagem como as nossas orelhas.

As raias nadam com as asas, podem "voar" e saltar...

Têm uma pele macia e espinhos na cauda para se defenderem. Não fazem mal às pessoas.

Comem peixe, moluscos como polvo e crustáceos como amêijoas.



MADALENA

## Anexo P. Notas de Campo Investigação

A educadora desafia três crianças para fazerem uma “cobra” nos jogos de mesa com recurso às peças de encaixe. As crianças aceitam, mas uma delas fica a olhar para a educadora com um ar muito *sério* – “Achas que consegues Matilde M.?” pergunta a educadora. “Acho que não.” responde a Matilde e de imediato a Ema retorquiu “Tenho a certeza que consegues, mas se tiveres dificuldades estão lá os teus amigos e a Maria para te ajudarem.” (Nota de Campo, 10/10/17)

Matilde A. tenta fazer um comentário, mas acaba por não dizer nada quando lhe dão a palavra. A criança quando tenta falar em grande grupo começa a mexer-se muito, a olhar para baixo e a puxar as próprias roupas, parecendo ficar *nervosa ou insegura*. (Nota de Campo, 10/10/17)

“Maria, preciso de ajuda. Não consigo fazer sozinha” diz a Matilde M. “Eu sei que tu consegues fazer sozinha Matilde, mas eu vou-te ajudar. O que é que precisas?” respondi eu. (Nota de Campo, 10/10/17)

Depois da apresentação do teatro de marionetas a Carlota – umas das intervenientes – diz “Eu não falei durante o teatro porque tive vergonha, mas consegui mexer a marioneta”. A auxiliar Susana responde “E fizeste a manipulação muito bem Carlota, estás de parabéns porque tiveste a coragem de apresentar um teatro para o grupo todo e conseguiste manipular a marioneta. Estão todos de parabéns!” (Nota de Campo, 10/10/17)

“Bernardo és o responsável do dia hoje, aceitas?” pergunta a Educadora. A criança com a cabeça baixa afirma que sim. (Nota de Campo, 3/11/17)

Durante a reunião da escolha matinal a educadora pergunta se o responsável do dia – a Eva – sabe que dia da semana é hoje. A criança diz que não sabe. O Bernardo estava a olhar atentamente, mas não diz nada, por isso pergunto-lhe “Bernardo sabes que dia é hoje?” e ele afirma positivamente com a cabeça, mas com a cabeça baixa e continua em silêncio. “Bernardo, queres ajuda ou sabes mesmo que dia é hoje e queres ser tu a

dizer?” pergunto *calmamente*. A criança levanta a cabeça e diz utilizando muito fraco “É segunda-feira”. “Muito bem Bernardo, é segunda feira. Parabéns, sabes que dia da semana é hoje” (Nota de Campo, 3/11/17)

“Muito bem meninos, agora não podemos jogar mais porque está na hora de ir almoçar” digo eu. “Não!!! Podemos jogar só mais um?” pergunta a Maria. “Agora não, mas fazemos assim, eu sexta-feira, no conselho, posso sugerir uma coisa. Quando a área do teatro estiver fechada porque não está nenhum teatro a decorrer, eu ou vocês trazemos alguns jogos preparados e quem quiser vai para essa área. Boa?” pergunto eu. As duas crianças dizem que sim e eu acrescento, “Mas sexta feira falamos disso no conselho para vermos se toda a gente está de acordo.”(Nota de Campo, 20/11/17)

Matilde A põe o dedo no ar para fazer uma partilha com o grupo. No entanto a criança fala muito baixinho e a olhar para baixo, parecendo demonstrar algum desconforto durante a exposição. Porém, é de salientar a evolução da criança por ser capaz de já comunicar aquilo que deseja ao grupo. (Nota de Campo, 9/01/18).

Afonso L chega à sala e interrompe a Lia que está a falar com o grupo. Esta situação repete-se algumas vezes durante a reunião de acolhimento e acabamos por ter de chamar a criança à atenção, dizendo que ele tem de respeitar a vez do outro e que se quiser falar poderá pedir a sua vez ao responsável do dia. (Nota de Campo, 69/01/18).

## Anexo Q. Roteiro Ético

<b>Princípios Éticos e Deontológicos<sup>13</sup></b>	<b>Prática Profissional Supervisionada</b>	<b>Princípios para uma Ética Profissional (Carta Ética- APEI)<sup>14</sup></b>
<p>1. Objetivos da Investigação</p>	<p>Durante todo o processo de investigação tentei respeitar a vontade e o tempo de cada criança, compreendendo que nem todas têm os mesmos interesses, vontades e necessidades e por isso foi minha intenção estimular e expor as crianças a determinadas situações, mas sempre com estas queriam e demonstraram vontade.</p> <p>Porém, apesar de ter tentado implementar novas práticas de jogo dramático na sala, tentei</p>	<p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</p>

<sup>13</sup> Tomás, 2011

<sup>14</sup> APEI, 2011

	<p>respeitar as rotinas e as normas que existem dentro do JI de forma, a não me sobrepor a nada nem a ninguém.</p> <p>No que diz respeito às famílias dei-me a conhecer durante o dia a dia. Nas primeiras semanas foi um dos meus objetivos dar-me a conhecer às famílias e por isso, quando estas chegavam à sala, dirigia-me até elas, com o intuito de me apresentar e de esclarecer o motivo da minha permanência na sala dos seus filhos.</p> <p>Outro aspeto que tentei respeitar em relação às famílias foi também o tempo de habituação de cada um. Existem umas que me acolheram imediatamente, confiando em mim os seus filhos, enquanto que outra necessitaram de mais tempo para reconhecer em mim alguma confiança.</p> <p>Relativamente à equipa educativa, é de salientar que todo o trabalho que foi realizado ao longo dos 4 meses que estive presente no JI foi feito em conjunto, valorizando o trabalho em equipa que é</p>	<p>- “Respeitar as normas e regulamentos.” (p.2)</p> <p>- Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações. (p. 2)</p> <p>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</p>
--	--	---

	<p>defendido no JI. Para além desta relação com a equipa de sala, o respeito e o trabalho de equipa estendeu-se para o resto da equipa que trabalha neste JI, sendo que poderia recorrer a todas sempre que necessitasse e vice-versa, tal como aconteceu diversas vezes.</p> <p>Para concluir, existiu uma reunião com a diretora da instituição que nos deu a conhecer os valores e princípios bases da mesma e toda a história e percurso desta mesma instituição.</p>	
<p>2.Custos e benefícios</p>	<p>Ao longo da PPS tentei sempre dar respostas de qualidade às crianças, interagindo com elas de forma adequada e tendo em conta as necessidades e características de cada uma.</p> <p>A meu ver a grande vantagem de ter estado naquela sala de JI foi a minha calma e atenção ao grupo, enquadrando-me naquilo que era já realizado pela equipa. Outro dos pontos positivos da minha presença naquele JI, em específico, na sala do jogo</p>	<p>- “Encarar as suas funções educativas de modo amplo e integrado, na atenção à criança na sua globalidade e inserida no seu contexto.” (p.1).</p> <p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p.1).</p>

	<p>dramático foi a implementação de novas formas de jogo dramático.</p> <p>Ganhei um respeito e admiração muito grande à equipa educativa de sala que desempenhava um trabalho de excelência e por isso tentei seguir aquilo que estas faziam, respeitando-as e respeitando o espaço de cada um.</p> <p>Durante toda a minha prática a vontade da criança superou a minha vontade, uma prova disso mesmo foi uma das atividades do projeto desempenhado, na qual, levei uma raia para a sala, um animal que me faz alguma confusão de explorar, mas sendo a vontade da criança e sendo, também, uma oportunidade de aprendizagem excelente, segui aquilo que o grupo me pediu.</p> <p>O custo da minha intervenção relaciona-se com a necessidade de adaptação do grupo e da equipa a uma nova pessoa em sala, na medida em que tiveram de despende tempo para me pôr a par das rotinas,</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Assegurar uma isenção que impeça a utilização das famílias em favor de interesses e/ou cumplicidades pessoais.” (p.1)</li> <li>- “Respeitar os colegas de profissão e colaborar com todos os intervenientes na equipa educativa, sem discriminações.” (p.2)</li> <li>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p.1)</li> <li>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2)</li> </ul>
--	--	--

	<p>valores, hábitos e até nomes de cada uma das 36 crianças.</p> <p>Para além disto, considero que o termino da PPS também pode ser um pouco dura para as crianças, visto que se habituaram a uma pessoa que de um dia para o outro deixa de aparecer no JI.</p>	
<p>3. Respeito pela privacidade e confidencialidade /</p>	<p>O respeito pela privacidade e confidencialidade das crianças e das famílias foi sempre um fator que tive em conta e para isso não são divulgados nomes de crianças nem das famílias. No que diz respeito aos registos fotográficos existentes, estes estão todos com as caras das crianças tapadas para que estas não possam ser identificadas.</p> <p>Esta privacidade foi tida em conta também para a instituição e para os seus profissionais, desta forma não são revelados nomes da instituição e dos membros da equipa.</p>	<p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança”. (p.1)</p> <p>- “Garantir o sigilo profissional, respeitando a privacidade de cada criança.” (p.2)</p> <p>- “Garantir a troca de informações entre a instituição e a família.” (p.2)</p>

		- “Manter o sigilo relativamente às informações sobre a família, salvo exceções que ponham em risco a integridade da criança.” (p.2)
4. Consentimento Informado / Direito a recusar participar na investigação	<p>Numa primeira fase foi explicado ao grupo e à equipa educativa os objetivos e aquilo que eu iria propor para que a minha investigação avançasse. De seguida, perguntei queria participar, a maioria das crianças disse que sim e assinaram uma folha, escrevendo o seu nome da forma que sabia.</p> <p>Houve crianças que, apesar, de autorizarem a investigação, quando começaram a surgir as atividades dramáticas, não quiseram participar e tiveram esse direito.</p>	- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p. 2)
5. Decisões acerca de quais as crianças a envolver e a excluir	<p>Durante toda a investigação as crianças tomavam decisões sobre a mesma. Estas escolhiam quem queria ou não participar, escolhiam quais os jogos – dentro dos que apresentei – qual queriam jogar num determinado dia e escolhiam, também, em que semanas é que a investigação poderia continuar –</p>	- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos

	<p>através do conselho semanal. A maioria das vezes as crianças afirmavam, autonomamente, no conselho que tínhamos de escrever no “queremos fazer” jogos na área do teatro.</p>	<p>consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p> <p>- “Cuidar da gestão da <i>aproximação</i> e da <i>distância</i> na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma.” (p.2)</p> <p>- “Garantir que os interesses das crianças estão acima de interesses pessoais e institucionais.” (p.2)</p>
<p>6. Possível Impacto nas crianças</p>	<p>O impacto no grupo passa pelo facto de serem introduzidas em sala outras formas de jogo dramático que podem promover a capacidade de exposição e de atenção ao outro.</p> <p>No que diz respeito à planificação da investigação esta foi sempre ao encontro daquilo que eu observava que as crianças demonstravam agrado e vontade. Desta forma, as atividades dramáticas eram</p>	<p>- “Respeitar cada criança, independentemente da sua religião, género, etnia, cultura, estrato social e situação específica do seu desenvolvimento, numa perspectiva de inclusão e de igualdade de oportunidades, promovendo e divulgando os direitos consignados na Convenção Internacional dos Direitos da Criança.” (p.1)</p>

	<p>planeadas de acordo com a caracterização do grupo para que fosse do agrado do mesmo.</p> <p>Considero, ainda, que existe um impacto negativo em todo este processo, na medida em que estas atividades dramáticas não irão ser continuadas pela equipa educativa, por isso existirá uma quebra no desenvolvimento de outras atividades dramáticas e consequentemente no desenvolvimento de inúmeras capacidades.</p>	<p>- “Responder com qualidade às necessidades educativas das crianças, promovendo para isso todas as condições que estiverem ao seu alcance.” (p.1)</p> <p>- “Ter expectativas positivas em relação a cada criança, reconhecendo o seu potencial de desenvolvimento e capacidade de aprendizagem.” (p.1)</p> <p>- “Cuidar da gestão da <i>aproximação</i> e da <i>distância</i> na relação educativa, no respeito pela individualidade, sentimentos e potencialidades de cada criança e na promoção da autonomia pessoal de cada uma.” (p.2)</p>
<p>7. Informação às crianças e adultos envolvidos</p>	<p>Relativamente à informação passada para as crianças esta é feita sempre que são desenvolvidas as atividades dramáticas, através do feedback que vou dando ao longo do jogo, assim como na pequena reunião que é feita após a atividade.</p>	<p>- “Partilhar informações relevantes, dentro dos limites da confidencialidade.” (p.2)</p> <p>- “Contribuir para o debate, a inovação e a procura de práticas de qualidade.” (p.2)</p>

	<p>Em relação à equipa de sala, mais uma vez, a informação era devolvida quase diariamente com recurso a conversas informais nas quais não só informava como questionava acerca de assuntos que considerava relevantes.</p>	
--	---	--

## Anexo R. Planificações Jogos dramáticos

<b>Planificação Telefone Estragado</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a capacidade de exposição em contexto de jogo</li> <li>- Desenvolver a capacidade de atenção ao outro</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação breve do jogo</li> <li>- Jogar o jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p><b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</b> Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer na área do teatro</p>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos no jogo dramático</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no jogo</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O jogo poderá surgir, quer por sugestão do adulto, quer por sugestão da criança. Poderá ser jogado, em qualquer momento do dia – poderá ser proposto no plano do dia, poderá ser realizado em momentos de transição e poderá, também, ser realizado no pátio, em contexto de recreio.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente deverá existir uma explicação breve do jogo: o grupo estará em roda, e quem desejar pensa numa palavra e deve passar a mensagem a um colega que esteja ao seu lado, mas esta terá de ser passada ao ouvido e muito baixo para que mais nenhuma outra criança do grupo ouça. Este processo deverá repetir-se até que a mensagem chegue à última criança da roda, que deverá repetir aquilo que ouviu para todo o grupo para se concluir se o telefone está ou não estragado – se a mensagem chegar intacta, ou seja, como a 1ª criança do grupo a disse o telefone não está estragado; caso contrário está.</li> <li>- Se as crianças demonstrarem muitas dificuldades na identificação da criança que saiu do grupo o adulto</li> <li>- Numa fase seguinte poderão ser ditas mais do que uma palavra, poderá ser uma frase complexa ou simples – aumento da dificuldade do jogo;</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de se expor em pequeno grupo</li> <li>- É capaz de respeitar a sua vez e a vez do outro</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Análise Categorical</li> </ul>

<b>Planificação -Quem saiu do grupo</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a capacidade de exposição em contexto de jogo</li> <li>- Promover a capacidade de observação atenta</li> <li>- Desenvolver a capacidade de atenção ao outro</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação breve do jogo</li> <li>- Jogar o jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO: Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer na área do teatro
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos no jogo dramático</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no jogo</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O jogo poderá surgir, quer por sugestão do adulto, quer por sugestão da criança. Poderá ser jogado, em qualquer momento do dia – poderá ser proposto no plano do dia, poderá ser realizado em momentos de transição e poderá, também, ser realizado no pátio, em contexto de recreio.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente deverá existir uma explicação breve do jogo: o grupo estará em roda, o grupo fecha os olhos e o adulto toca numa criança que deverá sair do grupo o mais silenciosamente possível. DE seguida, as crianças que estão na roda de olhos fechados podem abrir os olhos e deverão tentar perceber quem saiu da roda.</li> <li>- Se as crianças demonstrarem muitas dificuldades na identificação da criança que saiu do grupo o adulto poderá ajudar fazendo algumas questões tais como – Acham que saiu um rapaz ou uma rapariga? Acham que falta alguém? Quem estava ao vosso lado ainda está?</li> <li>- Numa fase seguinte poderá ser outra criança a decidir quem sai do grupo, com a condição de que a seguir não pode adivinhar quem sai do grupo</li> <li>- É necessário ter em conta, que estar de olhos fechados, poderá causar alguma ansiedade em algumas crianças e por isso a educadora deve ter um papel de apoio para que as crianças que se sintam desconfortáveis</li> <li>- Poderá ser feita uma variável do jogo- ninguém sai do grupo, duas crianças trocam de lugar e o grupo tem de perceber quem é que trocou de lugar</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de se expor em pequeno grupo</li> <li>- É capaz de expressar as suas opiniões e crenças</li> <li>- É capaz de respeitar a sua vez e a vez do outro</li> </ul>

Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Análise Categorical</li> </ul>
---------------------------	---

<b>Planificação Jogo da Mímica</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<b>ÁREA DE FORMAÇÃO PESSOAL E SOCIAL</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Cooperar com outros no processo de aprendizagem</li> <li>- Respeitar a vez do outro</li> <li>- Desenvolver a capacidade de concentração</li> <li>- Promover e desenvolver a capacidade de exposição</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação e explicação do jogo</li> <li>- Jogar o jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Espaço amplo e livre para que as crianças possam fazer a mímica</li> </ul>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para apoiar a atividade</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar de sala para apoio do restante grupo que não está envolvido nesta atividade</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O grupo de crianças estará na área do teatro</li> <li>- A criança que estiver a representar o animal deverá estar em pé à frente das crianças que estão sentadas no chão a adivinhar</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente a educadora deverá explicar o jogo da mímica. Explicando as regras e os objetivos do jogo.</li> <li>- De seguida, deverá perguntar quem quer ser a primeira criança a representar. Importa referir que, inicialmente, será importante que as crianças desempenhem papeis reais, que conheçam e que seja mais simples de mimar (ex.: animais, ações – chorar, rir, correr, dançar, etc.)</li> <li>- A educadora deverá apoiar a criança sempre que esta necessitar</li> <li>- Caso a mímica se revele muito difícil para o grupo em questão a educadora pode sugerir a utilização de sons para facilitar a atividade</li> <li>- Quando o grupo já estiver mais familiarizado com o jogo poderá ser outra criança a dizer o que é que se vai mimar.</li> </ul>
Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de se expor diante o grupo</li> <li>- É capaz de respeitar a vez do outro</li> <li>- É capaz de compreender o jogo e as suas regras</li> <li>- É capaz de representar papeis através da mímica</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Registos fotográficos</li> </ul>

<b>Planificação Quem é quem?</b>	
Intencionalidade educativa Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Promover a capacidade de exposição em contexto de jogo</li> <li>- Promover a exploração de diversos sentidos – tato, audição, olfato</li> <li>- Desenvolver a capacidade de atenção ao outro</li> </ul>
Momentos / Propostas educativas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Explicação breve do jogo</li> <li>- Jogar o jogo</li> </ul>
Organização do espaço e materiais	<p><b>MATERIAIS:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lenços para vendar os olhos</li> </ul> <p><b>ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:</b></p> <p>Espaço amplo e livre – a atividade irá decorrer na área do teatro</p>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- 1 educadora – estagiária – para o apoio do grupo de crianças envolvidos no jogo dramático</li> <li>- 1 educadora e 1 auxiliar para apoio das crianças que ficam na sala porque não estão envolvidos no jogo</li> </ul>
Dinâmica	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O jogo poderá surgir, quer por sugestão do adulto, quer por sugestão da criança. Poderá ser jogado, em qualquer momento do dia – poderá ser proposto no plano do dia, poderá ser realizado em momentos de transição e poderá, também, ser realizado no pátio, em contexto de recreio.</li> </ul>
Estratégias de implementação das propostas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Inicialmente deverá existir uma explicação breve do jogo: o grupo estará em roda, e uma criança – a que quiser – terá os olhos vendados, de seguida outra criança dirige o colega que tem os olhos vendados para a frente de outra. A criança que tem os olhos vendados deverá reconhecer a criança que está à sua frente, utilizando os sentidos. A criança pode tocar, cheirar ou pedir para o par falar de forma, a reconhecer aquele que está à sua frente.</li> <li>- A educadora poderá sugerir que as crianças utilizem os outros sentidos, uma vez que considero que, inicialmente os sentidos mais utilizados serão o tato e a audição</li> <li>- É necessário ter em conta, que estar de olhos vendados, poderá causar alguma ansiedade em algumas crianças e e por isso a educadora deve ter um papel de apoio para que as crianças que se sintam desconfortáveis</li> </ul>

Indicadores de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- É capaz de se expor em pequeno grupo</li> <li>- É capaz de expressar as suas opiniões e crenças</li> <li>- É capaz de utilizar os sentidos para reconhecer o outro</li> <li>- É capaz de respeitar a sua vez e a vez do outro</li> </ul>
Instrumentos de avaliação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação</li> <li>- Notas de Campo</li> <li>- Análise Categorical</li> </ul>

## **Anexo S. Reflexão e Notas de Campo sobre os momentos de jogo** *telefone Estragado*

### **1ª vez- 20/11/17**

O jogo surgiu num momento de transição, metade do grupo estava na educação física e a outra metade já tinha comido a fruta e estávamos à espera da restante metade do grupo viesse de educação física para irmos almoçar e por isso propus que jogássemos este jogo. Expliquei -o “Quem conhece o jogo do telefone estragado? Neste jogo o telefone somos nós e por isso passamos uma mensagem uns aos outros, só que essa mensagem é passada ao ouvido de cada um e a mensagem é um de nós que escolhe. Querem experimentar?” perguntei. As crianças disseram que sim e retomei, “Começamos a dizer só uma palavra. Querem que eu comece ou algum de vocês quer começar?” pergunto. O grupo de 4 crianças diz que sou eu a iniciar o jogo. Disse a palavra “maçã”. As crianças mostravam muito entusiasmo em que chegue a sua vez de dizer a palavra a quem está ao seu lado, mexendo-se no lugar e olhando muito atentamente para os colegas que estavam a dizer e a ouvir a mensagem nesse momento.

É de salientar que no início eram, apenas, 4 as crianças que quiseram jogar o jogo, mas a certa altura outras crianças observaram e quiseram juntar-se. Ficámos 7 pessoas a jogar.

Quando disseram a palavra ao ouvido do Afonso B este disse alto: “Ah eu ouvi, era maçã!”. “Não Afonso” disse uma criança. “Não podes dizer alto a palavra” disse de imediato outra criança. Expliquei de novo o jogo e o Afonso L diz que não consegue ouvir quando dizem muito baixinho a mensagem ao seu ouvido e por isso sugeri que todos disséssemos «la la la» para não se ouvir a palavra que estava a ser segredada e para que, se fosse necessário, as crianças pudessem passar a mensagem com um tom de voz um pouco mais forte.

À medida quem ia dizendo as regras do jogo as crianças iam completando a informação que ia sendo dada.

A certa altura chega a vez de passarem a mensagem ao Afonso L que diz, “Não consegui ouvir nada” enquanto baixa o olhar, parecendo um pouco envergonhado.

Quando a mensagem chega à última criança – aquela que tem de dizer alto a mensagem passada ao longo do jogo – esta começou a encolher-se e a olhar para baixo. “Não queres dizer alto, Matilde?” pergunto eu. A criança encolhe-se e diz que não com a cabeça. “Queres dizer ao ouvido de alguém e depois essa pessoa diz em alto?” a criança diz que sim e diz ao meu ouvido.

“Quem quer começar?” pergunto eu. O Salvador coloca o dedo no ar e a Lia diz “Eu não quero ser a última.” Esta afirmação da criança demonstra que esta não quer ser aquela que diz a palavra alto, podendo estar relacionado com o nível de exposição mais alto do que o das restantes crianças do grupo.

Quando a mensagem chega ao Afonso B – a última criança da roda. Este diz “Eu ouvi bababababa”. Esta afirmação parecendo-me estranho porque à medida que a mensagem foi passando, eu consegui perceber que esta estava a passar de forma correta por isso pergunto a cada criança qual foi a palavra que passou ao colega e apercebo-me que a mensagem passou intacta até ao Afonso B e por isso pergunto-lhe “Afonso, qual foi a palavra que ouviste?” “Eu ouvi banana, mas quis que o telefone tivesse estragado”. O grupo ri-se e o Afonso ri-se, também.

Seguidamente o Afonso L diz “Maria eu quero começar.”, pergunto às restantes crianças se concordam e dizem-me que sim. A criança fica algum tempo a pensar e depois diz envergonhado – olhando para baixo e a retraindo-se corporalmente - “Não sei nenhuma palavra.” “Tenho a certeza que sabes, pensa lá numa palavra, olha pode ser uma comida que gostes, um brinquedo, um sitio, uma coisa que tens em tua casa...” disse eu. A criança pensa e diz “Já sei!”

O jogo recomeça e o a Carlota *lança* a palavra. A palavra que esta diz já tinha sido utilizada – banana – quando chega ao Salvador este diz “Ahh! Mas essa não pode ser, já foi!”. A Carlota fica muito envergonhada e encolhe-se, baixando a cabeça.

A Lia pede para começar e o Afonso B diz “Não não! Quero ser eu! Eu vou começar!” é frequente esta criança não respeitar a vez do outro. Sendo que por vezes se cria um conflito entre o grupo devido a esta atitude da criança. Desta vez a Lia e o Afonso conversaram e chegaram a um consenso e decidiram que era a Lia que começava porque o Afonso já tinha começado.

Quando chega a vez da Margarida dizer ao meu ouvido a palavra esta diz “Eu não consigo dizer baixinho” baixando a cabeça, parecendo *envergonhada*. “Eu ajudo-te, ponho as minhas mãos no meu ouvido e o resto do grupo diz «la la la» digo eu. A criança e hesita, mas acaba por dizer a palavra.

## **2ª vez – 7/12/17**

Estamos à espera da fruta e o Rafael diz “Maria, podemos jogar aquele jogo das palavras, o telefone?”

Quem quer jogar este jogo?” pergunto. Todas as crianças dizem que querem, por isso pergunto, “Quem é que quer explicar o jogo aos meninos que não jogaram da ultima vez?” o Rafael põe imediatamente a mão no ar e diz “Temos que dizer uma palavra muito baixinho ao ouvido do menino que está ao nosso lado e depois a ultima pessoa da roda”

Chegámos à ultima criança e esta disse alto “Castelo de Chuchurumelo” e a Maria exclama “Está certo, o telefone não está estragado. Está bom!”

A Carlota era a ultima criança e por isso tinha de dizer a palavra em alto para o grupo ouvir. A certa altura olha para mim e pergunta “Sou eu que vou dizer a todos?” eu afirmo que sim e digo que tenho a certeza que ela vai conseguir. Quando chega a altura de a Carlota dizer a palavra esta diz “Eu ouvi carne com arroz” muito baixinho.

Algumas crianças começavam a ficar impacientes com este jogo porque já eram bastantes – 12 – e por isso tinham de esperar muito pela sua vez de dizer à pessoa que estava ao seu lado.

## **Anexo T. Reflexão e Notas de Campo sobre os momentos de jogo *Quem saiu do grupo***

As crianças estavam a ficar impacientes “Eu conheço outro jogo, mas este temos de ter muita atenção e os nossos olhos têm de estar muito abertos para conseguirmos jogar este jogo”. A Leonor T disse “Ok, então vamos todos pôr os óculos para ver bem!”. Expliquei o jogo e começámos a jogar.

Pedi às crianças para fecharem os olhos e disse que me ia levantar e tocar numa criança. Quando ia tocar numa, muitas crianças – Martim, Afonso L, Leonor T – abriam os olhos na altura que deviam estar de olhos fechados para ver quem estava a sair da roda. É notório que o facto de não poderem ver causa alguma ansiedade às crianças e por isso abrem os olhos. Penso que, para além da dificuldade de estarem de olhos fechados, sem terem a capacidade de ver aquilo que se passa à sua volta existe também o fator da curiosidade e da competitividade, ou seja, se abrirem os olhos conseguem ver quem saiu do grupo e conseguem *ganhar* o jogo.

De seguida, volto a pedir às crianças que não abram os olhos sugerindo que se deitem de barriga para baixo e ponham a cabeça apoiada nos braços, virada para o chão – assim podem estar de olhos abertos, mas não conseguem ver o que está a acontecer à sua volta. Toco na Matilde M e digo ao grupo que já pode abrir os olhos. Passados alguns momentos de observação do grupo oiço, “Foi a Matilde M que saiu da roda. Eu sei porque ela estava ao meu lado e agora já não está” afirma a Maria.

O Rafael está a jogar o jogo, mostrando-se empenhado e motivado – não abre os olhos quando não é suposto e quando tenta adivinhar olha para toda a roda parecendo atento e observador -, mas a certa altura o Afonso L senta-se ao pé dele e o Rafael começa a ter atitudes que não estava a ter anteriormente – fazer sons com a boca, bater com os pés no chão, e falhar propositadamente no jogo – e sempre que tem uma destas atitudes olha para o Afonso L, parecendo que está a procura da sua aprovação, visto que quando o Afonso se ri o Rafael repete aquilo que fez, quando o Afonso não se ri o Rafael para.

Sento-me discretamente ao lado do Rafael e peço para fecharem todos os olhos, levanto-me e toco na Maria. É de notar que a Maria saiu da roda, tentado fazer o mínimo

barulho possível – saiu em bicos de pés e muito devagar. Quando o grupo abre os olhos o Rafael olha atentamente para o grupo e diz “Eu acho que foi a Maria, porque ela estava ali! Ah afinal não, a Maria está ali.”

## **2ª vez – 8/01/18**

“Maria podemos voltar a jogar aquele jogo para descobrir quem é que já não está no grupo?” pergunta a Maria.

As crianças têm muita dificuldade em não olhar, mesmo quando volto a sugiro que se deem de barriga de para baixo e com a cabeça de virada para baixo algumas crianças têm a tendência a olhar. Porém, já se nota uma certa melhoria, algumas crianças lutam contra olhar – levantam a cabeça um pouco, mas voltam a baixa-la rapidamente.

A certa altura toquei no João e ele foi-se esconder e quando o grupo abre os olhos e eu pergunto “Muito bem meninos, quem é que saiu?” o João aparece e diz “Fui eu, estou escondido!” A criança quando sai detrás do pano – na área do teatro – disse esta frase com aparente agrado e entusiasmo.

A certa altura notei que o grupo estava a ficar um pouco desgastado e já se estava a tornar bastante fácil quem saiu do grupo por isso quis dificultar e desafiar ainda mais o grupo. “Vocês estão muito bons neste jogo. Querem torna-lo um pouco mais difícil?” As crianças respondem que sim e os rapazes que estão presentes ficam bastante entusiasmados. “Agora ninguém sai da roda, o que acham de dois meninos ou meninas trocarem só de lugar e vocês têm de perceber quem trocou?” pergunto. “Sim, é giro e difícil, mas eu vou ganhar” diz o Martim. O Martim é uma criança que se demonstra muito competitiva, no entanto esta competitividade é positiva, visto que o incentiva a fazer mais e melhor e não entra em conflito direto com as restantes crianças do grupo.

Hoje, as crianças têm mais facilidade em manter os olhos fechados. Só abrem quando a troca demora mais um pouco, sentem-se desconfortáveis por estar de olhos fechados durante um longo período de tempo.

Maria posso ser eu a dizer quem troca de lugar?” pergunta a Alícia. Digo que sim e a Alícia diz “Só podem abrir os olhos quando eu tocar em vocês”. A Alícia toca no Pedro e na Matilde A e a Matilde diz “Não, eu não quero trocar de lugar!” A Matilde é

uma criança que tem muita dificuldade em expor-se e por isso é preciso respeitar o seu espaço e tempo e é de salientar o seu esforço e vontade em jogar este jogo, desta forma disse, “Não te preocupes Matilde, a Alícia pode escolher outra pessoa. Quando quiseres e te sentires pronta podes fazer.”

O Martim abre os olhos e diz “Ui, está difícil. Eu acho que não foi ninguém. Eu não troquei.”

Começámos a jogar o jogo com 6 crianças que manifestaram vontade de jogar este jogo, no fim eram 18 crianças.

## **Anexo U. Reflexão e Notas de Campo sobre os momentos de *Jogo da Mímica***

### **PLANIFICAÇÃO – JOGO DA MÍMICA**

#### **1ª vez – 30/11/2017**

A primeira vez que o grupo teve contacto com este jogo foi depois da hora do conto “O Cuquedo e um amor que mete medo”, no dia 30. A educadora sugeriu que este momento fosse continuado, uma vez que o grupo gostou bastante da história. Desta forma, propus às crianças que jogássemos mímica com recurso aos animais que apareciam no livro. Pensei que esta seria uma boa maneira de apresentar e iniciar o grupo na mímica, visto que partia de animais que conheciam e que já tinham tido contacto através da história.

Durante a construção do plano do dia falou-se sobre esta opção e questionámos o grupo sobre quem queria participar. O Afonso L, a Sara, a Giulia, o Tomás, o Francisco C e o Luís quiseram participar. Dirigimo-nos para a área do teatro e expliquei, mais detalhadamente o jogo – “Meninos, lembram-se dos animais do Cuquedo? Lembram-se que eles se assustaram e fugiram quando, na hora do conto, nós fizemos muito barulho<sup>15</sup>?” as crianças disseram que sim e eu retomei “Muito bem, então nós hoje não podemos falar para não assustar estes animais. Vamos fazer assim, cada um vai escolher um animal da história, quando for a sua vez, e vai ser esse animal.” Para completar esta informação dei um exemplo, fui um cão, movendo-me em quatro patas e fazendo pequenos gestos que imitavam o cão, como por exemplo a lambar as suas patas. As crianças observaram-me e o Luís disse “Estás a lambar as patas, quem faz isso são os cães. És um cão!”.

Visto que as crianças pareciam ter entendido o jogo, o Afonso L começou e perguntei-lhe qual dos animais queria ser. **A criança folheou o livro e escolheu fazer de girafa. Inicialmente a criança ficou parado no lugar, parecendo pensativo. Depois**

---

<sup>15</sup> Estratégia utilizada durante a hora do conto – Consultar Planificação da Hora do Conto “Cuquedo um amor que mete medo”

colocou-se de pé e esticou o corpo o mais que podia. As crianças observavam e o Tomás perguntou “É alto?” O Afonso sorriu e esticou-se ainda mais a Sara observava atentamente e diz “Eu sei, é aquele animal muito alto com um grande pescoço, é uma girafa!” O Afonso fica muito contente e olha para mim enquanto sorri “Vês Maria, eu fiz bem. A Sara adivinhou que era uma girafa.”

De seguida a Sara folheia o livro e diz que quer ser a Grou, porém não se refere ao animal com este termo, dizendo apenas que quer ser o passáro. Inicialmente fica parada e olha para mim, parecendo estar um pouco *envergonhada*. “Força Sara, tenho a certeza que consegues, ainda por cima escolheste logo esse animal, deves gostar muito dele” digo. A Sara começa a mexer os braços, fazendo movimentos de cima para baixo, mas não sai do lugar. A Giulia diz passado pouco tempo “Ah eu sei! É um pássaro, tem asas.” A Sara esboça um pequeno sorriso e volta a sentar-se. A criança parecia estar contente, mas bastante envergonhada.

A Giulia folheia o livro e assim que vê uma zebra diz “Vou ser este Maria, gosto muito”. Antes de começar pergunta ao grupo “Posso começar, estão prontos?” O grupo diz que sim e a Giulia, fica parado no lugar, parecendo estar *pensativa*. Fica assim breves segundos e coloca-se de gatas e anda pela área do teatro. O grupo observa-a e vai-se virando de maneira a ver, sempre, a criança. O Afonso L diz “É um cão. O Cão anda assim.” A Giulia responde “Não, não é um cão.” O Tomás passado pouco tempo diz “É um cavalo!” e a Giulia volta a dizer que não. A criança começa a ficar um pouco saturada e eu intervenho porque me parece que a menina está a ficar desmotivada “Este é muito difícil, mas a Giulia está a fazer muito bem” quando acabo de dizer isto a Giulia aponta para o seu corpo e tenta mostrar uma característica particular do animal, as suas listas. Eu complemento “Muito bem Giulia, essa é uma grande pista. Olhem meninos, a Giulia está a apontar para o corpo dela, do animal, e parece que está a fazer assim umas riscas...” O Afonso L diz “Ah eu já sei!! É uma zebra!” A Giulia fica bastante animada e diz “Ufa, estava difícil. Sim, é uma zebra!” Volto a dar os parabéns à Giulia e ao grupo.

O Afonso L volta a pegar no livro e folheia-o até que vê o tigre e diz-me ao ouvido, “Vou fazer este, um tigre!” o restante grupo estava muito atento e não desviava o olhar do Afonso. O Afonso coloca-se de gatas e começa a andar muito rápido pela sala, as crianças não dizem nada durante muito tempo e o Afonso diz “Então, não dizem nada?”

EU intervenho e digo “Já viram como este animal anda rápido, parece que até corre. Afonso, como é que é a expressão deve animal, parece contente ou zangado?” a criança muda de expressão e franze muito os olhos e aproxima-se do Tomás e imita o rugido do tigre. O Francisco C ri-se e diz “É um leão” e o Afonso diz logo “Não não, mas é parecido.” Passados breves momentos o Tomás diz “É um tigre”. O Afonso levanta-se e diz, parecendo *entusiasmado*, “Sim sim sim!!”

O Tomás antes de abrir o livro diz “Eu já sei qual quero” e diz-me ao ouvido “Vou ser a cobra”. Começa a fazer e deita-se no chão e começa a rastejar, assim que o Tomás se deitou o Francisco C afirma “Eu sei, eu sei! É a cobra porque está a rastejar” o Tomás diz feliz “Foi tão rápido, boa”. É de salientar a intervenção do Francisco porque, normalmente, este é uma criança muito introvertida e que participa muito pouco.

O Francisco folheia o livro e quando vê o macaco aponta para o mesmo e olha para mim, pergunto-lhe se quer ser esse animal e a criança diz-me que sim. A criança fica parada no lugar e não faz qualquer tipo de movimento. “Precisas de ajuda?” pergunto. A criança diz-me que não com a cabeça, mas continua parado. Decidi intervir e digo “Como é que andas, quais são os movimentos que fazes?” O Francisco começa a fazer pequenos movimentos, levando as mãos às axilas. Faz duas vezes esta repetição de movimentos e para, esperando que os pares digam alguma coisa. O Tomás diz “Então, não fazes mais nada?” e o Francisco volta a repetir. A certa altura, a Sara diz “Hm... eu não sei, não percebo. Faz mais coisas”. O Francisco faz o mesmo movimento e imita um som, imitando o guincho do macaco. As crianças reagem ao barulho e o Luís diz “Macaco! És um macaco!”.

O Afonso L começa a dizer que quer ser ele agora, mas o Luís diz “Não, agora sou eu! Eu é que adivinhei!” O Afonso *amua*, virando costas. O Luís vai ter com a criança e diz “Não precisas de ficar assim, se adivinhares o meu, a seguir és tu!” A criança volta para perto do grupo e fica muito atento, parecendo que se está a esforçar muito para conseguir adivinhar o que o seu par está a mimar.

O Luís escolhe ser o pássaro e inicialmente anda, apenas, pela sala. A Giulia diz “Assim não se percebe, tens de fazer mais.” E a Sara diz “Pois é, Maria eu não sei.” O Luís sorri e olha para o chão e começa a mexer os braços como se fossem as asas. A

Giulia diz que é um pássaro, mas diz “Eu não quero fazer, só quero adivinhar. Por isso o Afonso pode ir.” O Afonso fica muito contente e diz “Yes!”

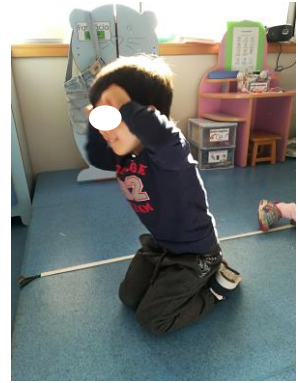
O Afonso quer ser um rato e diz-me isso ao ouvido. Começa a fazer colocando os dentes de fora. Passado um bocado começa a saltar e eu pergunto-lhe “Tens a certeza que esse animal salta?” e ele fica um pouco pensativo e diz “Ah, não. Enganei-me. Este não salta o coelho é que salta” e coloca-se de gatas com os dentes de fora. A Sara diz “Eu já sei. Esse animal também come queijo! É um rato!” O Afonso diz “Boa!”

A Sara quer fazer de canguru, começa a saltar e põe as mãos à frente da barriga, parecendo que as tem dentro de um bolso. O Tomás diz “Canguru, é um canguru.” A Sara diz que diz, enquanto sorri, mas o grupo é interrompido pelo o Afonso que diz “Não, não. O canguru não salta assim, eles saltam de pé” e exemplifica. Todo o grupo andou durante uns momentos pela área do teatro como canguru e de seguida disse “Agora somos todos cobras” e todas rastejaram pelo chão.

A atividade terminou de seguida porque o grupo demonstrava alguns sinais de cansaço. No entanto, esta atividade foi muito rica e o grupo demonstrou a capacidade de respeitar a vez do outro e teve atenção ao que o outro fazia e aos pormenores que iam sendo feitos durante a atividade.







## 2ª vez- 4/12/17

A segunda vez que este jogo surgiu foi proposto por pelo Afonso L durante um momento de transição. À segunda feira o grupo divide-se para ir para a ginástica e por isso, fiquei em sala com, apenas, metade do grupo e a seguir a comer a fruta perguntei “E agora, o que é que querem fazer enquanto esperamos pelo resto do grupo e pela hora do almoço?”. O Afonso L interveio e disse “Aquele jogo! Aquele da mimica”. Disse que por mim não havia qualquer problema, mas que tinha de perguntar ao restante grupo quem queria. O Afonso explicou o jogo – pôs-se de pé e explicou euforicamente, mexendo as mãos e dando exemplos de papeis, a certa altura fez de cão para que as restantes crianças percebessem o jogo. Todos aceitaram jogar e penso que esta aceitação de tantas crianças se deveu, também, ao facto do Afonso ter explicado o jogo de uma forma tão entusiasmada.

Questionei o grupo sobre quem decidia o que iam mimar e a Alícia, que também estava neste grupo e já tinha jogado disse, “Podemos ser nós a escolher. Quem faz primeiro diz ao menino que faz a seguir.” Concordei e perguntei apenas quem escolhia o que a primeira criança ia mimar, uma vez que não existia nenhum antecedente. O Salvador respondeu “Podes ser tu Maria. Posso começar eu?” O grupo assentiu e assim foi. Como o Salvador nunca tinha jogado este jogo quis simplificar um pouco, mas ao mesmo tempo mudar o que se tinha feito da ultima vez e por isso disse-lhe ao ouvido “Podes fazer de menino triste, o que achas?”. O Salvador sorriu e disse “Está bem, vou tentar”.

A minha intenção nesta sugestão foi, para além dos meus objetivos presentes em todas as atividades da investigação – desenvolver e promover a capacidade de exposição e atenção ao outro. Já tinha reparado que quando as crianças representavam alguns papeis nas peças de teatro a sua expressão facial e física não correspondia aquilo que estes diziam, ou seja, podiam estar a dizer uma fala de uma personagem que estava muito triste, mas diziam-na com um grande sorriso na cara ou sem qualquer tipo de expressão. Por isso, desta vez pretendi, também, desenvolver a noção e a capacidade de desempenhar papeis com algum tipo de sentimento e por isso sugeri à primeira criança que o fizesse.

O Salvador quando tentou começar a mimar o que lhe tinha sugerido ficou muito quieto enquanto olhava para baixo e depois olhava para mim. “Vá despacha-te” disse o Afonso L *inquieto* e um pouco *impaciente*. “Precisas de alguma ajuda? Vamos lá Salvador, eu sei que tu consegues, tu és muito bom nas peças de teatro por isso neste jogo também vais ser” disse eu. O Salvador olhou para mim e disse “É difícil, mas vou tentar” e começou a fazer beicinho e colocou a cabeça de lado. A Leonor A disse “Pareces triste, estás a fazer de um menino triste?” o Salvador esboçou um grande sorriso e disse “Sim! Adivinhaste! Eu consegui! Agora sou eu que te digo o que é que vais fazer!” O Salvador pensou um pouco e disse algo ao ouvido da Leonor e depois foi-se sentar no seu lugar.

A Leonor, começou de imediato a fazer uma cara triste, virando a boca para baixo e depois começou a esfregar os olhos. O Martim disse “Estás com sono? Parece que ela está com sono e por isso está a esfregar os olhos.” A Leonor começou a rir muito e o Martim ficou a olhar para ela e depois acaba por começar a rir também. Passado pouco tempo a menina completa “Não, não é isso. Agora vou voltar a fazer o que o Salvador me disse”, e faz os mesmos movimentos e expressões. O grupo está muito silencioso, a observar a Leonor, até que a Rita diz “Estás a chorar! Ela está a chorar, porque está triste”, o Salvador e a Leonor dizem *animados* “Sim!!!”

De seguida a Leonor diz algo ao ouvido da Rita, que de seguida vem para perto de mim e diz-me baixinho “É difícil, posso fazer ao pé de ti para me ajudares?” digo que sim, mas completo “Mas eu tenho a certeza que consegues fazer tudo sozinha e se for preciso a Leonor também te pode ajudar, porque ela sabe o que te disse. Boa?” A Rita acena-me com a cabeça enquanto esboça um sorriso. Coloca-se muito perto de mim – a minha perna tocava nas costas da Rita – e começa a fazer uma cara que parecia zangada, franzindo os olhos e a testa e olhava de baixo para cima. O Afonso L e o Gonçalo começaram a rir e a Rita ficou muito envergonhada e parou de mimar aquilo que estava a fazer. Decidi intervir e disse “Rita, não precisas de ficar assim, eu acho que eles não estavam a gozar contigo. Meninos podem explicar à Rita porque é que se estavam a rir?” o Afonso diz “Não, não eu não estava a gozar. Eu estava a rir porque a cara dela estava engraçada, parecia quando a minha mãe se zanga.” A Rita esboçou um sorriso e olhou para mim. “Era isso que estavas a fazer Rita, estavas a fazer de uma menina zangada?” a Rita diz-me que sim, muito baixo, e eu completo “Vês Rita, fizeste tão bem que o Afonso

L se lembrou da cara da mãe dele quando ele faz disparates!” e sorri, o Afonso L começou a rir bastante e a Rita acaba por rir também.

“Meninos, agora já está na hora de irmos almoçar e por isso temos de acabar o jogo por agora” digo.

À tarde o Henrique veio ter comigo e disse-me “Tenho um desafio para ti. Eu vou-te pedir uma coisa, mas não vou falar, vou fazer por gestos!” Esta atitude da criança mostrou-me que, apesar, de durante os momentos de jogo ele não estar muito predisposto a expor-se ao grupo, está atento e vê o que os pares estão a fazer e que, em pequeno grupo, ou numa díade entre o adulto e a criança, este consegue expor-se e transmitir informação com o recurso da mímica.

### **3ª vez – 16/01/18**

A 3ª vez que o grupo jogou este jogo foi devido ao projeto das raias que decorreu em sala. O pequeno grupo que estava envolvido nets projeto quis contruir um jogo que consistia na criação de cartões com raias a fazer qualquer coisa e depois quem tira-se esse cartão tinha de mimar essa mesma raia. Assim sendo, depois de contruírem o jogo o pequeno grupo quis jogá-lo com os restantes pares aquando a comunicação do projeto e assim foi. Depois de comunicarem o projeto disseram “Acho que já não temos mais nada a dizer” exclama o Pedro. “Ok, muito bem, mas vocês fizeram um jogo que queriam jogar hoje, certo? Pergunto eu. “Sim, é o jogo das raias. Uma pessoa tem de tirar um destes cartões e depois tem de imitar o que a raia está a fazer, mas não se pode esquecer que é uma raia.” Diz a Alícia. De seguida o Pedro acrescenta “Sim, e para falar a pessoa que está a imitar a raia tem de dar a palavra, não podem falar todos de uma vez.” (Nota de Campo, 16/1/18).

Este foi outro momento muito rico, as crianças do grupo começaram a fazer a mímica e organizaram-se muito bem entre elas, respeitando a vez do outro. AO longo do jogo iam relembrando as regras ao grupo, “Leonor, tu não puseste o dedo no ar por isso não podemos dizer se a tua resposta está certa ou não” diz o Afonso (Nota de Campo, 16/01/18).

Quando os 4 elementos do grupo fizeram a mímica dos cartões a Alícia sugerir que agora quem jogasse fosse o resto do grupo, então perguntou se alguém queria jogar e o Tomás pôs o dedo no ar, chamaram-no e pediram para que a criança tirasse um cartão, relembrando as regras do jogo e o objetivo. O Tomás revelou algumas dificuldades, mas o grupo do projeto colocava-se ao lado da criança para a auxiliar e ia fazendo alguns comentários para facilitar

o jogo. “Tomás, não te esqueças que é uma raia, olha as asas! Olhem para a cara do Tomás, olhem o que ele está a fazer” diziam o Pedro e o Afonso B ao resto do grupo. (Nota de Campo, 16/01/17).

Várias crianças jogaram, mas a certa altura o grupo começou a dispersar um pouco, o que foi normal visto estarmos a fazer a comunicação do projeto há mais de uma hora. Por isso sugeri que jogássemos o jogo noutra altura outra vez. Fizemos uma pequena pausa para o grupo ir à casa de banho e reunimos em roda para fazer a avaliação do projeto. Este foi um momento bastante interessante e que serviu para verificar que o grande grupo tinha retido a maior parte da informação que os 4 elementos do projeto falaram durante a divulgação.

## **Anexo V. Reflexão e Notas de Campo sobre os momentos de jogo *Quem é quem?***

6/12/17

A primeira vez que jogámos este jogo, surgiu por vontade de uma criança - No Plano do dia, perguntamos ao grupo se mais alguém tem alguma sugestão sobre o que fazer. “Hoje podemos jogar jogos!” diz o Salvador. Digo que sim e pergunto se querem um jogo novo ou um dos outros que já tínhamos jogado. O Pedro diz que também quer, mas pede para ser um novo. 5 crianças dizem que querem jogar – Alícia, Pedro, Rafael, Salvador e Gonçalo.

Explico o jogo e pergunto quem quer ser o primeiro a vender os olhos. O Pedro diz que quer ser ele desta forma, aproximo-me da com a venda. A criança aproxima-se e diz “Não. Não quero ser eu. Não quero tapar os olhos”. Pergunto o porquê e o Pedro diz eu não quer. O Salvador oferece-se para ser o primeiro e peço ao Pedro para levar o Salvador – de olhos vendados – para a frente de uma criança. O Salvador toca apenas na cara da criança – A Alícia – e diz que não sabe quem é. O Rafael diz “É a Alícia”.

Inicialmente notou-se que as crianças ficavam muito impacientes e dizem logo um nome, sei tomar de facto atenção à exploração que faziam ou que poderiam fazer – A Alícia venda os olhos e colocam-na em frente ao Rafael, a Alícia mal toca no menino diz “Não sei.. Se calhar é o Pedro.”. Era notório que as crianças não tomavam atenção e diziam um nome de uma criança que estava à sua frente e por isso foi necessário, da minha parte, incentivar as crianças a tocarem com atenção, a cheirarem e a ouvirem de modo a que conseguissem perceber, conscientemente, qual a criança que estava à sua frente.

Passado pouco tempo, estão algumas crianças a observar o jogo e o Bernardo aproxima-se de mim e pergunta “Maria também posso jogar?” respondo que sim e a criança pede. O Rafael pergunta como se joga e o Salvador diz “É assim, pomos aquele lenço a tapar os olhos e depois alguém te leva para a frente de um menino ou menina e tu tens de tocar-lhe e descobrir quem é.”

O Bernardo está com os olhos vendados e está a tocar no Pedro e pergunta “Posso tocar também no cabelo?” e o Pedro responde “Sim!” o Bernardo afirma imediatamente

“Agora já sei quem é. É o Pedro, eu ouvi.” É notório que as crianças se conhecem pela voz, porém a exploração que fazem quando não utilizam a visão ou a audição é realizada, apenas através do tato. Desta forma, pretendi fomentar a exploração de outro sentido – o olfato.

O Pedro diz que quer ser ele a adivinhar, mas sente-se muito desconfortável em estar com os olhos vendados, por isso pergunto-lhe se sentirá mais confortável se não colocar a venda e for eu a tapar-lhe os olhos com as minhas mãos. A criança diz que sim, mas assim que lhe tapo os olhos a criança diz que não quer, dizendo que não quer jogar mais. Vou atrás da criança e falo com ele, explicando-lhe que não tem qualquer problema ele não querer estar de olhos vendados, dizendo que ele pode jogar de qualquer maneira. Se não quiser vender os olhos poderá, apenas, ficar na roda e não adivinhar quem é a pessoa. A criança fica mais calma e volta para o jogo. Observa, os pares, de olhos vendados durante várias rondas, e parece demonstrar vontade de querer vender os olhos, no entanto nota-se uma grande ansiedade para este momento.

O Gonçalo venda os olhos e o Pedro encaminha-o para a frente do Salvador, o Gonçalo começa a tocar no Salvador e diz “É alto, se calhar já sei quem é”. Pergunto à criança se tem a certeza e este diz que não. Por isso, sugiro à criança “E se cheirares, se calhar reconheces o cheiro deste amigo.” O Gonçalo cheira e diz muito convicto “É o Salvador!”. O Salvador a sorrir diz “Boa, acertaste!! Agora é a minha vez.”. Quando o Salvador está a vender os olhos a Carlota, a Carolina L e o Guilherme pedem para jogar, também. Pergunto ao grupo o que acha, e concordam.

O Salvador venda os olhos e, a Carolina L diz num tom muito baixo e a olhar para baixo - parecendo *envergonhada* - “Posso ser eu a levar o Salvador?” o grupo consente e a Carolina leva a o Salvador em direção à Carlota. A primeira coisa que o Salvador faz é cheirar a menina – aspeto positivo, explora outro tipo de sentido autonomamente -, mas como ficou com dúvidas toca na criança e afirma “Tem o cabelo comprido, é uma menina.” Volta a tocar na cara da criança e depois toca na roupa. E diz “Eu acho que é a Carlota, porque a Alcía tem o cabelo com caracóis e esta não tem.” Este momento foi muito positivo, visto que o Salvador, para além de utilizar os sentidos para perceber qual era a criança, pensou e demonstrou a sua atenção pelo grupo que estava presente no jogo e conclui que era a Carlota.

A certa altura o Pedro vem para perto de mim e diz-me baixinho, “Maria, eu quero tentar, mas podes tu tapar-me os olhos?”. Digo que sim, e tapo os olhos. Quando tapo os olhos o resto do grupo aponta para a Carolina L e dirijo o Pedro para frente da mesma e digo que já pode tentar perceber qual a criança que está à sua frente. O Pedro começa por tocar na cara e na roupa da criança e depois toca no cabelo e diz “Acho que já sei quem é! Tem caracóis. Podes falar um bocadinho?” e a Carolina L imite uns sons. Imediatamente o Pedro diz com um tom de voz *entusiasmado* “É a Carolina L, eu consegui!”. Este momento foi bastante positivo, na medida em que o Pedro conseguiu ultrapassar, em parte, a sua dificuldade de estar exposto de olhos vendados.

Fazendo um balanço geral do jogo, penso que este foi muito positivo, no início foi notória que as crianças não davam muito tempo à exploração e ao recurso dos diversos sentidos, parecendo que queriam adivinhar, de imediato, quem é que estava à sua frente, parecendo que estavam com um sentido competitivo, para ver quem é que conseguia adivinhar primeiro. No entanto, notou-se, durante a atividade, uma evolução nas crianças, na medida em que estas começaram a ter de facto atenção aos pormenores que captavam através do tato, do olfato e da audição. Tinham atenção ao outro, pensavam em cada um, na sua cabeça e memória interior, como é que era cada criança. Por exemplo, se tocassem num cabelo encaracolado pensavam quais eram as crianças da sala que tinham o cabelo com estas características.

Desta forma, penso que esta atividade foi bastante proveitosa para o grupo. Foi interessante verificar, que passados alguns dias as crianças jogaram, num momento de recreio, este jogo autonomamente:

Cheguei ao pátio, depois da minha hora de almoço e estavam três crianças a jogar, uma tapava os olhos a outra e essa tentava adivinhar qual era a criança que estava à sua frente. (Nota de Campo, 12/12/17)

Para além disso, houve outra evidência que me despertou atenção para a possibilidade desta atividade ter despertado outro tipo de atenção nestas crianças, na medida em que estes pareciam um pouco mais atentos a cheiros. Veja-se a seguinte situação

A Alcía chegou à sala e sentou-se ao lado da Maria, esta observou-a e depois disse-lhe baixinho “Cheiras muito bem Alcía.” (Nota de Campo, 11/12/17).

## Anexo W. Análise Categorical

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Registos
Jogo dramático	Exposição ao grupo	Dificuldade de exposição / Sinais de Vergonha	“Não consegui ouvir nada” diz o Afonso L enquanto baixa o olhar, parecendo um pouco envergonhado. (NC - Telefone estragado, 20/11/17)
			A ultima criança – aquela que tem de dizer alto a mensagem passada ao longo do jogo – começou a encolher-se e a olhar para baico. “Não queres dizer alto, Matilde?” pergunto eu. A criança encolhe-se e diz que não com a cabeça. “Queres dizer ao ouvido de alguém e depois essa pessoa diz em alto?” a criança diz que sim e diz ao meu ouvido. (NC - Telefone estragado, 20/11/17)
			“Maria eu quero começar.” Diz o Afonso L. pergunto ao grupo se concorda e dizem que sim. A criança fica algum tempo a pensar e depois diz envergonhado “Não sei nenhuma palavra.” (NC - Telefone estragado, 20/11/17)

			Quando chega a vez da Margarida dizer ao meu ouvido a palavra esta diz “Eu não consigo dizer baixinho” baixando a cabeça, parecendo <i>envergonhada</i> . “Eu ajudo-te, ponho as minhas mãos no meu ouvido e o resto do grupo diz «la la la» digo eu. A criança e hesita, mas acaba por dizer a palavra. (NC - Telefone estragado, 20/11/17)	
			“Quem quer começar?” pergunto eu. O Salvador coloca o dedo no ar e a Lia diz “Eu não quero ser a última.” (NC - Telefone estragado, 20/11/17)	
			Inicialmente [a Sara] fica parada e olha para mim, parecendo estar um pouco <i>envergonhada</i> . (NC - <i>mímica</i> , 30/11/17)	
			O Salvador vanda os olhos e a Carolina L diz, num tom muito baixo e a olhar para baixo, parecendo <i>envergonhada</i> “Posso ser eu a levar o Salvador?” (NC - Quem é quem, 23/11/17))	
			A Sara esboça um pequeno sorriso e volta a sentar-se. A criança parecia estar contente, mas bastante <i>envergonhada</i> . (NC - <i>mímica</i> , 30/11/17)	
			A Giulia diz que é um pássaro, mas diz “Eu não quero fazer, só quero adivinhar. Por isso o Afonso pode ir.” (NC - <i>mímica</i> , 30/11/17)	
			A Carlota era a ultima criança e por isso tinha de dizer a palavra em alto para o grupo ouvir. A certa altura olha para mim e pergunta “Sou eu que vou dizer a todos?” eu afirmo que sim e digo que tenho a certeza que ela vai conseguir. Quando chega a altura de a Carlota dizer a palavra esta diz “Eu ouvi carne com arroz” muito baixinho. (NC - Telefone estragado, 7/12/17)	

			O Salvador quando tentou começar a mimar o que lhe tinha sugerido ficou muito quieto enquanto olhava para baixo e depois olhava para mim. (NC - mimica, 4/12/17)	
			O Afonso L e o Gonçalo começaram a rir e a Rita ficou muito envergonhada e parou de mimar aquilo que estava a fazer. (NC - mimica, 4/12/17)	
			Maria posso ser eu a dizer quem troca de lugar?” pergunta a Alícia. Digo que sim e a Alícia diz “Só podem abrir os olhos quando eu tocar em vocês”. A Alícia toca no Pedro e na Matilde A e a Matilde diz “Não, eu não quero trocar de lugar!” (NC - Quem saiu do grupo, 8/01/18)	
		Facilidade em exposição	Quem quer jogar este jogo?” pergunto. Todas as crianças dizem que querem, por isso pergunto, “Quem é que quer explicar o jogo aos meninos que não jogaram da ultima vez?” o Rafael põe imediatamente a mão no ar e diz “Temos que dizer uma palavra muito baixinho ao ouvido do menino que está ao nosso lado e depois a ultima pessoa da roda” (NC - mímica, 4/12/17)	
			A Leonor, começou de imediato a fazer uma cara triste, virando a boca para baixo e depois começou a esfregar os olhos. (NC - mimica, 4/12/17)	
		Falta de Autoconfiança	Quando chega a vez da Margarida dizer ao meu ouvido a palavra esta diz “Eu não consigo dizer baixinho” baixando a cabeça, parecendo <i>envergonhada</i> . “Eu ajudo-te, ponho as minhas mãos no meu ouvido e o resto do grupo diz «la la la» digo eu. A criança e hesita, mas acaba por dizer a palavra. (NC, Telefone estragado, 20/11/17)	

			O Rafael está a jogar o jogo, mostrando-se empenhado e motivado, mas a certa altura o Afonso L senta-se ao pé dele e o Rafael começa a ter atitudes que não estava a ter anteriormente – fazer sons com a boca, bater com os pés no chão, e falhar propositadamente no jogo – e sempre que tem uma destas atitudes olha para o Afonso L, parecendo que está a procura da sua aprovação, visto que quando o Afonso se ri o Rafael repete aquilo que fez, quando o Afonso não se ri o Rafael para. (NC - Quem saiu do Grupo, 23/11/17)	
	Atenção ao outro	Desrespeito pela vez do outro	A Lia pede para começar e o Afonso B diz “Não não! Quero ser eu! Eu vou começar!” (NC - Telefone estragado, 20/11/17)	
		Observação atenta e consequente verbalização	“Foi a Matilde M que saiu da roda. Eu sei porque ela estava ao meu lado e agora já não está” afirma a Maria, entusiasmada. (NC - Quem saiu do grupo, 23/11/17)	
			O Rafael olha atentamente para o grupo e diz “Eu acho que foi a Maria, porque ela estava ali! Ah afinal não, a Maria está ali.” (NC - Quem saiu da roda, 23/11/17)	
			O Martim abre os olhos e diz “Ui, está difícil. Eu acho que não foi ninguém. Eu não troquei.” (NC - Quem saiu do grupo, 8/01/17)	
			O Bernardo está com os olhos vendados e está a tocar no Pedro e pergunta “Posso tocar também no cabelo?” e o Pedro responde “Sim!” o Bernardo afirma imediatamente “Agora já sei quem é. É o Pedro, eu ouvi.” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Gonçalo venda os olhos e o Pedro encaminha-o para a frente do Salvador, o Gonçalo começa a tocar no Salvador e diz “É alto, se calhar já sei quem é”. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	

			Sugiro à criança “E se cheirares, se calhar reconheces o cheiro deste amigo.” O Gonçalo cheira e diz muito convicto “É o Salvador!”. O Salvador a sorrir diz “Boa, acertaste!! Agora é a minha vez.”. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			A primeira coisa que o Salvador faz é cheirar a menina, mas como ficou com duvidas toca na criança e afirma “Tem o cabelo comprido, é uma menina.” Volta a tocar na cara da criança e depois toca na roupa. E diz “Eu acho que é a Carlota, porque a Alícia tem o cabelo com caracóis e esta não tem.” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			“Eu acho que é a Carlota, porque a Alícia tem o cabelo com caracóis e esta não tem.” [diz o Salvador]. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Pedro começa por tocar na cara e na roupa da criança e depois toca no cabelo e diz “Acho que já sei quem é! Tem caracóis. Podes falar um bocadinho?” e a Carolina L imite uns sons. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			A Alícia chegou à sala e sentou-se ao lado da Maria, esta observou-a e depois disse-lhe baixinho “Cheiras muito bem Alícia.” (NC - Quem é quem, 11/12/17)	
			Colocou-se de pé e esticou o corpo o mais que podia. A crianças observavam e o Tomás perguntou “É alto?” O Afonso sorriu e esticou-se ainda mais a Sara observava atentamente e diz “Eu sei, é aquele animal muito alto com um grande pescoço, é uma girafa!” (NC - mimica, 30/11/17)	

			A Giulia diz passado pouco tempo “Ah eu sei! É um pássaro, tem asas.” (NC - mimica, 30/11/17 )	
			Para completar esta informação dei um exemplo, fui um cão, movendo-me em quatro patas e fazendo pequenos gestos que imitavam o cão, como por exemplo a lamber as suas patas. As crianças observaram-me e o Luís disse “Estás a lamber as patas, quem faz isso são os cães. És um cão!”. (NC - mimica, 30/11/17)	
			Fica assim breves segundos e coloca-se de gatas e anda pela área do teatro. O grupo observa-a e vai-se virando de maneira a ver, sempre, a criança. (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Afonso L diz “É um cão. O Cão anda assim.” (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Tomás passado pouco tempo diz “É um cavalo!” (NC - mimica,30/11/17)	
			Eu complemento “Muito bem Giulia, essa é uma grande pista. Olhem meninos, a Giulia está a apontar para o corpo dela, do animal, e parece que está a fazer assim umas riscas...” O Afonso L diz “Ah eu já sei!! É uma zebra!” A Giulia fica bastante animada e diz “Ufa, estava difícil. Sim, é uma zebra!” Volto a dar os parabéns à Giulia e ao grupo. (NC - mimica, 30/11/17)	

			O Francisco C ri-se e diz “É um leão” e o Afonso diz logo “Não não, mas é parecido.” Passados breves momentos o Tomás diz “É um tigre”. O Afonso levanta-se e diz, parecendo <i>entusiasmado</i> , “Sim sim sim!!” (NC - mimica, 30/11/17)	
			Começa a fazer e deita-se no chão e começa a rastejar, assim que o Tomás se deitou o Francisco C afirma “Eu sei, eu sei! É a cobra porque está a rastejar” (NC - mimica, 30/11/17)	
			A certa altura, a Sara diz “Hm... eu não sei, não percebo. Faz mais coisas”. O Francisco faz o mesmo movimento e imite um som, imitando o guincho do macaco. As crianças reagem ao barulho e o Luís diz “Macaco! És um macaco!”. (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Luís sorri e olha para o chão e começa a mexer os braços como se fossem as asas. A Giulia diz que é um (NC - mimica, 30/11/17)	
			A Sara diz “Eu já sei. Esse animal também come queijo! É um rato!” O Afonso diz “Boa!” (NC - mimica, 30/11/17)	
			A Sara quer fazer de canguru, começa a saltar e põe as mãos à frente da barriga, parecendo que as tem dentro de um bolso. O Tomás diz “Canguru, é um canguru.” (NC - mimica, 30/11/17)	
			A Leonor A disse “Pareces triste, estás a fazer de um menino triste?” o Salvador esboçou um grande sorriso e disse “Sim! Adivinhaste! Eu consegui! Agora sou eu que te digo o que é que vais fazer!” (NC - mimica, 4/12/17)	
			A Leonor, começou de imediato a fazer uma cara triste, virando a boca para baixo e depois começou a esfregar os olhos. O Martim disse “Estás com sono? Parece que ela <i>está</i> com sono e por isso está a esfregar os olhos.” (NC - mimica, 4/12/17)	

			O grupo está muito silencioso, a observar a Leonor, até que a Rita diz “Estás a chorar! Ela está a chorar, porque está triste”, o Salvador e a Leonor dizem animados “Sim!!!” (NC - mimica, 4/12/17)	
		Falta de atenção / Impaciencia	A Alícia venda os olhos e colocam-na em frente ao Rafael, a Alícia mal toca no menino diz “Não sei.. Se calhar é o Pedro.” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Salvador toca apenas na cara da criança – A Alícia – e diz que não sabe quem é. O Rafael diz “É a Alícia”. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Afonso coloca-se de gatas e começa a andar muito rápido pela sala, as crianças não dizem nada durante muito tempo e o Afonso diz “Então, não dizem nada?” (NC - mimica30/11/17)	
			Faz duas vezes esta repetição de movimentos e para, esperando que <i>os pares digam alguma coisa</i> . O Tomás diz “Então, não fazes mais nada?” e o Francisco volta a repetir. (NC - mimica, 30/11/17)	
			“Vá despacha-te” disse o Afonso L inquieto e um pouco impaciente. (NC - mimica, 30/11/17)	
			Algumas crianças começavam a ficar impacientes com este jogo porque já eram bastantes – 12 – e por isso tinham de esperar muito pela sua vez de dizer à pessoa que estava ao seu lado. (NC - telefone estragado, 7/12/17)	
	Exposição sem recurso à visão		Dificuldade em estar exposto	Muitas crianças – Martim, Afonso L, Leonor T, e outras – abriam os olhos na altura que deviam estar de olhos fechados para ver quem estava a sair da roda. (Nc - Quem saiu do grupo, 23/11/17)

		sem recurso à visão	As crianças têm muita dificuldade em não olhar, mesmo quando sugiro que se deitem de barriga de para baixo e com a cabeça de virada para baixo algumas crianças têm a tendência a olhar. (NC - Quem saiu do grupo, 23/11/17)	
			A criança [o Pedro] aproxima-se e diz “Não. Não quero ser eu. Não quero tapar os olhos”. Pergunto o porquê e o Pedro diz eu não quer. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Pedro diz que quer ser ele a adivinhar, mas sente-se muito desconfortável em estar com os olhos vendados, por isso pergunto-lhe se sentirá mais confortável se não colocar a venda e for eu a tapar-lhe os olhos com as minhas mãos. A criança diz que sim, mas assim que lhe tapo os olhos a criança diz que não quer, dizendo que não quer jogar mais (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			[O Pedro] Observa, os pares, de olhos vendados durante várias rondas, e parece demonstrar vontade de querer vendar os olhos, no entanto nota-se uma grande ansiedade para este momento. (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			Muitas crianças – Martim, Afonso L, Leonor T, e outras – abriam os olhos na altura que deviam estar de olhos fechados para ver quem estava a sair da roda. (NC - Quem saiu do grupo, 23/11/17)	
			Hoje, as crianças têm mais facilidade em manter os olhos fechados. Só abrem quando a troca demora mais um pouco, sentem-se desconfortáveis por estar de olhos fechados durante um longo período de tempo. (NC - Quem saiu do grupo, 8/01/17)	

			<p>“Maria, eu quero tentar, mas podes tu tapar-me os olhos?” [diz-me o Pedro]. Digo que sim, e tapo os olhos. Quando tapo os olhos o resto do grupo aponta para a Carolina L e dirijo o Pedro para frente da mesma e digo que já pode tentar perceber qual a criança que está à sua frente. (NC - Quem é quem? 23/11/17)</p>	
			<p>Hoje, as crianças têm mais facilidade em manter os olhos fechados. Só abrem quando a troca demora mais um pouco, sentem-se desconfortáveis por estar de olhos fechados durante um longo período de tempo. (NC - Quem saiu do grupo, 8/01/17)</p>	
	Motivação	Aumento do número de criança em jogo	<p>No início eram 4 crianças a jogar o "Telefone estragado", a certa altura outras crianças começaram a observar e quiseram juntar-se. Ficámos 7 pessoas a jogar. (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
<p>Passado pouco tempo, estão algumas crianças a observar o jogo e o Bernardo aproxima-se de mim e pergunta “Maria também posso jogar?” (NC - Quem é quem, 23/11/17)</p>				
<p>Carlota, a Carolina L e o Guilherme pedem para jogar, também. (NC - Quem é quem, 23/11/17)</p>				
<p>Começámos o jogo "Quem saiu do grupo" com 6 crianças que manifestaram vontade de jogar este jogo, no fim eram 18 crianças. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/17)</p>				
		Saturação por parte das crianças	<p>Algumas crianças começavam a ficar impacientes com este jogo porque já eram bastantes – 12 – e por isso tinham de esperar muito pela sua vez de dizer à pessoa que estava ao seu lado. Então sugeri “Eu conheço outro jogo, mas este temos de ter muita atenção e os nossos olhos têm de estar muito abertos para conseguirmos jogar este</p>	

			jogo". A Leonor T disse "Ok, então vamos todos pôr os óculos para ver bem!". Expliquei o jogo e começámos a jogar. (NC, quem saiu do grypo, 23/11/17)	
			A Giulia diz que é um pássaro, mas diz "Eu não quero fazer, só quero adivinhar. Por isso o Afonso pode ir." O Afonso fica muito contente e diz "Yes!" (NC - mimica, 30/11/17)	
		Evidências verbais / físicos	As crianças mostram muito entusiasmo em que chegue a sua vez de dizer a palavra a quem está ao seu lado. Demosntram-se irrequietos, olhando uns para os outros. (NC, telefone estragdo, 20/11/17)	
			Quando disseram a palavra ao ouvido do Afonso B este disse alto: "Ah eu ouvi, era maçã!". Expliquei de novo o jogo. Sugerí que todos disséssemos «la la la» para não se ouvir a palavra que estava a ser segredada. (NC - telefone estragado, 20/11/17)	
			"Foi a Matilde M que saiu da roda. Eu sei porque ela estava ao meu lado e agora já não está" afirma a Maria, entusiasmada. (Nc - Quem saiu do grupo, 23/11/17)	
			O Salvador a sorrir diz "Boa, acertaste!! Agora é a minha vez.". (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			Imediatamente o Pedro diz com um tom de voz entusiasmado "É a Carolina L, eu consegui!". ( NC - Quem é quem, 23/11/17)	

			O Francisco C ri-se e diz “É um leão” e o Afonso diz logo “Não não, mas é parecido.” Passados breves momentos o Tomás diz “É um tigre”. O Afonso levanta-se e diz, parecendo entusiasmado, “Sim sim sim!!” (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Afonso explicou o jogo – pôs-se de pé e explicou euforicamente, mexendo as mãos e dando exemplos de papeis, a certa altura fez de cão para que as restantes crianças percebessem o jogo. (NC - mimica, 4/12/17)	
			O Afonso explicou o jogo – pôs-se de pé e explicou euforicamente, mexendo as mãos e dando exemplos de papeis, a certa altura fez de <i>cão</i> para que as restantes crianças percebessem o jogo. (NC - mimica, 4/12/17)	
			Chegámos à ultima criança e esta disse alto “Castelo de Chuchurumelo” e a Maria exclama “Está certo, o telefone não está estragado. Está bom!” (NC - telefone estragado, 7/12/17)	
			O João foi se esconder e quando o grupo abre os olhos e eu pergunto “Muito bem meninos, quem é que saiu?” o João aparece, sorrindo, e diz “Fui eu, estou escondido!” (NC -Quem saiu da roda, 8/01/18)	
			O João foi se esconder e quando o grupo <i>abre</i> os olhos e eu pergunto “Muito bem meninos, quem é que saiu?” o João aparece, sorrindo, e diz “Fui eu, estou escondido!” (NC -Quem saiu da roda, 8/01/18)	
			“Maria podemos voltar a jogar aquele jogo para descobrir quem é que já não está no grupo?” pergunta a Maria. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/18)	
	Iniciativa	Adulto	“Começamos a dizer só uma palavra. Querem que eu comece ou algum de vocês quer começar?” pergunto. <u>O grupo de 4 crianças diz que sou eu a iniciar o jogo.</u> Disse a palavra “maçã”. (NC, Telefone estragado, 20/11/17)	

			<p>Algumas crianças começavam a ficar impacientes com este jogo porque já eram bastantes – 12 – e por isso tinham de esperar muito pela sua vez de dizer à pessoa que estava ao seu lado. Então sugeri “Eu conheço outro jogo, mas este temos de ter muita atenção e os nossos olhos têm de estar muito abertos para conseguirmos jogar este jogo”. A Leonor T disse “Ok, então vamos todos pôr os óculos para ver bem!”. Expliquei o jogo e começámos a jogar. (NC - Quem saiu da roda, 23/11/17)</p>	
			<p>Propus às crianças que jogássemos mimica com recurso aos animais que apareciam no livro (NC - Mimica, 30/11/17)</p>	
			<p>“Vocês estão muito bons neste jogo. Querem torna-lo um pouco mais difícil?” As crianças respondem que sim e os rapazes que estão presentes ficam bastante entusiasmados. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/18)</p>	
		Criança	<p>“Maria eu quero começar.” Diz o Afonso L. pergunto ao grupo se concorda e dizem que sim. A criança fica algum tempo a pensar e depois diz envergonhado “Não sei nenhuma palavra.” (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
			<p>“Quem quer começar?” pergunto eu. O Salvador coloca o dedo no ar e a Lia diz “Eu não quero ser a última.” (NC - Telefone estragado, 20/11/17)</p>	
			<p>“Começámos a dizer só uma palavra. Querem que eu comece ou algum de vocês quer começar?” pergunto. O grupo de 4 crianças diz que sou eu a iniciar o jogo. Disse a palavra “maçã”. (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
			<p>No Plano do dia, perguntamos ao grupo se mais alguém tem alguma sugestão sobre o que fazer. “Hoje podemos jogar jogos!” diz o Salvador. (NC- Quem é quem, 23/11/17)</p>	
			<p>Explico o jogo e pergunto quem quer ser o primeiro a vendar os olhos. O pedro diz que quer ser ele desta forma, aproximo-me da com a venda. (NC - Quem é quem, 23/11/17)</p>	

			O Salvador oferece-se para ser o primeiro e peço ao Pedro para levar o Salvador – de olhos vendados – para a frente de uma criança. (NC- Quem é quem, 23/11/17)	
			Bernardo aproxima-se de mim e pergunta “Maria também posso jogar?” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			Passado pouco tempo, estão algumas crianças a observar o jogo e o Bernardo aproxima-se de mim e pergunta “Maria também posso jogar?” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Salvador venda os olhos e a Carolina L diz, num tom muito baixo e a olhar para baixo, parecendo <i>envergonhada</i> “Posso ser eu a levar o Salvador?” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			“E agora, o que é que querem fazer enquanto esperamos pelo resto do grupo e pela hora do almoço?”. O Afonso L interveio e disse “Aquele jogo! Aquele da mimica”. (NC - mimica, 4/12/17)	
			À tarde o Henrique veio ter comigo e disse-me “Tenho um desafio para ti. Eu vou-te pedir uma coisa, mas <i>não</i> vou falar, vou fazer por gestos!” (NC - mimica, 4/12/17)	
			Estamos à espera da fruta e o Rafael diz “Maria, podemos jogar aquele jogo das palavras, o telefone?” (NC, telefone estragado, 7/12/17)	
			Cheguei ao pátio, depois da minha hora de almoço e estavam três crianças a jogar, uma tapava os olhos a outra e essa tentava adivinhar qual era a criança que estava à sua frente. (NC - Quem é quem, 12/12/17)	

			<p>“Maria podemos voltar a jogar aquele jogo para descobrir quem é que já não está no grupo?” pergunta a Maria. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/18)</p>	
			<p>Maria posso ser eu a dizer quem troca de lugar?” pergunta a Alicia. Digo que sim e a Alicia diz “Só podem abrir os olhos quando eu tocar em vocês”. A Alicia toca no Pedro e na Matilde A e a Matilde diz “Não, eu não quero trocar de lugar!” (NC - Quem saiu do grupo, 8/01/18).</p>	
Relação	Relação criança adulto	Confiança da criança no adulto	<p>A ultima criança – aquela que tem de dizer alto a mensagem passada ao longo do jogo – começou a encolher-se e a olhar para baixo. “Não queres dizer alto, Matilde?” pergunto eu. A criança encolhe-se e diz que não com a cabeça. “Queres dizer ao ouvido de alguém e depois essa pessoa diz em alto?” a criança diz que sim e diz ao meu ouvido. (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
			<p>Quando chega a vez da Margarida dizer ao meu ouvido a palavra esta diz “Eu não consigo dizer baixinho” baixando a cabeça, parecendo <i>envergonhada</i>. “Eu ajudo-te, ponho as minhas mãos no meu ouvido e o resto do grupo diz «la la la» digo eu. A criança e hesita, mas acaba por dizer a palavra. (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
			<p>Pedro vem para perto de mim e diz-me baixinho, “Maria, eu quero tentar, mas podes tu tapar-me os olhos?”. (NC - Quem é quem, 23/11/17)</p>	
			<p>Disse-lhe ao ouvido “Podes fazer de menino triste, o que achas?”. O Salvador sorriu e disse “Está bem, vou tentar”. (NC - mimica, 4/12/17)</p>	

			De seguida a Leonor diz algo ao ouvido da Rita, que de seguida vem para perto de mim e diz-me baixinho “É difícil, posso fazer ao pé de ti para me ajudares?” (NC, Mímica, 4/12/17)	
			A Carlota era a ultima criança e por isso tinha de dizer a palavra em alto para o grupo ouvir. A certa altura olha para mim e pergunta “Sou eu que vou dizer a todos?” eu afirmo que sim e digo que tenho a certeza que ela vai conseguir. Quando chega a altura de a Carlota dizer a palavra esta diz “Eu ouvi carne com arroz” muito baixinho. (NC, telefone estragado, 7/12/17)	
		Necessidade de apoio do adulto	Bernardo aproxima-se de mim e pergunta “Maria também posso jogar?” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			“Força Sara, tenho a certeza que consegues, ainda por cima escolheste logo esse animal, deves gostar muito dele” digo. A Sara começa a mexer os braços, fazendo movimentos de cima para baixo, mas não sai do lugar. (NC - mimica, 30/11/17)	
			Eu complemento “Muito bem Giulia, essa é uma grande pista. Olhem meninos, a Giulia está a apontar para o corpo dela, do animal, e parece que está a fazer assim umas riscas...” O Afonso L diz “Ah eu já sei!! É uma zebra!” A Giulia fica bastante animada e diz “Ufa, estava difícil. Sim, é uma zebra!” Volto a dar os parabéns à Giulia e ao grupo. (NC - mimica, 30/11/17)	
			EU intervenho e digo “Já viram como este animal anda rápido, parece que até corre. Afonso, como é que é a expressão deve animal, parece contente ou zangado?” a criança muda de expressão e franze muito os olhos e aproxima-se do Tomás e imita o rugido do tigre. (NC - mimica, 30/11/17)	

			<p>A criança fica parada no lugar e não faz qualquer tipo de movimento. “Precisas de ajuda?” pergunto. A criança diz-me que não com a cabeça, mas continua parado. Decidi intervir e digo “Como é que andas, quais são os movimentos que fazes?” O Francisco começa a fazer pequenos movimentos, levando as mãos às axilas. (NC - mimica,30/11/17)</p>	
			<p>“Precisas de alguma ajuda? Vamos lá Salvador, eu sei que tu consegues, tu és muito bom nas peças de teatro por isso neste jogo também vais ser” disse eu. O Salvador olhou para mim e disse “É difícil, mas vou tentar” (NC - mimica, 4/12/17)</p>	
			<p>“Mas eu tenho a certeza que consegues fazer tudo sozinha e se for preciso a Leonor também te pode ajudar, porque ela sabe o que te disse. Boa?” A Rita acena-me com a cabeça enquanto esboça um sorriso. (NC - mimica, 4/12/17)</p>	

			<p>O Afonso L e o Gonçalo começaram a rir e a Rita ficou muito envergonhada e parou de mimar aquilo que estava a fazer. Decidi intervir e disse “Rita, não precisas de ficar assim, eu acho que eles não estavam a gozar contigo. Meninos podem explicar à Rita porque é que se estavam a rir?” o Afonso diz “Não, não eu não estava a gozar. Eu estava a rir porque a cara dela estava engraçada, parecia quando a minha mãe se zanga.” A Rita esboçou um sorriso e olhou para mim. “Era isso que estavas a fazer Rita, estavas a fazer de uma menina zangada?” a Rita diz-me que sim, muito baixo, e eu completo “Vês Rita, fizeste tão bem que o Afonso L se lembrou da cara da mãe dele quando ele faz disparates!” e sorri, o Afonso L começou a rir bastante e a Rita acaba por rir também. (NC - mimica,4/12/17)</p>	
	Relação entre pares	Competitividade	<p>“Maria eu quero começar.” Diz o Afonso L. pergunto ao grupo se concorda e dizem que sim. A criança fica algum tempo a pensar e depois diz envergonhado “Não sei nenhuma palavra.” (NC, telefone estragado, 20/11/17)</p>	
<p>“Agora ninguém sai da roda, o que acham de dois meninos ou meninas trocarem só de lugar e vocês têm de perceber quem trocou?” pergunto. “Sim, é giro e difícil, mas eu vou ganhar” diz o Martim. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/18)</p>				
<p>“Vocês estão muito bons neste jogo. Querem torna-lo um pouco mais difícil?” As crianças respondem que sim e os rapazes que estão presentes ficam bastante entusiasmados. (NC, Quem saiu do grupo, 8/01/18)</p>				
	Regulação entre pares		<p>“Não Afonso” disse o Rafael. “Não podes dizer alto a palavra” (NC - telefone estragado, 20/11/17)</p>	

			O Rafael pergunta como se joga e o Salvador diz “É assim, pomos aquele lenço a tapar os olhos e depois alguém te leva para a frente de um menino ou menina e tu tens de tocar-lhe e descobrir quem é.” (NC - Quem é quem, 23/11/17)	
			O Afonso L diz “É um cão. O Cão anda assim.” A Giulia responde “Não, não é um cão.” (NC - mimica,30/11/17)	
			O Tomás passado pouco tempo diz “É um cavalo!” e a Giulia volta a dizer que não. (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Afonso L começa a dizer que quer ser ele agora, mas o Luís diz “Não, agora sou eu! Eu é que adivinhei!” O Afonso amua, virando costas. O Luís vai ter com a criança e diz “Não precisas de ficar assim, se adivinhares o meu, a seguir és tu!” A criança volta para perto do grupo e fica muito atento, parecendo que se está a esforçar muito para conseguir adivinhar o que o seu par está a mimar. (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Luís escolhe ser o pássaro e inicialmente anda, apenas, pela sala. A Giulia diz “Assim não se percebe, tens de fazer mais.” E a Sara diz “Pois é, Maria eu não sei.” (NC - mimica, 30/11/17)	

			A Giulia diz que é um pássaro, mas diz “Eu não quero fazer, só quero adivinhar. Por isso o Afonso pode ir.” O Afonso fica muito contente e diz “Yes!” (NC - mimica, 30/11/17)	
			A Sara diz “Eu já sei. Esse animal também come queijo! É um rato!” O Afonso diz “Boa!” (NC - mimica, 30/11/17)	
			A Sara quer fazer de canguru, começa a saltar e põe as mãos à frente da barriga, parecendo que as tem dentro de um bolso. O Tomás diz “Canguru, é um canguru.” A Sara diz que diz, enquanto sorri, mas o grupo é interrompido pelo o Afonso que diz “Não, não. O canguru não salta assim, eles saltam de pé” e exemplifica. Todo o grupo andou durante uns momentos pela área do teatro como canguru e de seguida disse “Agora somos todos cobras” e todas rastejaram pelo chão. (NC - mimica, 30/11/17)	
			Questionei o grupo sobre quem decidia o que iam mimar e a Alícia, que também estava neste grupo e já tinha jogado disse, “Podemos ser nós a escolher. Quem faz primeiro diz ao menino que faz a seguir.” Concordei e perguntei apenas quem escolhia o que a primeira criança ia mimar, uma vez que não existia nenhum antecedente. O Salvador respondeu “Podes ser tu Maria. Posso começar eu?” (NC - mimica, 4/12/17)	

			<p>Passado pouco tempo a menina completa “Não, não é isso. Agora vou voltar a fazer o que o Salvador me disse” (NC - mimica, 4/12/17)</p>	
			<p>Quem quer jogar este jogo?” pergunto. Todas as crianças dizem que querem, por isso pergunto, “Quem é que quer explicar o jogo aos meninos que não jogaram da ultima vez?” o Rafael põe imediatamente a mão no ar e diz “Temos que dizer uma palavra muito baixinho ao ouvido do menino que está ao nosso lado e depois a ultima pessoa da roda” (NC - Telefone estragado, 7/12/17)</p>	
			<p>Maria posso ser eu a dizer quem troca de lugar?” pergunta a Alícia. Digo que sim e a Alícia diz “Só podem abrir os olhos quando eu tocar em vocês”. A Alícia toca no Pedro e na Matilde A e a Matilde diz “Não, eu não quero trocar de lugar!” (NC - Quem saiu da roda, 8/01/18)</p>	
Consciência de si	Segurança na Exposição ao outro	Autoconfiança	<p>“Eu ouvi bababababa” diz o Afonso B. Pergunto a cada criança qual foi a palavra que passou ao colega e apercebo-me que a mensagem passou intacta até ao Afonso B e por isso pergunto-lhe “Afonso, qual foi a palavra que ouviste?” “Eu ouvi banana, mas quis que o telefone tivesse estragado”. O grupo ri-se e o Afonso ri-se, também. (NC, Telefone estragado, 20/11/17)</p>	

		Falta de Autoconfiança	Quando chega a vez da Margarida dizer ao meu ouvido a palavra esta diz “Eu não consigo dizer baixinho” baixando a cabeça, parecendo envergonhada. “Eu ajudo-te, ponho as minhas mãos no meu ouvido e o resto do grupo diz «la la la» digo eu. A criança e hesita, mas acaba por dizer a palavra. (NC, telefone estragado, 20/11/17)	
			O Rafael está a jogar o jogo, mostrando-se empenhado e motivado, mas a certa altura o Afonso L senta-se ao pé dele e o <i>Rafael</i> começa a ter atitudes que não estava a ter anteriormente – fazer sons com a boca, bater com os pés no chão, e falhar propositadamente no jogo – e sempre que tem uma destas atitudes olha para o Afonso L, parecendo que está a procura da sua aprovação, visto que quando o Afonso se ri o Rafael repete aquilo que fez, quando o Afonso não se ri o Rafael para. (NC, quem saiu do grupo, 23/11/17)	
		Valrização do seu desempenho	Começa a fazer e deita-se no chão e começa a rastejar, assim que o Tomás se deitou o Francisco C afirma “Eu sei, eu sei! É a cobra porque está a rastejar” o Tomás diz feliz “Foi tão rápido, boa”. (NC - mimica, 30/11/17)	
			O Afonso fica muito contente e olha para mim enquanto sorri “Vês Maria, eu fiz bem. A Sara adivinhou que era uma girafa.” (NC - mimca, 30/11/17)	
			A Leonor A disse “Pareces triste, estás a fazer de um menino triste?” o Salvador esboçou um grande sorriso e disse “Sim! Adivinhaste! Eu consegui! Agora sou eu que te digo o que é que vais fazer!” (NC - mimica, 4/12/17)	